

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR  
NÚCLEO DE SAÚDE  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
MESTRADO ACADÊMICO

JÉSSICA FABRÍCIA SILVA LIMA

**RIOS, MARGENS E TRAJETÓRIAS: ESTUDANTES RIBEIRINHAS NA  
UNIVERSIDADE**

PORTO VELHO/RO

2021

JÉSSICA FABRÍCIA SILVA LIMA

**RIOS, MARGENS E TRAJETÓRIAS: ESTUDANTES RIBEIRINHAS NA  
UNIVERSIDADE**

Porto Velho/RO

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

---

L732r Lima, Jéssica Fabrícia Silva.

Rios, margens e trajetórias: estudantes ribeirinhas na universidade /  
Jéssica Fabrícia Silva Lima. -- Porto Velho, RO, 2021.

110 f.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Dra. Lilian Caroline Urnau

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) - Fundação Universidade  
Federal de Rondônia

1.Subjetividade . 2.Ribeirinho. 3.Psicologia sócio-histórica. 4.Narrativa .  
5.Amazônia . I. Urnau, Lilian Caroline. II. Título.

CDU 159.92

---

Bibliotecário(a) Renata Cortinhas Bulhões

CRB 11/1010

14/04/2022 15:21

SEI/UNIR - 0665802 - Folha de aprovação de Defesa de Mestrado



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"RIOS, MARGENS E TRAJETÓRIAS: ESTUDANTES RIBEIRINHAS NA UNIVERSIDADE"

JÉSSICA FABRÍCIA SILVA LIMA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Linha de Pesquisa: Psicologia, Educação e Sociedade

Orientadora: Profa. Dra. Lílian Caroline Urnau

Banca examinadora:

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Lílian Caroline Urnau – Orientadora/PPGPSI/UNIR/RO

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Iolete Ribeiro da Silva – Avaliadora externa/PPGPSI/UFAM

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Juliana da Silva Nóbrega – Avaliadora interna/PPGPSI/UNIR/RO

Dissertação aprovada em: 07 de maio de 2021.



Documento assinado eletronicamente por IOLETE RIBEIRO DA SILVA, Usuário Externo, em 11/05/2021, às 12:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2013](#).



Documento assinado eletronicamente por JULIAN CAROLINE URNAU, Docente, em 11/05/2021, às 18:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2013](#).

Documento assinado eletronicamente por JULIANA DA SILVA NOBREGA, Docente, em 28/05/2021, às 17:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2013](#).

[http://sei.unir.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_inprimir\\_web&acao\\_origem=avore\\_visualizar&id\\_documento=773510&info\\_sistema=1...](http://sei.unir.br/sei/controlador.php?acao=documento_inprimir_web&acao_origem=avore_visualizar&id_documento=773510&info_sistema=1...) 1/2

14/04/2022 15:21

SEI/UNIR - 0665802 - Folha de aprovação de Defesa de Mestrado



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.unir.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_documento=0665802](http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_documento=0665802), informando o código verificador 0665802 e o código CRC 7CDD8E05.

Referência: Processo nº 23118.005152/2021-10

SEI nº 0665802

[http://sei.unir.br/sei/controlador.php?acao=documento\\_inprimir\\_web&acao\\_origem=avore\\_visualizar&id\\_documento=773510&info\\_sistema=1...](http://sei.unir.br/sei/controlador.php?acao=documento_inprimir_web&acao_origem=avore_visualizar&id_documento=773510&info_sistema=1...) 2/2

IFAM	Instituto Federal do Amazonas
IFRO	Instituto Federal de Rondônia
LGBT+	Lésbicas, Gay, Bissexual, Transgêneros, Queer, Questionadores, Intersexuais, Assexual, Aliados e Pansexual.
PROCAD	Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia
UNIR	Universidade Federal de Rondônia

Dedico esta dissertação a meu querido Bisavó seu Antônio (in memoriam), que com suas histórias e rezas me ensinou sobre o amor e a espiritualidade da vida.

LIMA, Jéssica Fabrícia Silva. **Rios, margens e trajetórias: estudantes ribeirinhas na universidade**. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho/RO, 2021.

## RESUMO

A Amazônia constitui-se como um espaço geográfico com grande diversidade de sua fauna e flora, onde a relação entre rural e urbano e a vida às margens dos rios está imbrincada e constitui as populações que nela habitam, sob a complexa trama de processo desenvolvimentista de progresso para o capital, colonizador de existências e dizimador das práticas culturais, políticas e sociais que fundamentam toda a existência de seus povos. Neste contexto, esta pesquisa busca direcionar o olhar para um agrupamento social específico, a saber, a juventude ribeirinha e seus descolamentos para a cidade, adentrando mais detidamente nas histórias de vida de jovens universitárias. O acesso ao ensino superior para a população ribeirinha pressupõe, geralmente, a saída de suas comunidades para viver e buscar oportunidades no ambiente citadino. Diante dessas questões, esta pesquisa objetivou analisar as trajetórias de estudantes ribeirinhas no acesso e permanência na universidade. A busca por esse norte ocorreu por meio de entrevistas narrativas e entrevistas mediadas por objetos, técnicas inspiradas em procedimentos metodológicos da História Oral. Essa forma de encontro entre a pesquisa e as participantes foi relevante por permitir visualizar as experiências antes da universidade, principalmente da comunidade e a escolarização básica. Pontos muito importantes para melhor análise do acesso ao ensino superior. O arcabouço teórico-metodológico teve como base a Psicologia sócio-histórica, teoria que entende o ser humano como produto e produtor de sua história, esta vista como singular e universal. As entrevistas foram transcritas e transcriadas resultando em duas narrativas. Nas entrevistas mediadas foram produzidas expressões artísticas e também usados objetos escolhidos pelas participantes. Foram utilizados nomes fictícios para respeitar a integridade das colaboradoras, conforme sugere o código de ética em pesquisa com seres humanos. Elizabeth, 21 anos e graduanda da área da saúde, e Camila, 22 anos e graduanda da área de ciências humanas. As duas estudantes nasceram e viveram numa comunidade ribeirinha até a mudança para Porto Velho. Os resultados e discussões foram divididos em duas seções: a primeira, sobre a cultura e história ribeirinha, assim como os sentidos das participantes sobre ser ribeirinha. A segunda, sobre a trajetória escolar e acadêmica. Na primeira seção evidencia-se a constituição subjetiva em sua relação com a natureza e ao mesmo tempo a histórica exploração e precarização no acesso à direitos básicos na comunidade. Sobre a escolarização básica as entrevistadas pontuaram preconceitos étnico-racial, precariedades na transporte fluvial escolar e também no quesito aprendizagem dos estudantes ribeirinhos. Esses aspectos são elementos que se relacionam aos desafios do ingresso e permanência na universidade. O ensino superior é visto como pouco contextualizado com a Amazônia e também como ambiente adoecedor, pautado por competitividade e relações autoritárias. Por outro lado, a universidade se mostra central no dia a dia das participantes. O principal indicador da pesquisa foi a importância dessas histórias de vida para melhorias nas Políticas Públicas Educacionais que sejam pontes entre a escola ribeirinha e a universidade. Para tal, é preciso que a construção seja coletiva.

**Palavras-chave:** Subjetividade. Ribeirinho. Psicologia Sócio-histórica. Narrativa. Amazônia.

LIMA, Jessica Fabrícia Silva. *Rivers, banks and trajectories: riverside students at the university*. 110 f. Dissertation (Master's degree in Psychology). Federal University of Rondônia Foundation, Porto Velho/RO, 2021.

### ABSTRACT

The Amazon constitutes itself as a geographical space with great diversity of its fauna and flora, where the relationship between rural and urban and life on the banks of rivers is untouched and constitutes the populations that inhabit it, under the complex web of developmental process of progress to capital, colonizer of existences and decimator of cultural, political and social practices that underlie the entire existence of its peoples. In this context, this research seeks to direct the gaze to a specific social grouping, namely, the riverside youth and their detachments to the city, entering more closely into the life stories of young university students. Access to higher education for the riverside population usually presupposes the departure of their communities to live and seek opportunities in the city environment. In view of these issues, this research aimed to analyze the trajectories of riverside students in access and permanence in the university. The search for this north occurred through narrative interviews and interviews mediated by objects, techniques inspired by methodological procedures of Oral History. This form of meeting between the research and the participants was relevant because it allowed to visualize the experiences before the university, especially of the community and basic schooling. Very important points for better analysis of access to higher education. The theoretical-methodological framework was based on socio-historical psychology, a theory that understands the human being as a product and producer of its history, this view as singular and universal. The interviews were transcribed and transcribed resulting in two narratives. In the mediated interviews, artistic expressions were produced and also objects chosen by the participants were used. Fictitious names were used to respect the integrity of the collaborators, as suggested by the code of ethics in research with human beings. Elizabeth, 21 years old and a health graduate, and Camila, 22, and a graduate of the humanities field. The two students were born and lived in a riverside community until moving to Porto Velho. The results and discussions were divided into two sections: the first, about the culture and riverside history, as well as the participants' senses about being riverside. The second, on the school and academic trajectory. The first section shows the subjective constitution in its relationship with nature and at the same time the historical exploration and precariousization in access to basic rights in the community. On basic schooling, the interviewees scored ethnic-racial prejudices, precariousness in school river transport and also in the learning of riverside students. These aspects are elements that relate to the challenges of entering and staying in the university. Higher education is seen as little contextualized with the Amazon and also as a sickening environment, based on competitiveness and authoritarian relations. On the other hand, the university is central in the day-to-day life of the participants. The main indicator of research was the importance of these life stories for improvements in Educational Public Policies that are bridges between the riverside school and the university. To do this, the construction must be collective.



**Keywords:** Subjectivity. riverine. Socio-historical psychology. narrative. Amazon.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Federal de Rondônia por todas as oportunidades educacionais que me permitiram chegar nesse momento da minha vida.

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da UNIR por contribuir com minha formação como docente e pesquisadora.

Agradeço a todas as professoras que me ensinaram, ouviram e acolheram em todos esses anos. Em especial, Profa. Marli por seus conselhos sábios e seu olhar aguçado sobre os afetos dos estudantes; Profa. Ivonete por ser essa mulher incrível e por sua atuação com qualidade e firmeza na coordenação do PPGPSI, ainda mais nesse momento tão crítico da pós-graduação no Brasil; Profa. Juliana por me abrir os olhos para pesquisas tão diferentes e mais fluidas; e Profa. Iracema por tudo que me ensinou sobre a psicologia na relação com a educação.

Agradeço à Lílian por abrir os caminhos da pesquisa como um espaço também de criatividade e resistência. Sinto-me honrada ao pensar e lembrar de todos esses anos fazendo pesquisa com essa grande mulher.

Agradeço a minha família por todos os conhecimentos de vida que me ensinaram através de histórias, quase místicas, da época que moravam no interior do Amazonas e arredores. Tia Estela que sempre me salvou nos momentos mais práticos e difíceis; Minha Mãe Lucilene e meu Pai Fabrício que me deram a vida e que eu amo muito apesar da distância. Minha bisavó Isaura por ser a matriarca dessa grande família. Em especial, a vó Luzia que é minha mãe, minha rainha e a luz que me guia nessa vida. Não tenho ideia de como seria sem essa mulher me cuidando e me ensinando sobre como caminhar pela terra.

Agradeço a amigas que compartilharam tantos momentos tensos e alegres no processo de escrita desse texto. Vincent, o príncipe nerd e amigo de vida que inúmeras vezes me ouviu falar da pesquisa e me ajudou com suas palavras sábias; Angélica, por ser uma grande amiga por muito tempo e por ser a melhor parceira de PIBIC que tive o prazer em ter durante a graduação; Rebeca, Pretinha para os íntimos, por todas as loucuras que fizemos juntas e por ser tão acolhedora e sensível de um jeito tão único. Giih, por todas as conversas malucas que tivemos relacionando pesquisa, arte, espiritualidade, e mais um monte de coisas aleatórias. Jennifer Jimmy, Jj :), por todas nossas conversas tão complexas sobre afetos, sobre a vida e um pouco mais. Julinha que com sua luz, animação e energia de vida tem deixado meus dias mais bonitos e felizes.

Agradeço ao meu grande amigo Marcus por tudo que me ensinou e por sempre acreditar no meu potencial.

Agradeço aos meus companheiros de jornada durante o mestrado por todas as trocas e momentos de alegria nas sextas à noite. Obrigada Bruno, Arthur e Maquezia por tantos momentos divertidos e alguns tensos também. Em especial, Daniele pelos momentos de estudo juntas que me deram muita força na escrita; Eliane Michelon, por todas as conversas sobre arte, pesquisa e resistência, tudo feito de maneira muito emotiva, o que adoro; e Camila, por todo seu apoio e acolhimento que foram muito importantes.

Agradeço à Nina Rizzi por me mostrar os caminhos da escrita criativa e me dar possibilidade de me ver como poeta, algo que foi essencial para que eu conseguisse me conectar com minha história e com a pesquisa.

Agradeço ao Grupo Amazônico de Estudos e Pesquisas em Psicologia e Educação por todos os encontros agradáveis e educativos com um cafézinho delicioso de companhia. E também agradeço pela sala maravilhosa desse grupo que se tornou um lar para vários estudantes do grupo. Nesse sentido, quero também agradecer pelos estudantes de graduação Ana Clara, Ariel, Kareem, Laura, Wolembergue, Lua, Bruna Letícia, Karen, Mateus C., Matheus M. e o lindo Paulo Vitor, que fizeram parte dessa minha trajetória como docente e orientadora em treinamento e foram boas companhias na famosa sala do GAEPPE.

Agradeço ao grupo Associação Brasileira de Psicologia Social - núcleo de Rondônia - por todos os conhecimentos e experiências possibilitados, principalmente por acolherem minha poesia nos encontros.

Agradeço à CAPES pela bolsa que possibilitou os recursos para conseguir desenvolver a pesquisa e outras inúmeras atividades para e com o PPGPSI-UNIR. Também aproveitei para protestar contra os cortes ocorridos em decorrência do novo modelo de concessão de bolsas da CAPES estabelecido sem diálogo com a comunidade acadêmica por meio da Portaria 34/2020.

Por último, agradeço aos espíritos guias que aconselham, acolhem, protegem e quando necessário me brigam, para que assim juntas possamos ser melhores a cada dia. Salve Dama da Noite, rainha da madrugada. Salve caboclos, exus, pretos velhos e boiadeiros. Salve a Umbanda e seu povo! Axé.

## Sumário

APRESENTAÇÃO .....	20
INTRODUÇÃO .....	23
2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO .....	29
2.1 PSICOLOGIA SÓCIO HISTÓRICA.....	29
2.2 HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM PSICOLOGIA.....	32
2.2.1 Entrevista narrativa e mediada.....	34
2.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E INSTRUMENTOS .....	36
2.4 ENCONTROS E NARRATIVAS.....	36
2.5 CONTEXTO E COLABORADORAS DA PESQUISA.....	38
2.5.1 Campo de pesquisa .....	38
2.5.2 Colaboradoras da pesquisa .....	39
2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	40
3 NARRATIVAS .....	41
3.1 ELIZABETH .....	41
3.2 CAMILA .....	65
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES .....	87
4.1. NARRATIVAS SOBRE O POVO RIBEIRINHO.....	87
4.1.1 Povos que reexistem nas terras amazônicas .....	87
4.1.2 Subjetividades e vivências: o “ser ribeirinha” para Elizabeth e Camila .....	92
4.2 TRAJETÓRIAS DA ESCOLA À UNIVERSIDADE.....	98
4.2.1 A escola é o point da comunidade ribeirinha.....	98
4.2.2 Acesso e permanência na Universidade .....	103
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	107
REFERÊNCIAS .....	109
APÊNDICE A.....	115
APÊNDICE B.....	117

## APRESENTAÇÃO

Quem sou eu? Ao tentar entender a história de vida do outro inevitavelmente me deparei comigo...

Eu nasci em Porto Velho – RO. Vivi a maior parte da minha vida em um bairro simples. Grande parte da minha família mora ali até hoje. Todes<sup>1</sup> vieram do mesmo lugar: Lábrea – AM. Todes vieram em busca das mesmas oportunidades: emprego e estudo. Coisa que faltava lá. Eu convivi muito com meu bisavô que é benzedeiro. Ele morreu de câncer de próstata há dez anos. Foi muito ruim o processo de sua morte porque ele não gostava de hospital, mas precisou morrer lá. Longe de casa e da família. Foi no convívio com as pessoas mais sábias (coincidentemente, as mais velhas) da minha família que conheci um pouco da cultura ribeirinha. Minha bisavó, que hoje está com 99 anos, ticava<sup>2</sup> peixe até aos 80 anos de idade, mesmo sem enxergar muito bem. Lembro que quando eu era criança, às vezes, surgia no quintal um tracajá<sup>3</sup>, só esperando para o encontro fatal e final com minha bisavó. Depois sempre tinha a farofa no casco feita por ela e eu ficava ansiosa por tal manjar. Pode parecer pouca coisa, mas nessa convivência eu entendi que minha família veio de um lugar diferente. Diferente da cidade, entende? Minha vó Luzia, a mulher que me criou, contava histórias, algumas de sofrimento e outras de alegria, de quando ela morava em Lábrea-AM. Ela contava que tinha um barracão onde todo mundo ia dançar forró. Ela falava que dançava até de manhã. Ela gosta de dançar até hoje, mas dança só em casa mesmo. Ela contava da dificuldade de subir no barranco carregando baldes e baldes com água para abastecer a casa que não detinha água encanada. Contava também sobre o dia em que meu bisavô Antônio foi picado por uma cobra e seu veneno fez secar a parte da sua perna. E eu vi com meus próprios olhos a cicatriz profunda em sua perna. Minha vó também falava das histórias de fantasmas nas florestas. Do cuidado que tinha de andar na mata por causa das cobras e outros animais. Ela contou que passaram fome. Que em alguns momentos só tinha macaxeira para alimentar os bebês. E nessas fases, tudo era macaxeira. Ela falava

---

<sup>1</sup> Optou-se por uso da linguagem neutra nesta apresentação

<sup>2</sup> Ticar significava fazer vários cortes transversais no peixe como forma de facilitar a preparação e o consumo deste alimento.

<sup>3</sup> Tartaruga de água doce.

que a vida ali era difícil. Principalmente, porque não tinha emprego. Não tinha como continuar os estudos. Quem quisesse algo desse tipo precisava ir para cidades como Manaus ou Porto Velho. Aos poucos, vieram morar aqui em Porto Velho e criar raízes neste novo lugar. Só que as histórias não morreram. Ecoaram até mim.

E eu estou aqui fazendo o mestrado e tentando entender mais sobre pessoas de origem ribeirinha. Tentando entender de onde eu vim. E essa pesquisa mexeu comigo. Eu tive que olhar para o passado. Reconectei-me com essa família e essas vivências de beira de rio. E eu agradeço ao meu bisavô por todas as rezas que ele me ensinou. Agradeço a minha bisavó por todas as vezes que ela cuidou de mim. E agradeço a minha vó Luzia por ser essa contadora de histórias que iluminou minha imaginação e me fez sempre querer saber mais sobre tudo.

*Nos momentos finais da escrita desse texto foi na beira do Rio Madeira que encontrei calma e inspiração. Andava até lá e observava o rio, as pessoas pescando, trabalhando, conversando, ou apenas olhando assim como eu. Depois voltava, sentava e escrevia.*

## INTRODUÇÃO

*Estava na beira do rio  
sem poder atravessar  
Eu chamei pelos caboclos  
Caboclo Tupinambá  
(Ponto de Umbanda)*

Quando iniciei a proposta de pesquisar a história de estudantes ribeirinhas na Universidade, não sabia que o mergulho seria primeiro na minha própria história para depois poder ouvir a do outro. Os caminhos teóricos que percorri me levaram sempre ao mesmo questionamento. – quem sou eu? E acredite, essa não é e nunca será uma pergunta boba. A crise com a pesquisa iniciou por aí e outras perguntas foram surgindo: eu sou ribeirinha? Que tipo de pesquisadora sou, se sou? Essa pesquisa é importante para a psicologia? Qual o papel da psicologia em relação às comunidades tradicionais? Qual o papel da ciência na vida dessas comunidades? E muitas outras. Entendo que nesse percurso do mestrado não serei capaz de responder a tudo que me afetou, mas busco por meio desse texto contribuir teórica e analiticamente sobre a vida de estudantes ribeirinhos e seus caminhos em busca de oportunidades educacionais e sentido dentro e fora de suas comunidades.

Eu entendo que sou beiradeira, nome popularmente conhecido como pessoas que vivem a cultura relacionada à beira de rios. Por algumas gerações, minha família viveu na beira de rios amazônicos. Meu bisavô trabalhou como soldado da borracha e minha bisavó da criação de galinhas e com os cuidados de casa. O rio sempre fez parte das nossas vidas, direta ou indiretamente. Era o peixe, o transporte, era o lavar roupa descendo o barracão, era o medo e fascínio sobre as histórias da floresta, eram as rezas e "benzas" passadas oralmente e que em muitos momentos foram a salvação de vidas, e tudo vi com o olhar de quem nasceu na cidade e foi se constituindo nessa relação urbano-ribeirinho. Tendo nascido e vivido em contexto urbano, tive acesso a cultura cabocla a partir de minha família e suas histórias de quando moravam em Lábrea no Amazonas, e antes disso quando moravam mais adentro ainda da floresta e rios amazônicos.

E foi nesse contexto, que meu interesse se pautou sobre as populações ribeirinhas e suas histórias de vidas, marcada por relações entre urbano e rural e por processos migratórios, tal como minha família, em busca de oportunidades de trabalho



e estudo em Porto Velho – Rondônia. Posso enfatizar que ao ouvir as histórias dessas estudantes consegui me conectar com uma história que é minha, da minha família, que é das estudantes-colaboradoras da pesquisa e de suas famílias, são desses povos que reexistem na Amazônia.

Ribeirinhos são um dos grupos que constituem, junto com quilombolas e outros diversos grupos, as chamadas de Populações ou Comunidades Tradicionais. As principais características dessa população são a relação do ser humano imbricada com a natureza, com práticas culturais passadas de geração em geração e valorização das tradições (CALEGARE, HIGUCHI, BRUNO, 2014). Ou seja, esse segmento possui formas de organização social próprias, que diferem da experiência de cunho mais associado ao urbano.

Neste contexto, interessei-me por entender como jovens ribeirinhos vivenciam o processo de escolarização no ensino superior, considerando a necessidade de migração para a cidade, tendo como objetivo de pesquisa<sup>1</sup> analisar trajetórias de estudantes ribeirinhas no acesso e permanência no Ensino Superior.

Trata-se de jovens que precisaram sair de suas comunidades de origem e também que vivenciam a relação com as tradições de forma diferenciada. É um público que não necessariamente se relacionará com a comunidade como uma permanência contínua, devido à busca por novas oportunidades externas à mesma.

Na grande variedade de populações tradicionais da Amazônia, os ribeirinhos podem ser definidos como “[...] sujeitos sociais ligados fortemente à hidrografia amazônica” (SANTOS, 2014, p. 40). Este autor destaca o valor da resistência e existência dos ribeirinhos nos territórios brasileiros. São estas populações que em suas histórias de vida reproduzem resistências e perpetuam essas formas de organização social que atuam como protetores da riqueza material e cultural dos espaços amazônicos.

Mas e como a psicologia tem contribuído com a produção científica sobre tais agrupamentos, considerando suas importâncias histórica, social e cultural em diferentes contextos brasileiros e mais especificamente na Amazônia? Amparada em Bock (2007), entendo que a importância da psicologia olhar para as histórias das pessoas que vivem e resistem na Amazônia pode ser resumida no seguinte trecho:

Assim, há anos a Psicologia tem contribuído para responsabilizar os sujeitos por seus sucessos e fracassos; temos defendido que as condições de vida são o canteiro apropriado ou não para o

desabrochar de potencialidades; temos acreditado que pessoas podem ser classificadas e diferenciadas por suas características e dinâmicas psicológicas; temos criado (ou contribuído para reforçar) padrões de conduta que interessa a sociedade manter, como necessários ao “bom desenvolvimento das pessoas”. A Psicologia tem reforçado formas de vida e de desenvolvimento das elites como padrão de normalidade e de saúde, contribuindo para a construção de programas de recuperação e assistência destinados aqueles que não “conseguem (ao puxarem pelos seus próprios cabelos)” se desenvolver nessa direção. Tem transformado em anormal o diferente, o “fora do padrão dominante” (BOCK, 2007, p 25).

A psicologia precisa olhar para as populações tradicionais e produzir conhecimentos e técnicas de forma a contribuir com a qualidade de vida, expressões culturais e a vida destes povos. É nítido que a psicologia, inclusive na Amazônia, ainda está em luta para desenvolver conhecimentos de forma contextualizada e crítica em sua atuação frente a estas especificidades. Nisto reside à relevância científica e social desta pesquisa.

Trago a crítica da Guzzo (2016) que considero relevante ao falar da psicologia e sua atuação com as populações da Amazônia. Para ela, a psicologia permanece cega diante dos contextos de desigualdade social, mais especificamente, da pobreza no acesso aos direitos básicos: alimentação, saúde, educação, moradia... Nas buscas que fiz ao longo dessa pesquisa ficou nítido que ainda é pouco construído em sentido de ações e pesquisas da psicologia no e para o contexto ribeirinho.

Guzzo (2016) também alerta que não é possível que a psicologia continue a ignorar esses grupos que vivem a exclusão em seu dia a dia. Afinal, a maioria da população se encontra em situações de constantes exclusões, mesmo que o capitalismo venda a ideia que o consumo aumentou para todas as classes e que isso é algo positivo. A psicologia precisa entender e produzir ações com base no entendimento da desigualdade social como parte da estrutura capitalista. E para tal, os estudos sobre os grupos mais afetados por essa desigualdade é primordial.

Acredito que a pesquisa sobre as trajetórias de vida de estudantes ribeirinhas no seu acesso e permanência na universidade contribui para que a psicologia pense e construa políticas públicas e conceitos que sejam mais efetivos na luta por existências dignas e reconhecidas como tais.

“A pesquisa social nasce a partir de uma inquietação ou de um problema que se relaciona com alguma questão social” (XIMENES, CIDADE, SILVA, 2016, p. 166). Acredito que a pesquisa aqui apresentada germinou de uma inquietação pessoal e

social que me faz retomar algo que é forte nas falas, principalmente, das pessoas mais velhas da minha família: *a importância e necessidade do estudo*. As oportunidades que tive acesso são muito distantes dos determinantes de outras gerações da minha família. Graduação e mestrado é quase uma realidade paralela do que significa a educação para boa parte dos meus familiares.

Meus avós e bisavós sempre falam: - “precisa estudar”, e falam da perspectiva de pessoas que não tiveram acesso ao estudo formal, tiveram acesso a vários conhecimentos que possibilitaram a sobrevivência e existência nas beiras de rios. E ao migrar para o urbano trouxeram com eles toda essa bagagem de conhecimento e foi assim que eu aprendi um pouquinho do que é ser caboclo-ribeirinho. Durante a conversa com as colaboradoras dessa pesquisa consegui ter outro olhar sobre as novas gerações que estão tendo possibilidade de cursar o ensino superior, assim como eu.

Na busca por artigos sobre essa temática utilizei do descritor “ribeirinhos” nas bases de dados Scielo, Pepsic e BV-Psi, usando o filtro de produções dos últimos cinco anos (2015 a 2019) e o filtro da área de conhecimento da Psicologia, encontrei apenas 4 trabalhos publicados sobre esta temática na psicologia. Três destes trabalhos foram encontrados na base da Scielo e um na base de dados da Pepsic.

Os quatro artigos apresentam as seguintes temáticas: práticas de cuidado ribeirinhas (CARDOSO; COIMBRA, 2019); rotina de famílias de idosos da Amazônia (GOMES DO NASCIMENTO *et al*, 2019); condições de habitação entre idosos ribeirinhos amazônicos (NASCIMENTO *et al.*, 2017); e a construção social do adoecimento de populações ribeirinhas (ZANATTA; COSTA, 2016). Pensando sobre esses trabalhos feitos no âmbito da psicologia, é importante pontuar que o artigo da Cardoso e Coimbra (2019) se propõe questionar as práticas de cuidado na psicologia como sendo de cunho repressor e punitivo, a partir de sua constituição e história, e aponta a necessidade de se olhar para os saberes de cuidado produzidos nas relações ribeirinhas, possibilitando a partir desses novos olhares, ações que sejam de fato efetivas para estes grupos.

Os artigos de Gomes do Nascimento *et al.* (2019) e Nascimento *et al.* (2017) apontam informações importantes sobre o processo de envelhecer em contexto ribeirinho: cessação das atividades de trabalho remunerado; a maior participação do homem nas atividades domésticas; condições de vida que demonstram isolamento e baixa condição socioeconômica; boa satisfação sobre a habitação, mas insatisfação

sobre à acessibilidade e a seguridade. Estes dois artigos coadunam com a pesquisa de Zanatta e Costa (2016) que entende o adoecimento das populações ribeirinhas como uma produção do Estado, que deveria gerar vida por meio das políticas de saúde e educação, porém é gerador de morte por sua inação em garantir os direitos básicos de qualidade.

Posso inferir que a psicologia ainda produz pouco sobre as comunidades ribeirinhas, mas seria necessária uma pesquisa maior da produção bibliográfica na psicologia para fazer maiores afirmações. Ainda assim, entendo que a pesquisa sobre estudantes de origem ribeirinha que estão cursando o ensino superior público é relevante para apontar caminhos na garantia dos direitos de acesso à educação com qualidade.

O presente trabalho está organizado em três capítulos: o **primeiro** refere-se aos caminhos teóricos-metodológicos com foco na produção científica inspirada na Psicologia sócio-histórica (PSH) e também na História Oral. Nesta primeira parte, apresento a teoria que embasou as decisões e caminhos da pesquisa, o contexto da pesquisa, e as formas de análise.

O **segundo capítulo** são as narrativas das duas estudantes de origem ribeirinha e o **último capítulo** são as análises sobre as entrevistas, que está dividido em duas partes: primeira sobre o ser ribeirinho a partir de um olhar histórico e das imagens subjetivas que aparecem nas falas das estudantes. E na segunda parte, focando nas trajetórias escolares e acadêmicas, como forma de entender o acesso e a permanência na universidade.

---

<sup>1</sup>Esta pesquisa faz parte do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia (PROCAD) n° 21/2018 com o título “Os significados das trajetórias de escolarização de jovens estudantes amazônidas”.

*Sou ribeirinha que sobe o barranco  
com baldes d'água  
Sou rio que lava a roupa e faz  
comida da mãe e da filha  
Sou mata fechada e suas trilhas  
que guiam o seringueiro  
Sou borracha que sustenta  
e explora  
Sou onça, peixe-boi  
Sou boto que brinca  
em rios marrons  
É cor da terra que sou  
feita e desfeita  
É água do Rio Madeira  
que sustenta movimento  
Sou chuva que molha  
a plantação de melancia  
e mandioca  
Vai ter festejo!  
E o eu se junta com o tu  
Formando o nós  
caboclo-ribeirinho-beradeiro  
Tantas crias da Amazônia  
Somos um  
floresta-rio-bicho-gente  
Lutamos para existir  
Existir do jeito certo  
com peixe, farinha  
e rede pra dormir  
Não pode faltar açaí  
Com açúcar e farinha  
d'água e de tapioca.  
Sou água e rocha.*

Jéssica Lima

## 2 PERCURSO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Toda pesquisa é uma construção na relação entre a pesquisadora e as colaboradoras em busca por análises e teorizações sobre determinado tema ou objeto de estudo. Tendo como foco deste estudo, a análise das trajetórias de estudantes ribeirinhas que estão no ensino superior, a busca por compreender mais as vivências das participantes na Universidade Federal de Rondônia, iniciou nas conversas narrativas sobre suas histórias de vida desde a infância, passando pela escolarização básica e a adolescência na comunidade ribeirinha, culminando na entrada e permanência no ensino superior público.

Os caminhos teórico-metodológicos têm como a maior inspiração os saberes produzidos na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica. O processo de escuta das histórias das estudantes aconteceu por meio da utilização de instrumentos e técnicas oriundos da História Oral, conforme está mais detalhado adiante.

### 2.1 PSICOLOGIA SÓCIO HISTÓRICA

A produção científica em psicologia é feita sob a base de uma teoria e um método, os quais constituem a espinha dorsal da pesquisa no processo de aproximações sucessivas ao tema e às interpretações na tríade: pesquisadora, histórias ouvidas-acessadas e teoria-método. Esta base pressupõe formas e caminhos na descrição e análise sobre o ser humano e o mundo, ou seja, o percurso de análise tem como base visões de ser e de mundo.

Nesta subseção, apresentarei o percurso teórico-metodológico inspirado na abordagem da Psicologia Sócio-histórica (PSH), que tem como central o entendimento do mundo como uma construção dialética de base material e histórica. Busco discussões a partir de conceitos da PSH mais contemporânea, além das proposições do psicólogo russo Lev Vigotski<sup>1</sup> (1896 – 1934), que é um dentre os autores que inspiraram o desenvolvimento desta teoria na psicologia, com suas inúmeras contribuições para a ciência psicológica e o estudo do psiquismo.

A PSH busca produzir conhecimentos científicos buscando as contradições e similaridades nas complexidades que a totalidade dos fenômenos contempla, entendendo que a realidade vai além das visões aparentes que construímos na relação dialética entre subjetividade e objetividade. Para a PSH não devemos nos

contentar com a mera descrição dos fatos no curso de uma pesquisa, é preciso estabelecer relações de forma crítica entre a singularidade, a particularidade e a universalidade na interpretação dos dados (FURTADO, 2007. GONZÁLEZ-REY, 2002).

Busco utilizar os nortes analíticos dos conceitos-chave da Psicologia sócio-histórica: totalidade, historicidade, dialética, vivência e subjetividade. Por meio dessa teoria, olharei dialeticamente para a história de vida das estudantes, em seus aspectos subjetivos e objetivos, individuais e sociais. A constituição de subjetividade é entendida aqui como um processo em que o ser humano se apropria de forma ativa das práticas culturais e as experiencia enquanto singularidade. Essa teoria entende o ser humano como o produto e o produtor de sua história. História esta, que não é apenas uma construção individual, mas também coletiva, pois nos narra as histórias de grupos e instituições de maneira mais ampla.

Acredito que a PSH é uma teoria e um método que permite caminhos para compreender o ser humano concreto nas suas diversas determinações, de forma a produzir saberes científicos com caráter político e engajado socialmente. Com este olhar, busco evidenciar e analisar as contradições e similaridades nas histórias de duas estudantes de origem ribeirinha que estão vivenciando o ambiente acadêmico em todas suas idiossincrasias.

Uma das principais contribuições de Vigotski para a história e desenvolvimento das ciências psicológicas foi a busca por métodos e caminhos na superação das dicotomias, marcantes no movimento da psicologia enquanto ciência, tais como as relações duais entre intrapsíquico e interpsíquico, subjetividade e objetividade, biológico e psicológico, individual e coletivo (BOCK, 2007). Por meio da abordagem histórica e dialética é possível fazer abstrações que intentam transpor as visões binárias e reducionistas do ser humano:

Portanto, para a Sócio-Histórica, falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana e falar da objetividade em que vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem (BOCK, 2007, p. 22).

Outra importante colaboração de Vigotski para o desenvolvimento dos estudos psicológicos foi a inserção da história na análise dos fenômenos psicológicos. Sua

compreensão a partir da investigação dos processos psíquicos da necessidade de se olhar para história humana como um todo, ou seja, não limitar a análise em um sujeito abstrato foi relevante para que a psicologia fizesse aproximações do sujeito concreto e evitar abstrações reducionistas e duais do ser humano (SHUARE, 1990). Alcançar o ser humano concreto é possível por meio de seu percurso: biológico, social e cultural. Inclusive, o próprio arcabouço biológico da espécie humana contém em si a influência da cultura, resultado do desenvolvimento dos antepassados humanos e repassada por meio do material genético às novas gerações (PINO, 2005).

É por meio deste conceito historicidade que analiso as variadas determinações do ser humano em seu desenvolvimento ao longo da vida. O processo de apropriação dos saberes acumulados pela humanidade por meio da linguagem é o que permite que os seres humanos tenham contato com a bagagem cultural da humanidade, para que tal humanização de fato seja concretizada é preciso que as possibilidades e oportunidades de acesso aos bens culturais produzidos pela humanidade sejam as mais amplas possíveis. Diante disto, acredito ser importante ouvir a história de estudantes ribeirinhas, pois no movimento histórico de suas vidas é possível observar como foram e são suas identificações a partir das (im)possibilidades que atravessaram suas vivências.

As relações materiais, sociais e históricas entre os indivíduos do gênero humano constituem a base da formação humana, mas essas relações não são imediatas, e sim, relações mediadas e dialéticas (VIGOSTKI, 2009. ASHBHAR, 2011.). A dialética na PSH é materializada ao longo da história da humanidade que ao transformar o mundo também se transformou, numa constante mediação dialética. O ser humano conforme se apropria do mundo, vai transformando-o. Ao objetivar vai se modificando também. Por isso, é importante analisar a subjetividade como um processo dialético entre inter e intrapsíquico, social e individual.

Com base na PSH entendo que a subjetividade não deve ser vista como algo inato e de conteúdo estritamente biológico, mas sim como um processo que ocorre ao longo da vida. Nesse sentido, os conceitos da PSH nos mostram caminhos para acessar o processo formativo humano indo além das aparências.

Os preceitos básicos que a PSH inspira é ver a realização humana como algo imbricado com as determinações históricas e sociais, seu fracasso, portanto também é algo construído. Entendemos que o fenômeno psicológico é reflexo da “[...] condição social, econômica e cultural em que vivem os homens” (BOCK, 2007, p.22). Por isso,



é importante analisar a história de vidas das pessoas. Porque entender as experiências subjetivas não é só entender os afetos das pessoas. É entender que sua história de vida num determinado contexto e tempo histórico e cultural culminam nas suas identificações.

## 2.2 HISTÓRIA ORAL NA PESQUISA EM PSICOLOGIA

O contar história por meio da oralidade sempre fez parte da história humana. O ser humano em vários contextos busca maneiras de contar sua história, que é o contar a história de sua época, no movimento entre o passado e o futuro. Nesta subseção, apresentarei um pouco sobre a História Oral (HO) e suas técnicas, assim como tecerei relações entre a História Oral e a pesquisa em Psicologia com foco nos processos de subjetivação.

A História Oral utilizada na pesquisa abrange multidisciplinarmente várias áreas das Ciências Sociais e Humanas, como antropologia, psicologia, história, administração e outras. Sua utilização é uma forma de documentar depoimentos de vivências históricas (SOUZA, 2007). Nesse método, o foco é pautado na história de pessoas que permitem acessar a história de grupos e comunidades de forma mais ampla.

Sônia Freitas no livro “História Oral: possibilidades e procedimentos”, define a HO como “[...] um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana” (2006, p. 18). Diante disso, esta pesquisa utiliza as técnicas e procedimentos da HO. E o olhar teórico-analítico será com base na Psicologia sócio-histórica, visto que as duas possuem semelhanças na produção de conhecimento científico; como a compreensão que as histórias pessoais e a coletiva estão imbricadas, e também a valorização do protagonismo das pessoas colaboradoras em pesquisas.

Segundo Freitas (2006), existem três gêneros de História Oral: tradição oral, história de vida e história temática. A HO em forma de tradição oral é expressa em formato das práticas culturais transmitidas por meio da oralidade, inclusive na atualidade a prática da transmissão oral de conhecimento alinhado com o uso de tecnologias de mídia e comunicação é um exemplo da tradição oral. Na história de vida, a oralidade aparece por meio de uma narrativa autobiográfica que pode ser feita para abarcar vários aspectos da vida de uma pessoa.

E por último, a história temática que também é de caráter autobiográfico, mas com o foco em um tema pré-determinado. Importante pontuar que na história temática os depoimentos podem ser de um número elevado e as histórias podem ser comparadas de forma que a análise permita o resgate da memória coletiva.

Esta pesquisa se encontra nos limites entre gênero da História de vida e a História temática, como forma de cumprir o objetivo acerca dos processos subjetivos de estudantes ribeirinhas que estão cursando a Universidade houve certo direcionamento, mesmo que mínimo, sobre a temática. Diante do público escolhido era presumível que alguns temas tinham mais possibilidade de aparecer nas suas falas, como o acesso ao ensino superior e o processo de escolarização que culminou em tal resultado. Ainda assim, as entrevistas tiveram como foco a narrativa autobiográfica das participantes.

A história oral sempre fez parte das práticas culturais da humanidade, mas a História Oral, enquanto método de pesquisa, é utilizada por meio da gravação de entrevistas que visem registrar e analisar as histórias de vidas. O resultado das entrevistas são as narrativas que permitem acessar os olhares subjetivos de uma história maior (FREITAS, 2006. SOUZA, 2007). A subjetividade não é aqui entendida como uma oposição à objetividade, mas como uma forma de visualizar a relação dialética e material entre elas. Por isso, ouvir as estudantes participantes desta pesquisa permitiu acessar vários aspectos de uma história mais ampla que remete a várias gerações de populações ribeirinhas na região Amazônica. São histórias resgatadas por meio da fala das jovens que têm esse diferencial de acesso às políticas educacionais por meio das Instituições Federais.

Importante enfatizar que na HO o papel do narrador é ativo. É ele que irá apresentar sua história, os cenários, os sentimentos, os personagens. Souza (2007, p. 1) entende que “[...] a narrativa é a representação da vida e do mundo no qual o sujeito está inserido”. Importante entender o papel da memória ao se narrar uma história:

Ao se ativar a memória, quando o indivíduo é chamado a narrar, busca as suas lembranças sobre o tema suscitado, mas também tudo aquilo que a ele está ligado, expondo conexões que nem sempre são percebidas através de uma leitura comum. No momento da narração o autor busca também a códigos linguísticos e semânticos socialmente conhecidos para se fazer entender. Este processo de elaboração intelectual, consciente e/ou inconscientemente condicionado, dará a

narrativa um estilo que é muito importante na abordagem do texto oral (SOUZA, 2007, p. 3).

Sobre o uso da HO na pesquisa, relevante comentar que o mesmo está em crescimento por ser uma alternativa à produção de conhecimento de forma tradicional (SOUZA, 2007). O aumento da utilização da HO em pesquisas reflete uma mudança de paradigma do fazer científico que por muito tempo foi visto como neutro e positivista. A HO possibilita novas formas de se pensar e fazer ciência, não buscando apenas a oficialidade dos fatos, mas sim as vivências de pessoas comuns em determinados momentos históricos e culturais.

Da história oral utilizei os passos na produção dos dados em formato de narrativa: transcrição integral das entrevistas; textualização e transcrição das entrevistas transcritas (MAZORCHI, 2013). A transcrição foi utilizada para dar vida e afetos aos textos oriundos das transcrições. Consiste na técnica de transformar a entrevista numa leitura mais humana e fiel a sensações ocorridas durante as entrevistas. “Transcriar é acrescentar sensações ao texto, aquilo que não foi dito, mas percebido ou visto pelo entrevistador.” (MAZORCHI, 2013, p. 100). Enquanto a transcrição é colocar no papel da forma como ocorreu as falas, a transcrição é por aquilo que não foi dito, mas sentido na relação entre a pesquisadora e a narradora.

### **2.2.1 Entrevista narrativa e mediada**

Nesta subseção busco dialogar sobre a entrevista narrativa e a mediada na pesquisa em psicologia. Entendo que para os estudos sobre as experiências de vida é importante utilizar procedimentos que sejam não diretivos. E a entrevista de cunho narrativo é a técnica oriunda da História Oral que facilita que o entrevistado narre sua história da forma que considerar melhor.

Alves (2017) explica bem a importância de os colaboradores de uma pesquisa narrarem sua história:

Defini assim, como método de investigação a narrativa autobiográfica (história e projeto de futuro) na qual o sujeito que narra é considerado uma totalidade que se manifesta na particularidade de uma história. Essa manifestação se dá na dinâmica da narrativa na qual o narrador não utiliza para se definir, atributos ou características, mas relata atividades, representações, relações com os outros, assim como revela sentimentos, angústias, alegrias, etc., mergulhados e eclodidos

nas relações no mundo, no desempenho da atividade (ALVES, 2017, p. 35).

É ao narrar sua história que vemos os movimentos de mudanças da pessoa, algo que é essencial no estudo de trajetórias de vida. Ao utilizar um roteiro fechado de entrevista, muito dos movimentos seriam ocultados impossibilitando o alcance do sujeito concreto que conta sua vida da forma como ela é lembrada e vivida.

“Por meio do uso de narrativas, somos capazes de construir, reconstruir e reinventarmos o passado e o futuro” (LIMA; CIAMPA, 2017, p. 2). A utilização da narrativa no estudo também possibilita ressignificações sobre a história narrada. Ao narrar uma memória lembrada há possibilidade de reflexão crítica sobre a lembrança. Relevante também pontuar que narrar histórias não necessariamente é feito de forma coerente e linear, muitas vezes as histórias se misturam no tempo e espaço da narrativa, momento em que o narrador vai criando conexões e por meio destas vai se colocando no mundo como sujeito de sua história (LIMA; CIAMPA, 2017).

A entrevista narrativa pode ser conceituada como instrumentos, sem um arranjo tão predefinido, que possibilitam a contação de histórias reais ou fictícias de forma mais intensa e imbricada. Um dos aspectos mais relevantes dessa forma de entrevista é a possibilidade de colaboração mais efetiva entre a pesquisadora e a colaboradora (MUYLAERT *et al.*, 2014). Acredito que essa troca que a entrevista narrativa proporciona é essencial numa pesquisa sobre trajetórias de vida, pois narrar uma história pessoal pode ocorrer de forma mais fluída quando se permite a criação de vínculos colaborativos entre as partes.

A entrevista mediada é um bom instrumento para se utilizar junto à entrevista de cunho narrativo, pois esta é entendida como a mediação entre o narrador e o entrevistador por meio de objetos. Ou seja, a entrevista mediada permite a mediação, além da palavra-falada, por meio de um objeto que pode ser qualquer coisa (imagem, desenho, música, etc.) e que este objeto contém em sua própria constituição a história na relação com a narrativa do entrevistado (CAIXETA; BORGES, 2017).

A possibilidade de criar conexões e escolher que fatos narrar e como narrar, são estes aspectos que defendo como relevantes para o estudo das experiências subjetivas. Afinal, as pessoas constroem sentidos de si e do mundo ao longo de toda a vida, na dialética entre universalidade e singularidade. E narrar a própria história cabe a cada um.

## 2.3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS E INSTRUMENTOS

Esta pesquisa seguiu os procedimentos éticos de pesquisa com seres humanos, sendo encaminhada e aprovada na avaliação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) através da Plataforma Brasil com o número de parecer 3.336.089. As entrevistas só foram iniciadas e gravadas após as colaboradoras serem esclarecidas sobre os procedimentos e os objetivos da pesquisa, e, terem assinado o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). Nessa etapa de esclarecimento sobre a pesquisa foi utilizado uma linguagem simples e compreensível e também informando que a qualquer momento poderiam desistir da continuidade da pesquisa sem nenhum prejuízo ou julgamento.

Todas as entrevistas foram transcritas integralmente e posteriormente os áudios foram excluídos, como forma de proteger as informações que ali foram relatadas. Sobre o momento das entrevistas, também tivemos cuidado de realizar em ambiente protegido de interferência de outras pessoas, de forma a contribuir com o sigilo e bem-estar das colaboradoras.

A pesquisa não visou lucro nem qualquer prejuízo financeiro para os sujeitos participantes. Os procedimentos metodológicos foram realizados em local e horário adequado à disponibilidade das estudantes.

As colaboradoras que aceitaram participar não serão identificadas ao longo da pesquisa, e conforme já relatado, utilizamos nomes fictícios de forma a resguardar o anonimato das participantes, respeitando-se os procedimentos éticos conforme as resoluções 466 de 2012 e 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Sobre o cuidado com as estudantes e diante do fato que narrar sua história é também falar de situações que podem ser constrangedoras ou dolorosas, tivemos o cuidado de informar sobre os serviços de psicologia gratuitos disponíveis. E com nossos conhecimentos em psicologia buscamos realizar as conversas num ambiente acolhedor e com privacidade. Buscando estabelecer vínculos a partir da escuta acolhedora e qualificada.

## 2.4 ENCONTROS E NARRATIVAS

Todas as entrevistas foram realizadas numa sala de estudo localizada no bloco de psicologia da UNIR, campus Porto Velho. Após uma breve conversa enquanto

subíamos a rampa em direção a uma sala, que tem um ambiente mais discreto e aconchegante, para em seguida iniciar a conversa.

Foram realizadas nesse primeiro momento três entrevistas com Elizabeth e duas com Camila, totalizando 5 entrevistas. Porém, com o decorrer da pandemia da COVID-19 no Brasil e no mundo, senti a necessidade de manter vínculo e contato com as participantes, por isso conversei com elas para pedir autorização e assim criar um grupo no whatsapp. A ideia era fazer algumas conversas por mensagem mesmo, visto que o acesso à internet na comunidade ribeirinha é mais difícil. Nesse grupo, fizemos uma conversa com dia e hora marcado sobre a temática “relação entre a sua história com a universidade”. Eu pedi que elas representassem essa relação por meio de alguma forma artística que elas preferirem, assim esse objeto serviu como objeto-mediador para o diálogo.

A entrevista que foi feita no primeiro momento não tinha roteiro, pois como já defini anteriormente a entrevista narrativa é a escuta da história narrada em toda sua liberdade pelo narrador. Portanto, após ouvirem a consigna “Conte-me sua história” as colaboradoras paravam reflexivas por alguns segundos, e então, iniciavam a narrativa de sua história, de sua família e de sua comunidade, e muito mais.

A prática de narrar suas histórias não ocorreu de forma linear, por vezes na narrativa, que apresentamos na seção seguinte, percebemos mudanças de assuntos, assim como é possível ver as conexões entre as diversas histórias, de forma que as participantes mostram o movimento de suas vidas. Tal como o rio que conecta as várias comunidades, assim Elizabeth e Camila nos guiam nas correntezas de suas vivências.

Tomamos cuidado ao fazer perguntas objetivando a maior compreensão das memórias narradas, evitando direcionamentos que comprometessem o processo narrativo e o protagonismo das participantes. A sensibilidade empática também foi relevante nos momentos de escuta, pois estávamos diante de seres concretos que sentem afetos diferentes ao resgatar em si uma história complexa e maior do que essa pesquisa poderia abarcar.

A entrevista mediada, antes da pandemia, foi feita a partir da consigna “Apresente um objeto que representa quem você é”, com o objetivo de entender sobre a representação que as colaboradoras têm sobre suas vidas e suas identificações. Esse tipo de entrevista facilita as falas por meio da mediação de um objeto externo, o

que permite outro olhar sobre a temática estudada e também a relação entre o objeto escolhido com as histórias de vida.

A entrevista mediada sofreu uma adaptação sugerida pela colaboradora Camila. Inicialmente, as estudantes escolheriam um objeto que representasse sua identidade, ou seja, uma representação de quem é e como se veem. E Camila pediu que fosse acrescentado um objeto que representasse a comunidade ribeirinha de sua origem. Diante de tal ideia, resolvemos levar a adaptação também para a Elizabeth.

Esta entrevista mediada tinha como objetivo visualizar por meio de objetos e seus conteúdos simbólicos a forma como as estudantes se percebiam, de forma simbólica. E que elementos dessa representação estavam relacionados com sua constituição histórica, social e cultural.

## 2.5 CONTEXTO E COLABORADORAS DA PESQUISA

### 2.5.1 Campo de pesquisa

O contexto dessa pesquisa é a relação entre urbano e rural no acesso de populações ribeirinhas ao ensino superior público. Para tal, o campo escolhido é a vivência de estudantes ribeirinhos que cursam a graduação na Universidade Federal de Rondônia, no campus de Porto Velho.

A UNIR é uma instituição de ensino federal fundada em 8 de julho de 1982 pela Lei de n.º 7.011 que garante o desenvolvimento de pesquisa, ciência e artes na instituição. Importante enfatizar que o campus Porto Velho está localizado em meio à floresta amazônica, que objetiva ofertar ao estado de Rondônia cursos de graduação e pós-graduação. A UNIR está dividida em oito campus, para atender as demandas de Rondônia, um que está localizado na capital e sete estão em cidades do interior (UNIR, s/d).

Um fato importante sobre a UNIR é que sua missão como instituição federal de ensino superior é a produção de conhecimentos com foco no contexto amazônico; assim como a defesa e promoção da diversidade étnica e cultural que é um dos elementos constitutivos das práticas culturais na Amazônia. Na prática ainda há falta de projetos na UNIR que tenham como foco a permanência de grupos oriundos das populações tradicionais (UNIR, s/d).

Segundo a V Pesquisa Nacional do Perfil Socioeconômico e Cultural dos estudantes de graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras, divulgado em 2018, a UNIR atende 10 mil e trezentos e cinco estudantes, representando 0,9% do número total de graduandos em instituições federais de ensino superior no Brasil. Cabe enfatizar que essa pesquisa é uma importante ferramenta para que as Universidades Federais se atualizem e criem diferentes estratégias para as políticas de assistência estudantil, principalmente no que tange às atualizações de tal pesquisa. Por exemplo, a inclusão de gênero como um dos focos de análise.

Acreditamos que uma posterior atualização em pesquisas que focam no perfil e permanência de estudantes deve considerar também o perfil das populações tradicionais, assim seria possível criar dados que nos permitam ver como estes povos e comunidades acessam e se mantêm nas universidades públicas, de forma a contribuir com a criação de políticas públicas específicas e garantir o acesso e permanência à educação, sem desconsiderar os aspectos culturais e históricos próprios de diferentes grupos e comunidades.

## **2.5.2 Colaboradoras da pesquisa**

A busca por estudantes de origem ribeirinhas que estão cursando a graduação na Universidade Federal de Rondônia começou por meio do apoio de movimentos sociais e instituições que trabalham com o público ribeirinho e questões associadas, mais especificamente o Movimento dos Atingidos pela Barragem (MAB) e pelo Núcleo de Apoio à População Ribeirinha na Amazônia (NAPRA). Porém, essa busca inicial não obteve sucesso. Diante disso, participei de um evento numa comunidade ribeirinha para buscar informações sobre estudantes de origem ribeirinha no ensino superior por meio da interação com as pessoas desta comunidade. Durante o evento, conheci uma estudante da UNIR que aceitou participar da pesquisa, porém, por motivos pessoais, de mudança de cidade, sua participação foi interrompida.

Com a dificuldade de encontrar outros/as colaboradores/as de nossa pesquisa, decidi fazer um formulário online (Apêndice B), com uma breve apresentação da pesquisa e com pedido de qualquer informação sobre esse público, assim como informações para contato por e-mail e número de celular.

O formulário obteve três respostas: duas pessoas responderam via Whatsapp e uma deixou o e-mail para contato. Consegui contatar apenas as que deixaram o



número para o Whatsapp. Nas conversas pelo aplicativo fizemos uma breve explanação sobre a pesquisa, seu objetivo e método e marcamos os primeiros encontros para a leitura do TCLE e a primeira entrevista. Como forma de manter o sigilo, optamos pela utilização de nomes fictícios de Elizabeth e Camila, o que foi decidido conjuntamente com ambas. Elizabeth, 20 anos e graduanda da área da saúde, e Camila, 21 anos e graduanda da área de humanas.

Elizabeth e Camila nasceram e viveram da infância até adolescência na comunidade ribeirinha de Ivaí, nome fictício para representar a comunidade ribeirinha das participantes. Escolhi esse nome pelo seu significado de origem tupi-guarani: Ivaí é riacho de frutos ou pomar de frutas. Elizabeth saiu para cursar o ensino superior na UNIR e Camila saiu durante o ensino médio para cursar o ensino médio e técnico no Instituto Federal de Rondônia (IFRO). Ivaí está localizada no estado de Rondônia, a cerca de 250 km de Porto Velho, o tempo médio de transporte por barco até Ivaí são cerca de oito horas, a comunidade é acessível exclusivamente por via fluvial.

Importante enfatizar que Ivaí, Distrito de Porto Velho, tem a função de centralizar o acesso a outras comunidades ribeirinhas e áreas de demarcação da região do Baixo Madeira. Por ser uma comunidade grande e que abriga vários serviços públicos como escola e Unidade Básica de Saúde, torna-se um importante meio de acesso a políticas públicas para os moradores de localidades próximas. Para estudar na UNIR, ambas precisaram deixar suas comunidades. Camila saiu antes para cursar o ensino médio e técnico no Instituto Federal de Rondônia. E Elizabeth saiu um semestre antes de entrar na UNIR em busca de emprego que ajudasse com as despesas de viver em Porto Velho.

## 2.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

O procedimento de análise das informações foi realizado por meio da construção de indicadores de análise, conforme proposto por González-Rey (2002). O autor entende que o processo de análise ocorre durante todo o trabalho de campo, porém ele se concretiza com a finalização da coleta de dados, pois neste momento o pesquisador poderá relacionar os dados com conceitos teóricos e dessa forma é possível construir conhecimento, não meramente descritivos, mas que possibilitem abstrações mais profundas sobre os dados.

Indicadores para González-Rey (2002) são identificados a partir da criação de caminhos para a análise partindo da interpretação do pesquisador (a). Porque falamos que são caminhos? Porque fazer a pesquisa é ter acesso a muita informação que não necessariamente mostram conexões de fácil compreensão. Por isso, que é importante o processo de criação de indicadores durante toda a pesquisa. Numa confrontação constante do pesquisador com o objeto da pesquisa em toda sua complexidade.

Os indicadores mostraram que categorias de análise são essenciais para se chegar ao objetivo da pesquisa. A análise das informações foi construída na relação entre meu olhar como pesquisadora e as conversas com as colaboradoras. No momento das entrevistas, no ato em si, já surgiram pensamentos e questionamentos sobre o conteúdo das conversas. Entendo que durante todo o ato de pesquisar e nas aproximações sucessivas ao tema de estudo a busca por indicadores se consolida em movimento constante de interpretação e questionamento sobre os dados (GONZALEZ-REY, 2002).

Diante disso, vejo a narrativa das estudantes como o ponto mais importante na construção desta pesquisa definindo junto com o arcabouço teórico os caminhos das análises finais.

González-Rey (2002) afirma que devemos respeitar a linguagem e estrutura interna das informações produzidas. Não devemos olhar para estes como algo estático. Os dados comunicam algo à sua maneira. Nesse sentido, transcriber as entrevistas também contribuíram com a valorização da linguagem contida ali.

### **3 NARRATIVAS**

#### **3.1 ELIZABETH**

Eu nasci em Ivaí [ano 2000]. Eu sou de Ivaí. Minha mãe tinha 15 anos quando eu nasci e meu pai tinha 20. Os dois estavam desempregados. Minha mãe foi expulsa de casa quando engravidou e meus pais foram morar com meus avôs paternos de origem bem humilde. Meu avô, pai do meu pai, era o homem da casa e sustentava a família. Ele trabalhava na fazenda com um fazendeiro de lá, da comunidade, e em troca desse trabalho recebia alimentos. Ele não era remunerado. A gente vivia com aqueles alimentos que meu avô recebia. Depois o meu pai, quando eu tinha uns dois anos e pouco, começou a trabalhar numa fazenda também, recebendo da mesma

forma que meu avô, em troca de alimento. Recebia uma cesta básica. Até uns quatro anos eu não tinha lembrança do meu pai. Ele era bem distante. Eu quase não o via, ficava uma semana em casa e três semanas trabalhando. Na minha primeira infância eu não tenho muita lembrança do meu pai, mas eu sou muito apegada a ele.

Em 2004 meu pai assumiu um concurso público para gari, foi quando a gente começou a melhorar a nossa situação de vida. Meu avô [paterno] entrou com um processo contra o fazendeiro por trabalho escravo e ganhou o processo. Com isso, recebeu uns pedaços de umas terras do fazendeiro. Recentemente meu avô vendeu essas terras.

Antes de meu pai conseguir o emprego, eu fui morar com meus avós por parte de mãe. Meu avô materno descobriu que a gente estava passando por necessidades na época, que a gente não tinha o que comer, não tinha o que beber. Ele me levou para morar com eles [avó e avô maternos]. Eu passei cinco anos morando com eles e depois voltei a morar com meus pais. Eles tinham melhores condições de vida. Meu avô e minha avó estavam empregados. Até que meu avô adoeceu. Aí fomos morar nós três [mãe, pai e Elizabeth] com eles. Eu, meu pai, minha mãe, meu avô materno e minha avó materna. E a gente morou lá até os meus treze anos. Meu avô morreu em 2009, mas antes dele morrer comprou uma casa para minha mãe, meu pai e para mim. Estou falando assim meio desconexo porque é conforme vou lembrando.

Meu avô [materno] morreu por um erro médico. Ele contraiu uma pneumonia, coisa fácil de ser tratada, apesar da idade, ele já era idoso, tinha oitenta e dois anos. Mas por um erro médico, ele acabou sendo diagnosticado com câncer de pulmão, e precisou passar por um processo de quimioterapia sem necessidade, acabou morrendo por isso. Ele morreu e eu lembro que fiquei desolada. Entrei em processo depressivo porque eu morava com eles e era muito apegada.

Morei com meus avós paternos até por volta dos quatro anos. No quintal deles, na verdade, tinha uma casa nos fundos e a gente morava lá. Foi quando eu convivi com eles. Com meus 13 anos que a gente se mudou para essa casa que meu avô comprou que fica perto da casa dos meus avós paternos. Então, eu comecei a conviver mais com eles.

Eu fiquei doente, fiquei uns dois anos doente. Com problemas intestinais, eu perdi muito peso. Eu era gorda e emagreci muito.

Meu pai não terminou o ensino fundamental, ele fez até a sétima série. Minha mãe terminou o ensino médio. Meu pai é gari e minha mãe em 2010 passou num concurso público para agente de limpeza escolar.

Eu fui filha única até meus quinze anos. Eu tenho um irmão agora. Em 2015 nasceu meu irmão. Tem quatro anos hoje.

Eu fui criada dentro dos preceitos da igreja católica. Não tinha escolha. Tinha que seguir. Meu pai depois de um tempo acabou se afeiçoando com a igreja e eu fui junto. Eu tive uma educação bem rígida. Bem rígida mesmo. Não tinha a liberdade que meus outros colegas tinham. Às vezes, eu até fazia as mesmas coisas que eles, mas era por trás das costas dos meus pais e eu era sempre penalizada por isso. Isso é uma coisa que me traumatizou bastante. A minha mãe brigava muito com meu pai e como eu era filha única, ela acabava descontando isso em mim. Uma coisa que a gente trata hoje em terapia. Hoje a gente brinca que eu funciono muito sob pressão porque eu fui criada sob pressão. Eu vi cenas que me fizeram interiorizar isso em mim.

Meus pais brigavam muito. Meu pai até hoje bebe muito e minha mãe não gosta. Eles brigavam muito e sempre soltava em mim. A questão dessa criação fechada no colégio, a gente tinha educação física e todos meus colegas iam e eu não podia ir. Até meus 12 anos eu não podia participar da educação física porque meus pais não deixavam. Tipo eu ia, pegava a presença e falava para o professor que eu não podia. E ia para a casa. Não jogava, não brincava.

Eu tenho uma lembrança de quando eu tinha uns quatorze anos... Minha mãe tinha um cuidado extremo comigo por eu ser filha única. Eu tinha acabado de me recuperar de uma dengue e eu fui para a educação física. Brinquei e eu não tinha pedido permissão. Quando eu cheguei a casa levei uma surra.

Mãe: – Você estava doente e ainda foi correr lá?

Com esse cuidado ela acabava sendo muito agressiva. E eu acabei ficando retraída. Coisas que a gente trata na terapia. Eu era filha única. Eu era mulher num lugar que qualquer coisa que eu fizesse de errado, se eu desse um pulo fora, iam

contar para meu pai. E ia sair de um jeito que não era exatamente como tinha acontecido. Mas eu batia muito o pé também.

Eu dizia: – Não é porque eu sou filha única e sou mulher que não posso fazer aquilo. Então, eu ia lá e fazia sem a permissão deles. Eu enfrentava e sofria as consequências também por isso. Mesmo que às vezes batesse um arrependimento.

Eu me formei em 2017 [no ensino médio] e eu fui a coordenadora da comissão de formatura e foi um lugar onde eu sofri muito pressão na escola. Depois que eu fiquei doente, eu fiquei muito magra. Muito magra mesmo. Eu pesava uns trinta e pouco quilos. E eu tenho um metro e sessenta e três, e isso já faz tempo que eu tenho. Eu cresci mais. Um metro e sessenta e três e eu era muito magra. Eu lembro que as pessoas cometiam muito bullying comigo. Falavam que eu ia entrar numa garrafa e tal. Tinha coisas que eram muito pesadas. Eu tenho ascendência indígena, distante, mas eu tenho. E eu me lembro de uma professora que tinha lá, que falava: – Olha, essa testa dela não tem para onde negar que é índia! Os peitos caídos.

E ela falava umas coisas que me magoavam. E eu sempre fui rebelde e eu batia boca. Eu falava que era desrespeitoso ela falar desse jeito, por mais que eu tivesse descendência indígena não era um jeito legal de falar dos meus traços. Era desrespeitoso comigo. Mas isso se resolveu também depois de um grande debate.

Eu sempre consegui minhas coisas muito assim no braço. É que eu falo não no sentido literal, mas no sentido de correr atrás. Se eu vejo que há uma coisa errada, eu vou lá e discuto para tentar mudar aquilo. Eu fui assim desde pequena. Desde muito pequena. Minha mãe diz que eu tenho gênio forte. Mas sempre com limites. Respeitando as pessoas, lógico. Porque eu nunca gostei de ser desrespeitada. Então, não ia fazer isso com ninguém.

Hoje, eu me imponho menos que antes. Não sei o que aconteceu comigo. Hoje, eu tenho certo medo de me impor, mas eu sempre me impus quanto a minha opinião, quanto a coisas que eu achava desrespeitosas, quanto a tudo. Tudo que eu achava errado eu falava: – Isso tá errado por isso, isso e isso. Eu explicava, mostrava fatos, tudo que eu podia comprovar que eu estava certa. E quando eu tô errada, eu também falo. Eu tenho essa humildade de dizer: – Não. Eu tô errada e você tá certo. Não sou orgulhosa, mas eu gosto de me impor.

Adolescente é um negócio doido né. Eu ainda sou, mas quero passar logo essa fase. Quando eu participei da comissão de formatura foi horrível. Porque a sala tinha trinta pessoas, se eu não me engano, e todos iam fazer a formatura. E a gente ficava sempre facilitando porque a maioria das pessoas da nossa comunidade ribeirinha é de baixa renda. Então, a gente correu atrás de patrocínio de formatura e conseguimos um *tablet* para rifar e conseguir dinheiro para pagar a formatura. Essa formatura aconteceu por causa da comissão formada por 5 pessoas de trinta. Porque só a comissão trabalhou. Isso foi muito desgastante. Apesar de só a gente ter trabalhado a gente ouviu muita coisa que não foi legal. Teve um aluno da nossa turma que chegou para gente e falou: – Vocês estão desviando dinheiro. E tivemos que comprovar que o dinheiro todo que a gente recebeu estava lá porque ouvimos isso.

Acho que as pessoas não medem muito as palavras e não sabem o quanto aquilo pode ferir os outros. Totalmente adolescente. E teve muita briga, muita briga. Estava no tempo do ENEM e os nervos de todos estavam à flor da pele. Lembro que eu tinha umas crises de pânico que eu chegava a desmaiar. Eu ficava me tremendo. A gente achava que era problema no coração porque fazia o eletro e dava alterado. E eu descobri que sofria de ansiedade, descobri que sofro de ansiedade há dois anos. Foi no final de 2017 e eu já tinha passado por tudo isso.

Fazia os exames e achava que era problema no coração. Tem arritmia, tem arritmia. E eu fui ao médico, tomava remédio e não dava jeito. Eu tomava Carvedilol e eu lembro que minha pressão baixava. Tinhas umas crises assim. E eu ficava muito transtornada. Eu acho que me importava muito com o que as pessoas iam pensar de mim. Isso por causa do meu pai também. Meu pai é uma pessoa muito querida lá em Ivaí. Todo mundo gosta dele. Ele fala com todo mundo, ele é legal com todo mundo. É um cara muito humilde.

O nome dele é Sebastião, mas todo mundo o chama de Tião. Todo mundo gostava dele e eu acho que queria ser igual ele, que todos gostassem de mim. E eu corria atrás dos apreços das pessoas, me importando com tudo que elas falavam. Às vezes, se uma pessoa me chamava de burra, eu botava na cabeça: – Eu sou burra, eu sou burra, eu sou burra. Até hoje eu tenho um pouco dessas coisas. Eu me importo muito com o que as pessoas ao meu redor pensam de mim. E isso é uma coisa que me abala muito.

...

O meu avô paterno recebeu essas terras que ele vendeu esse ano, mas antes dele vender ele trabalhava nas terras com manejo e tudo. Ele tinha cabeça de boi e vendia a preço popular porque meu avô era analfabeto. O que ele achava que era certo, ele fazia. E ninguém se metia, se era dele, era dele. Aí ele vendeu uma cabeça de boi para fazer meu aniversário, foi em novembro e meu aniversário é em janeiro. Em novembro de 2017 ele vendeu: – Ah, esse vai ser para o aniversário da Elizabeth. No dia 24 de dezembro, véspera de natal, ele enfartou. Ele ficou internado no hospital João Paulo por quatro meses.

E ele: – Não, vamos fazer o aniversário. Eu estou melhor.

E eu falei: – Tá, vamos levar pra frente.

No dia que estava marcado para meu aniversário, a minha avó materna sofreu um infarto. E meu avô paterno já estava internado e minha avó materna enfartou. Só que a situação da minha avó materna foi pior porque ela estava na comunidade quando aconteceu. E meu avô não, ele estava em Porto Velho e foi direto para o pronto socorro. Tudo muito rápido. Lá, não. No dia que ela enfartou, não tinha nem aspirina na unidade de saúde. Acho que por isso eu escolhi enfermagem porque eu sempre lutei pela saúde de lá. Porque lá você chega e a unidade tá lá, bonitinha, tem a sala do dentista, o consultório odontológico, tem o consultório médico, tem o consultório de enfermagem, tem a sala de regulação. Tudo lindo, mas não tem recurso.

Antigamente, tinha uma ambulância, que era uma lancha mesmo, com todos os materiais de primeiros socorros. Foi retirado e mandado para outra comunidade. Ficando apenas uma voadeira normal. A voadeira não estava funcionando nesse dia. E como a família da minha avó materna tem boas condições, eles fretaram uma só para levá-la até Humaitá. Em Ivaí, a gente não sabia ainda que ela estava enfartando. Tinha suspeita? Tinha, mas dizer que era algo concreto ninguém dizia. E eu me lembro da briga que teve do meu tio, que trabalha na unidade como auxiliar de laboratório, com o médico. Porque o médico disse que minha vó estava tendo uma crise de ansiedade. E minha vó passando mal, desmaiava e estava

toda roxa, sentindo dor no braço, dor nas pernas. Circulação dela parou, travou, não estava tendo retorno nenhum. As mãos e os pés estavam todos arroxeados.

E o médico cubano, do Programa Mais médico, falou: – Sua mãe está tendo crise de ansiedade e isso vai passar. E eu sou médico aqui, então, atendo ela quando eu achar que é preciso.

Eu sei que nisso minha avó enfartando e eles brigando. Uma situação que só vendo mesmo para acreditar. Eu nunca o considereei um médico ruim. Ele sempre atendeu a população de boa. Só que foi uma situação que chamou atenção. Porque por mais que tu tenhas uma educação superior, não pode fazer descaso com ninguém. É negligência, é imprudência.

É biológico, até no meu caso que afetava meu coração e eu tinha ataque cardíaco. Por isso, não adianta falar: – Ah, tem que relaxar. A pessoa está tendo uma crise de ansiedade, vai falar pra ela relaxar. É uma crise. Foi uma coisa muito sem nexo. Aí minha avó foi para Humaitá e quando chegou lá ela tinha enfartado. Aí depois foram para Porto Velho. O lugar mais próximo era Humaitá. Porque Ivaí fica bem longe da capital de Rondônia. De Humaitá foram para Porto Velho. E aí a deixaram no Hospital Central porque ela tinha plano de saúde.

Ela ficou um mês internada e eles falaram: – Não tem como salvar a Dona Alta, é melhor levar ela pra morrer em casa, feliz. O nome da minha avó é Raia. Diferente né.

E meus tios bateram o pé lá: – Não, não pode morrer assim.

Desde a perda do meu avô, eles ficaram se sentindo culpados. Porque tipo: – Ah, fulano tinha dinheiro, por que ele não pagou um plano de saúde para o papai? Eles ficaram um jogando a culpa no outro. E aí eles ficaram: – Não. Mamãe não pode morrer, papai morreu daquele jeito. Não pode.

Eu sei que conseguiram levar ela para Goiânia. Para ter o atendimento pelo plano. Foram para Goiânia, eu esqueci o nome do hospital. Só que os gastos foram todos pagos por eles, o plano de saúde não pagou os gastos da viagem, só dos atendimentos. Fizeram uma angioplastia e ela está viva até hoje. Isso foi ano passado.



A mamãe me teve muito nova, tinha quinze anos quando eu nasci. Meu pai foi o primeiro e único relacionamento que ela teve. Acho que na minha infância até minha adolescência eu tinha minha mãe como sendo muito rígida, brigava muito comigo, falava muitas coisas desnecessárias. Eu lembro que eu arrumei um namorado quando eu tinha quatorze anos e estou com ele até hoje. E ela me chamava de muitas coisas que eu não gostava por não gostar do fato de eu estar namorando. Porque tinha medo que eu engravidasse. Que é o que basicamente todo mundo achava.

No interior começou a namorar todo mundo fala: – Olha, já vai engravidar, vai sair de casa cedo, essa aí não vai ter futuro.

E minha mãe levava muito em consideração o que as pessoas falavam de mim. Sofri muita pressão psicológica por parte dela, mas tem culpa do meu pai também. Porque meu pai não falava as coisas diretamente para mim, ele dava esse trabalho a ela, dava essa função a ela. Eu comecei a perceber isso: – Ah, a Elizabeth fez isso e não sei mais o que lá, vai lá e briga com ela. Ele não tinha isso de: – Ah, eu sou pai e posso conversar com ela. Ele passava a missão para ela. Ele acabou tendo, por parte de mim, aquela visão de bom moço e ela de má, mas eu mudei isso com o passar do tempo.

Depois que eu fiquei doente e entrei no transtorno de ansiedade que eu já tinha há muito tempo, entrei em processo depressivo, foi aí que a gente começou a melhorar a relação. Ela falou para mim que se sentia muito culpada pela minha doença, pelas coisas que eu passo. Tipo, tem dia que eu venho para a UNIR amanhecida, que eu não dormi. Eu não consigo, eu fico com um monte de coisa na minha cabeça e aí vai dando a crise de ansiedade, a falta de ar, meu coração acelera e eu não durmo nada, nada, zero. De ontem para hoje eu não dormi nada. Nenhuma hora de sono. E eu venho pra cá amanhecida. Eu me encho de remédios e venho. Para dar conta. Senão, eu não dou. E eu, às vezes, nem dou conta. Às vezes, eu fico em casa, nem levanto da cama. Não consigo dormir de jeito nenhum por causa da ansiedade, da depressão e tudo. Não saio de casa, não saio da cama, não saio do quarto, não me levanto. Depois que eu entrei aqui na UNIR piorou muito, muito mesmo. Falo para minha mãe que sinto falta até das broncas dela. Sinto falta de algumas coisas, outras não.

Minha mãe diz que se culpa muito porque ela sabe que foi muito dura comigo. Ela falou isso pra mim chorando e eu comecei a chorar também. Foi doído pra ela se culpar. Porque cada um tem sua subjetividade e sentir as coisas do jeito que eu senti é muito de mim. Foi o que eu senti, foi do jeito e da intensidade com que eu senti. Mas ela fala, ela sempre fala. Tanto é que com meu irmão, tanto meu pai quanto ela estão agindo diferentes. Meu pai diminuiu a bebida, ele já não bebe tanto quanto antes. A minha mãe não é tão rígida com ele, apesar de ele ter quatro anos, eu vejo que ela o trata de forma diferente. Tipo, ela não bate muito nele. Ela me batia muito, muito mesmo. Qualquer coisa que eu fizesse errado era o cipó, uma corda, uma vez ela me bateu com um cabo de vassoura. Eu vejo que com meu irmão está diferente, até por causa de mim. Eu gosto disso porque é uma evolução.

Eu amo meu irmão. Eu fui ter um irmão depois de quinze anos e eu sou apaixonada por ele. Eu sabendo que ele não vai ter os mesmos traumas que eu e que ele tá tendo condições de vida melhor que eu. Eu cheguei a passar fome, ele não chegou a passar. Ele tá tendo um apoio emocional maior que eu. Eu fico feliz. Houve mudanças. Assim não foi do tipo: – Ah, vou mudar! Foi do tipo: – Ah, ela adoeceu, a culpa é nossa, vou mudar. Mas mudaram né. Comigo, me tratam muito melhor. Meu pai sempre me tratou bem. Pelo menos, ele sempre jogou a responsabilidade para minha mãe, mas ele me tratava bem. A única coisa que ele me impunha era a questão de ir a igreja.

A igreja é outra que afeta muito a nossa vida. Depois que eu saí da casa dos meus pais, eu busquei outras religiões. Fui conhecer. Eu gosto muito de conhecer as coisas. Foi legal, e diferente. Porque eu tinha uma crença muito fechada e eu abri meus horizontes. Eu fui à casa espírita, terreiro de umbanda, igreja evangélica. Eu explorei. Sempre que alguém me convida eu vou porque eu gosto. Gosto de ver a energia que as pessoas carregam naquele lugar. Porque lá, no interior, até a energia da igreja é pesada por causa da cultura das pessoas. Tipo, se tu vai desarrumado para a igreja fica todo mundo falando de ti. Tem que ir arrumadinho. Se você faz alguma coisa errada, e vai para a igreja, eles falam que a pessoa não tem vergonha na cara: – Fez isso ontem e já tá aqui hoje.

Eu acho que pela noção que eu tenho de cristianismo eles nunca leram muito isso. Porque qualquer religião, qualquer fé, deve ser vista com amor. Amor ao próximo.

E eu não sentia muito isso. Eu era salmista na igreja, eu cantava os salmos. E tinha brigas internas dos próprios cantores de salmos e eu saí porque eu não queria brigar. As brigas eram para ver quem se destacava ou então para ficar só uma pessoa cantando, porque era revezado. Tipo tu faz isso e eu faço aquilo, mas tinha gente que queria fazer sozinha. E eu falei que não queria ficar aqui porque não é um ambiente legal.

Foi um impacto vir morar em Porto Velho. Tipo lá qualquer lugar que tu vai, tu vai a pé. Aqui não, tem que ir de ônibus, de táxi, de Uber. E eu gosto muito de rio, lá eu tinha acesso a tomar banho de rio. Tinha acesso a natureza, eu gosto muito de natureza. Às vezes eu ia para o rio, eu nem ia tomar banho, eu sentava no flutuante que é tipo uma casa, e eu ficava lá só olhando o rio, os pássaros. Eu gostava muito. Era uma coisa que me acalmava. Aqui não tem isso.

Aqui quando eu quero me acalmar eu fico andando de ônibus. Eu pego ônibus e vou. Porque é um lugar aonde ninguém vai me conhecer. As pessoas, geralmente, podem te ver chorando e o que for, mas não vão ao teu encontro perguntar o que tá acontecendo. Eu sinto minha dor sozinha e nenhum problema.

Outra coisa é que eu acho a cidade grande muito agressiva. Do ano passado pra cá eu sofri dois atentados. Eu estava indo pra casa da minha tia que mora lá no centro e um cara tentou me puxar para dentro do carro. Eu lembro que ele até arranhou meu braço. A gente fez a denúncia, mas como não tinha placa nenhuma não deu em nada. Eu tenho um reflexo muito bom, graças a Deus, porque coordenação motora eu não tenho. E eu senti aquilo e falei: – Ele vai pegar meu braço. Porque o carro estava fechado e o vidro era escuro. Ele estava parado e eu falei: – Vou passar aqui e não tem ninguém. Eu, desatenta também. Quando eu passei ele abriu a porta do carro e tentou me puxar. Nisso eu puxei meu braço e saí correndo. Ele arranhou no meu braço. Esse foi o primeiro. Depois disso eu fiquei um tempo sem sair de casa. Eu não estava estudando ainda. Eu vim pra cá antes de estudar para ver se conseguia um emprego pelo menos pra me arrumar.

Esse ano, eu sofri outro por conta de ideologia política. Teve os protestos da UNIR, e eu estava voltando pra casa um dia, depois do campo prático, dois dias depois do protesto. Estava no ônibus conversando com minha amiga sobre os protestos

contra o governo. Eu sou contra o governo atual. E esse homem ouviu e ficou de pé na nossa frente e falou o seguinte:

– Eu fui um bom militar, eu fui militar por muitos anos. E depois se sentou.

E nós ficamos: – Ah, não é com a gente. E tinha um outro colega com a gente, homem, forte, só que ele desceu do ônibus. E quando ele desceu o militar veio pra nossa frente e ele estava armado. E começou a nos ameaçar. Ele chamou a gente de duas biscates e não sei o que lá. Ficou falando que sabe das coisas:

– Vocês não sabem de nada, eu fui um bom militar e eu posso acabar com a raça de vocês. Eu conheço gente da polícia e eles vão dar uma surra em vocês.

Eu sei que só sabia chorar e minha amiga que estava mais tranquila que eu, aparentemente, ficou passando a mão no meu braço enquanto eu chorava, chorava. Isso tudo dentro do ônibus! Era o Grande Circular A. Eu moro na zona sul. E quando pegamos o ônibus era cedo ainda, ele ia dar a volta no shopping e depois ir para a zona sul. Aí eu falei: – Ah, vou pegar. Que eu gosto de andar de ônibus mesmo. Aí sentamos. Eu lembro que tinha umas cinco pessoas no ônibus e ninguém fez nada. Ficou todo mundo apavorado vendo o homem falando aquilo e ele estava com uma arma. Ele não chegou a apontar pra gente, mas ele apontava como quem queria dizer eu estou armado e se vocês levantarem daqui é bala. Falou que ia chamar os amigos dele da polícia para dar uma surra na gente. Pra gente parar de falar mal do governo. Foi horrível.

Nesse dia, eu cheguei chorando em casa. Eu moro com dois colegas e um deles veio me buscar na parada. Porque antes de eu pegar o ônibus eu pedi pra ele me buscar e tal. Quando eu cheguei, ele já estava me esperando. E eu chorando, chorando. Ele perguntava o que tinha acontecido e eu não conseguia me acalmar. Eles me deram maracugina, foi quando eu consegui falar o que tinha acontecido, mas o tempo todo chorando.

E aí eu recebi uma ligação da minha mãe: – Elizabeth, tua tia faleceu lá em Humaitá.

Foi tipo dois baques num dia só. Ela era minha tia-avó. Mas família é família. E a gente viveu muito tempo juntos. Fomos para Humaitá e eu tinha contado para meu

tio, que trabalha no fórum, o que tinha acontecido e ele falou: – Ah, mas não pode dar queixa sem tu aqui. Passamos três dias em Humaitá e quando eu voltei fomos à polícia dar a queixa, mas eles falaram que como tinham passado três dias eles não podiam fazer mais nada. Eu sei que até hoje vejo esse cara. Um dia desses saindo do campo prático também, semana retrasada, na quarta-feira, e a minha colega tinha me deixado em frente a uma loja para pegar o ônibus Norte sul. Eu estava lá e ele apareceu. Começou a me encarar e ficava rodando assim atrás de mim. Aí eu fingi que estava falando com meu tio: – Não tio, não sei o que lá, tô indo. E eu tirei uma foto dele assim de lado. Ficou toda embaçada, mas pegou. Então, eu entrei para dentro da loja e fiquei lá dentro do banheiro. Fiquei lá até ele sair. E a gente tá vendo se consegue entrar com um mandado de segurança porque ele tá me perseguindo. Eu acho que ele sabe quem eu sou porque uma pessoa não fica dando volta ao redor da outra sem saber quem é. Ainda mais, com a cara que ele ficava. Ficava me encarando. Tipo tinham várias pessoas na parada e ele ficava olhando só pra mim e eu morrendo de medo. Um ódio desnecessário!

Eu fiquei mais chateada porque aconteceu, né, e eu não contei para todas as pessoas da minha família. Contei para minha mãe, meu pai e esse meu tio. E para meus colegas que moram comigo. Eu sei que daí outras pessoas ficaram sabendo e vieram falar comigo no *whatsapp* sobre o que tinha acontecido. E eles: – Não, mas você não pode ficar falando disso por aí. Falaram que eu estava errada e não sei o que lá. Aí eu fiquei: – Gente, eu posso sim! Como assim? Eu sou livre! Aí eu fiquei – argh. Teve até uma tia minha que falou: – Tu não pode, Elizabeth, falar isso por aí, controla tua boca. Mandeí só um legal pra ela. Fiquei tipo totalmente oprimida. Não posso ter ideologia política, nada. Os tempos estão sombrios. As pessoas querem ameaçar e calar a gente na força, na marra.

Eu tenho dois primos meus que são a favor do governo que tá aí e a gente discutia muito no Facebook, eu até bloqueei eles. Porque como eu falei que depois que eu vim pra cá meu processo depressivo piorou bastante, o transtorno de ansiedade piorou muito por causa do ritmo na cidade, na faculdade e tudo. E eles criaram um grupo com três pessoas, dois primos meus e outra pessoa que é de Ivaí também. E eu fiquei sabendo disso pela mulher desse primo meu. Desse grupo que era os pró-bolsonaro, e às vezes eles ficavam falando de mim. Pensei em relevar. Só que os dois falaram, de forma simultânea, um pelo Facebook para todo mundo ver e

o outro foi no *Whatsapp*, no privado, que eu não tinha condições de discutir política por causa do meu estado psicológico. Quer dizer que eu sofro disso e eu não tenho condições de discutir sobre política. Aquilo me magoou bastante. Fiquei muito chateada. Eu passei dois dias sem vim pra UNIR depois disso. Não levantava da cama. Apenas chorava. Eles são da minha família e dizem essas coisas de mim. Em vez de me dar apoio e tal. Aí meu namorado do meu lado falou: – Bloqueia, exclui, não tá te fazendo bem, tu acha que as pessoas querem teu bem falando isso pra ti? E bloqueei. Um deles voltou e pediu desculpas de mim um dia desses e a gente tá tentando. São primos de primeiro grau. Não dá pra fugir, é família. O outro não fala comigo, ele se achou correto. Eu gostava deles.

Eu tinha até certo deslumbre pela luta deles que vieram pra cá do nada, conseguiram emprego, tem suas casas. Aí eu falei que perdi totalmente... Não lembro o que foi. Não foi respeito, foi outra palavra. Que eu tinha por ti quando usou a minha doença para me agredir. Falei para os dois. Desde quando problema psicológico diz tudo sobre uma pessoa, diz tudo sobre a capacidade mental dela. Foi muito doloroso.

Foi em Ivaí que percebi sobre o transtorno. Foi o padre da minha igreja que viu que eu andava abatida e pediu para conversar comigo. Começou a conversar comigo e eu não gostava de assumir que estou doente. Tinha muito receio de assumir o que eu tava passando, o que estava sentindo, que eu não dormia. Às vezes, eu fazia coisas que eu sabia que iam me adoecer. E ele percebeu. Meu pai e ele eram muito amigos. Os padres que vão pra lá são Combonianos. Ele era Comboniano. Então, eles deixam tudo, família, e acabam se agregando muito a comunidade. Ele viu que eu não estava bem e primeiro fez uma coisa que é da cultura dele, que é com imãs, que é para descobrir doenças. Muito cultural deles, eu nem sei explicar. Aí ele falou tu tá doente aqui, que era do meu intestino, que realmente eu estava há muito tempo, e aqui na cabeça. Foi quando eu decidi me abrir com ele. Eu conversei. E foi uma psicóloga da paróquia pra lá, para dar umas palestras, foi quando eu recebi o diagnóstico, mas não cheguei a fazer o tratamento.

Eu comecei a fazer acompanhamento aqui já. Eu fiz acompanhamento no Centro de Referência da Mulher com uma psicóloga, mas eu mesmo interrompi porque eu não tinha como ir por causa da faculdade. Eu fui só umas duas vezes e parei. Depois eu fui com outra psicóloga que eu não lembro o nome. Fui uma vez e

ela me encaminhou para o psiquiatra. O psiquiatra passou remédio pra mim e eu tomei por um tempo. Aí eu fui a outro psiquiatra e ele suspendeu os remédios que eu estava tomando e me passou os homeopáticos, que é o que eu estou tomando agora. Eu vou voltar a fazer o tratamento psicológico dia 5 [de dezembro de 2019]. Dia 5 vai ser o primeiro dia com essa nova psicóloga. Aí eu vou ver o que ela vai dizer.

Porque o que eu tenho é aquele primeiro parecer, que fui levando para os outros, que tenho isso e isso. Não cheguei a aprofundar. Eu tomava Clonazepam e Dineurax, passados pelo primeiro psiquiatra, o segundo mudou para os homeopáticos. Só que eu não tô sentindo melhora com os homeopáticos. São remédios naturais. Eu não consigo dormir e eu estou tendo muita crise de ansiedade. Teve um dia desses que eu vim pra cá UNIR que eu passei o dia vomitando. Não consegui dormir. Eu começava a tremer e só passava quando eu vomitava. Ontem eu passei a noite em claro e na sexta eu também não consegui dormir, mas dormi de dia né. Hoje, eu não dormi de dia porque estou aqui. No sábado eu dormi umas 3 horas da manhã e acordei às dez horas de ontem, domingo. De ontem pra hoje eu não dormi nada. Eu fechava o olho e aí começava. Vinha ânsia de vômito, sempre que estou em crise me dá ânsia de vômito. Dá falta de ar, arritmia cardíaca, e eu não dormi. Eu sou intolerante a lactose, e quando eu tô muito ansiosa, eu quero comer algo que tenha lactose. Eu não posso, mas eu quero. E no final, eu sempre acabo passando mal. Dá vômito, dá diarreia, às vezes dá febre.

Um dos fatos que eu sofria bullying na adolescência é porque era muito expressiva. Se eu estava triste, eu chorava. Se eu estava com raiva, eu ficava com cara de quem estava com raiva. Eu sofri muito, me chamavam de mulher chorona, chora por tudo. Eu lembro que uma vez um colega meu cortou meu cabelo pra fazer uma macumba pra eu parar de chorar tanto. Ele cortou mesmo meu cabelo. Aí eu fiquei muito com aquilo: – Ah, não posso chorar em público. Hoje, eu dificilmente eu consigo chorar em público, não sai, mas às vezes até fico com aquilo preso, fica preso na minha garganta. Eu não expresso, como se tivesse algo entalado. Aí não sai e eu me martirizo. Com coisas que eu não posso, vou me cortar, bater a cabeça na parede, vou arrancar meu cabelo, eu fico puxando. Eu corto, arranho, às vezes com a unha mesmo. Minha unha é grande.

Antes eu desenhava, mas eu parei. Mas vou tentar continuar. Eu gosto muito de desenhar. Já me deram a dica de escrever, mas ainda não tentei. Desenhar é melhor. Na minha casa meu pai sempre me brigava porque eu comprava tinta guache e pintava a parede do meu quarto. Fazia múltiplas coisas. Fazia uma pessoa, uma borboleta. Eu gosto muito de borboleta. Gosto de desenhar coisas que expressam a liberdade. Tipo voz, animais que voam, animais selvagens que vivem livres. Eu sempre gostei dessas coisas. Tipo onça, tigre. Eu gosto muito de tigre, não sei o porquê. Eu nunca vi um tigre na minha vida, mas eu gosto muito. Eu desenhava muito tigre. Os olhos também. Eu gosto muito dos olhos das pessoas, às vezes eu fico olhando muito e a pessoa pensa que eu tô paquerando ela. Fico só viajando nos olhos. Os olhos, eu gosto muito de desenhar olhos. Às vezes, tu olha nos olhos da pessoa e tu não vê nada, eu tenho medo disso. Eu não tenho medo de: – Ah, a pessoa tá com raiva, a pessoa tá triste, ou quando a pessoa tá passando por alguma dificuldade. Porque tudo tu consegue ver no olhar da pessoa. Se a pessoa tá triste, se ela tá feliz, se ela tá com raiva. Os olhos não mentem. Mas às vezes tu olha e não vê nada no olhar da pessoa. Eu já tive situações assim. Me deixam com medo. É estranho.

Quando penso nos meus olhos, eu vejo uma pessoa difícil de lidar. Eu falo para meu namorado: – Eu não sei como ele me aguenta por conta das crises. Às vezes, eu não sou muito carinhosa com ele, eu me afasto. Não só com ele. Minhas amigas mesmo reclamam que eu me afasto muito. Que eu me isolo muito. Às vezes, eu sou agressiva. Eu surto e qualquer coisa que ele fala ou que outra pessoa fale... Com os outros eu até evito. Tipo com pessoas que não tenho tanta intimidade, mas com ele eu explodo. Eu vejo uma pessoa muito explosiva. Muito sentimental. E muito perdida ao mesmo tempo. Eu me perco.

Meu namorado fala que eu sou muito aleatória. Às vezes eu tô digitando um trabalho e apareceu uma tarefa que tenho pra fazer, aí eu deixo a matéria e quando eu vejo eu estou fazendo os dois e eu não consigo fazer nenhum. Eu quero dar conta de tudo ao mesmo tempo e não consigo. E eu me frustro por isso.

Meu pai me obrigou a fazer guarda-mirim quando era criança. Que é um programa da polícia militar para disciplinar as crianças. Fui obrigada, mas não gostei não.



...

Pesquisadora: como você se identifica?

Sobre me identificar, eu me identifico como mulher, parda, ribeirinha! E com orgulho. É uma coisa que eu não escondo. Ninguém nunca me fez essa pergunta: – Como você se identifica. Sou confusa sobre tudo. Eu me pego nuns questionamentos assim. De certeza é que eu estou viva, a única. E que eu vou morrer um dia.

Um dia desses que eu estava com minhas colegas, minhas amigas, e a gente estava conversando sobre o problema de cada um. Eu falei: – O meu problema sou eu. Porque eu mesmo causo meus problemas. Eu me sinto assim. Eu me sinto muito culpada por tudo, o tempo todo. E eu falei isso pra elas: – Meus problemas sou eu. Que elas estavam atribuindo a causas externas. Eu não, eu que sou meu problema. Eu não consigo organizar minhas ideias. Eu sou desorganizada em tudo. A cabeça desorganizada, as minhas coisas. Tipo eu faço um monte de coisas ao mesmo tempo. Eu dobro minhas roupas, três minutos depois eu já desdobrei tudo. Eu sou muito desorganizada. Nos estudos, eu já cheguei a nomear um trabalho e enviar, e na verdade, era trabalho de outra matéria. Porque eu fiz os dois ao mesmo tempo, eu troquei os nomes.

...

Eu não gosto de chuva. Eu não gosto de chuva aqui. Eu gostava de chuva lá em Ivaí pra tomar banho de rio. Não quando estava assim com o céu fechado. Chuva com sol, casamento de espanhol. Chuva com sol, eu gosto. Com o tempo fechado, eu não gosto, porque lembra a tristeza. Não sei por que eu associo isso desde criança. Eu associo a chuva com tempo fechado com tristeza. Tá acontecendo alguma coisa de errado em algum lugar. Não sei, é algo bem infantil né. Eu me lembro dos moradores de rua que estão na chuva. Eu associo com umas cenas tristes desde criança. Sinto muito pelo o outro. Me preocupo com tudo dos outros. O que eles pensam, como eles agem, em que as ações deles afetam eles, o que eles pensam de mim. Tem situações que eu não sei como agir. Teve uma colega minha que entrou em surto, ela é bipolar, e eu não sabia como agir. Eu fiquei:

– Nossa, como é que vou agir? Ela precisa de ajuda. O pessoal da sala se afastou dela, eles a excluíram. E eles: – Ah, ela vai fazer alguma coisa contra a gente. E eu falava que não ia. Eu conversei com ela. Ela até me agradeceu agora que tá melhor. Ela ficou afastada trinta dias. E eu tentei conversar pra ver o que tava se passando e ela falou. Mas eu fiquei muito: – Ah, se eu não fizer nada e acontecer alguma coisa com ela? Vai ser culpa minha, vai ser culpa minha. Qualquer coisa que aconteça a alguma pessoa que tá ao meu redor, eu sinto que foi culpa minha. Eu sempre tento fazer tudo que tá ao meu alcance. E até quando eu faço tudo que está ao meu alcance e acontece alguma coisa, eu me sinto culpada. Eu penso que podia ter feito mais.

Em Ivaí, eu estudava à tarde, nunca estudei de manhã. Até meus onze anos, eu não saía de casa pra nada. Eu só ia pra escola, voltava pra casa e me trancava no quarto. Depois chegou a adolescência, a puberdade, os hormônios à flor da pele, eu saía. Eu gostava de ver o rio. Eu lembro que uma vez tava chovendo, chuva com sol, e eu fui tomar banho de rio. E eu me afoguei no rio. Tinha outras pessoas comigo. E eu não sabia nadar, aprendi me afogando. Eu gostava de ver o rio porque gosto de ver a corrente e os botos. Fico mais calma. A corrente me acalma. A corrente me acalma. E o pôr-do-sol também. Gosto muito de pôr-do-sol. Acho muito lindo a ideia do pôr-do-sol. A terra tá girando, num lugar é noite e aqui é dia. As coisas tão mudando. Eu gostava muito, eu gosto ainda.

Em Porto Velho, a rotina é faculdade e casa. No começo do ano, eu saía. Eu saía para beber, eu bebia muito. Meus pais não gostam que eu beba. Eu bebia muito, muito mesmo. Eu ainda bebo, mas tô mais controlada. Porque eu tava muito surtada. Eu bebia que cheguei a desmaiar. Quase entrar em coma de tanto beber. E isso foi lá em Ivaí.

Eu não tinha costume, eu comecei a beber na doida. Eu briguei com minha mãe, eu tinha uns dezesseis anos. Briguei com minha mãe e saí pra rua. Bati o pé e falei vou sair. Eu sei que tinha uma colega minha, filha do dono de um clube que tem lá, e ela consegue bebida. Foi a primeira vez que eu bebi, só que era coisa de uma vez ao ano.

Em 2018 que eu comecei a beber nos finais de semana. Eu fui morar com minha tia que me deixava sair e fazer o que eu queria, coisa que meus pais não deixavam. Quando voltei em Ivaí, que teve um festejo lá comecei a beber com o namorado da minha prima. Bebi, bebi, bebi, bebi. Eu fui no banheiro e daí eu não lembro mais. Encontraram-me no banheiro. Apaguei. Levei uma surra daquelas. Fiquei toda roxa. Eu só sei a história né, porque lembrar, eu não lembro. O que me contaram, foi meu tio que me contou, parece que o pessoal estava bebendo comigo colocaram alguma coisa na minha bebida. Faz até sentido porque eu não lembro de nada, nada, nada. Colocou né. E aí falaram pra ele: – Oh, eu vi colocarem algo na bebida da tua sobrinha. Ele me seguiu até o banheiro e viu que eu não saia. Ele foi chamar a mulher dele. E a mulher dele falou que eu tava desmaiada. Então, me levaram pra casa e me deixaram lá. Pediu a chave do meu pai. Disfarçou porque ele sabia que meu pai poderia ficar bravo. Disfarçou e me deixou lá. Eu sei que quando meus pais chegaram, eu tava toda vomitada e não me lembrava de nada. Apagada, apagada. Eu acordei quando minha mãe, minha mãe tinha tirado minha roupa e eu não tinha sentido nada, nada, nada. Minha mãe tirou minha roupa inteira e me deu banho, foi quando eu acordei com a água gelada no meu rosto.

Minha mãe me dando banho e batendo ao mesmo tempo. Foi horrível. E no outro dia, todo mundo comentando. Que é cidade pequena. Eu não tinha onde enfiar meu rosto.

Nessa época, eu já tinha sido chamada e feita a matrícula pra UNIR. E minha mãe: – Tu não vai mais estudar em Porto Velho, pra fazer isso? Não vai, não vai. Não queria mais deixar eu vir.

Eu comecei a morar aqui seis meses aqui antes da faculdade pra ver se eu conseguia um emprego pra juntar dinheiro. Eu não consegui o emprego e fui pra lá, pra esse festejo. Eu sei que eles me deixaram voltar pra cá era em cima da hora já. A aula começava dia trinta de julho e eu voltei acho que dia vinte. Uns dez dias antes. Mas proibida de sair geral, total. Esse ano eu fui morar com meus colegas e eu saí uma vez no ano. Eu gosto de sair, me tranquiliza. Eu não relaxo totalmente, continuo pensando nas coisas. Mas dá mais leveza, tipo assim. Eu moro aqui com dois primos meus de segundo grau. Minha prima estuda em outra faculdade e meu primo só trabalha. Ele veio primeiro e ela veio junto comigo pra cá. Dividir sai mais barato, sai

mais em conta. Eu não tô trabalhando, mas na UNIR eu faço projeto. Faço projeto de extensão na área da saúde.

Foi uma porrada muito grande no início da UNIR, porque eles cobraram muita coisa que eu não vi no ensino fundamental, nem no médio. Vamos ser sinceros. Lá em Ivaí sempre faltava professor. Era professor de língua portuguesa, formado em letras português, dando aula de matemática. Era basicamente isso, um remanejamento totalmente incomum. Isso quando a gente tinha. Eu lembro que no meu terceiro ano eu fui ter professor de biologia e química no último bimestre. Ficamos o ano inteiro sem. No último bimestre eles aparecem com um que até hoje ele tá lá. E ele ficou dando matéria em cima, dando matéria em cima, só que a gente não aprendia. Era o professor de química dando educação física. Era tudo cobrindo os buracos. E a gente não teve lá o melhor ensino médio. Chegou aqui e me cobraram muita coisa:

– Ah, era para vocês terem visto isso no ensino médio, não era para eu tá explicando aqui, como vocês viram no ensino médio isso e isso.

E eu tive que ir atrás. Ia e ia atrás. Se eu não entendesse aquela base como eu ia entender o resto. Então, eu tinha que buscar. Até hoje tem isso. E fora as questões de Departamento do curso. O Departamento é muito bagunçado. Eu fiquei doente esse semestre, tive pneumonia por vírus e fiquei duas semanas afastada. Eu entreguei o atestado e eles não passaram para os professores. Eu já estava reprovada em um monte de matéria. Porque tem matéria que geralmente é todo dia a mesma matéria. E se faltou três dias, reprovou. E eu tinha faltado duas semanas. Eu tive que resolver isso pessoalmente. Conversar com cada professor e levar a cópia do atestado porque o original fica no Departamento. E explicar o que tinha acontecido, que foi erro do departamento.

E eu acho que também falta muito apoio psicológico também. Pelo menos, no curso porque a gente sofre muita pressão: – Ah, tem que manter a nota tal, porque vocês são os melhores, tem que ser os melhores, tem que ser isso, tem que ser aquilo, esse trabalho não tá bom e tem que refazer. Tem professor que manda a gente refazer o trabalho na véspera de entregar, e eu já tinha mandado outras vezes: – Ah, não, tá bom tem que refazer. Eu acho que a gente fala muito em olhar humanizado, mas falta

isso do departamento para os alunos. Tipo a minha sala tinha mais de quarenta alunos e quase vinte desistiram. Por transtorno de ansiedade e depressão, acho que foram uns dez. Tinha gente que nunca tinha tido, chegou aqui e desenvolveu. Então, isso é uma coisa que é muito ruim.

Acho que porque na escola, os professores quanto a isso têm uma visão mais holística. Eles percebem quando o aluno não tá bem. Quando tá passando por dificuldades. Eles conversam com o aluno e não fazem tanto essa pressão. Chega aqui na faculdade e tem toda essa pressão, a gente não tá acostumado. Tá que é faculdade, é nível *hard*, ok, legal. Mas acho que poderia ter uma forma melhor de demonstrar que a gente precisa ser bom. Porque tudo isso é para que nós sejamos bons. Que os alunos tenham boas médias e sejam bons profissionais. E outra coisa, temos a teoria e a prática. A prática não tem nada a ver com a teoria. E a gente vê isso e isso me chateia muito. Na prática é muita gambiarra, e na teoria não. Na teoria é lindo. Tipo no SUS, tu chega lá, chega na unidade, e tem algum surdo e ninguém sabe libras. Nenhuma pessoa da unidade. Equidade, cadê? Não tem. Vai uma pessoa para fazer um curativo que tá com uma necrose, não tem uma fibrase, não tem nenhuma cobertura para colocar nessa ferida. São por essas coisas que a gente fica: – Será que eu realmente quero seguir isso para ter que passar por essas situações? Porque é triste ver uma pessoa com uma necrose correndo o risco de perder um membro e não poder fazer nada. São coisas que mexem não só comigo, mas com a turma toda. Eu sinto. Todo mundo fica abalado.

Teve professor que chamou o aluno de burro, com todas as palavras, por causa de uma coisa que a gente nem tinha visto em aula. Chamou de burro, chamou de jumento. Tem professor que grita em cima do aluno sem necessidade alguma. Essas são coisas que poderiam ser repensadas. No departamento eu não vejo. Nosso departamento é muito fraco quanto a isso. Em enfermagem, uma turma de trinta forma 5. E hoje, a gente tá vendo o porquê. Esse ano formaram seis. E a gente fala: – Nossa, a média é tão boa e forma só isso? E hoje, vimos toda essa pressão. Nem todo mundo consegue aguentar tanta pressão o tempo todo. E as pessoas vão desistindo. Não por que elas não gostem de enfermagem, mas o modo como ela tá sendo apresentada a eles não é legal, muito violento.

Minha resistência tá sendo o humor. Eu brinco. Por mais que aquilo tenha sido dolorido pra mim, eu faço uma piada. Isso não foi eu que descobri não, minhas amigas que falaram. A máscara, não foi máscara que elas falaram, da Elizabeth é a piada. O professor briga com ela e ela faz uma piada do que o professor falou. Então, eu estou usando muito isso para disfarçar que eu não tô bem, que eu não gostei e tal. Melhor disfarçar. Porque é muito pior quando o professor percebe que tu não gostou. Porque aí ele pega no teu pé. Eu acho que quanto a essas questões para os calouros, o departamento deveria fazer alguma coisa porque ele tá perdendo, a enfermagem tá perdendo muito aluno bom por causa de problemas psicológicos que foram causados aqui. Por causa de situações daqui. É algo para se repensar. É preciso pensar em alguma solução para tentar minimizar.

Eu pretendo me formar, se Deus quiser. Eu quero fazer uma especialização em obstetrícia. Não tem aqui em Porto Velho ainda, só em Minas e em São Paulo, se eu não me engano. Eu pretendo quando me formar voltar para Ivaí. Que eu sei que lá não tem estrutura clínica nenhuma. Estrutura de trabalhar nenhuma. Lá só tem dois técnicos de enfermagem e mais ninguém. Médico, nada. E lutar para que tenha material, para que tenha modos de ser um sistema integral, equidade e universal. Tudo que o SUS pede que seja. Acho que seria um jeito legal de mostrar gratidão por tudo que eu gosto de lá. Eu gosto da calma. Apesar de eu não gostar de algumas situações, tem coisas que dá de melhorar.

Algo marcante em mim é eu sempre me impor, desde criança. Ter que bater o pé e dizer eu vou fazer porque tenho que fazer. Ou então, isso é errado e a gente vai mudar isso. Sabe, eu sempre ter que me impor fez de mim o que sou hoje. Foi uma necessidade, não foi aleatório. Não foi: – Eu tenho que me impor porque é legal. Foi uma necessidade, eu tive que me impor perante as relações que eu tive. De parentesco e tudo mais. É uma coisa que ajudou muito na formação de quem eu sou hoje. Eu gosto muito de mostrar no que eu acredito e como o que eu acredito pode mudar as coisas. Porque eu gosto de ver as coisas melhorando. Quando as coisas melhoram, melhora pra todo mundo né. Eu tenho esperança no mundo.

Às vezes eu não acho que sou capaz de fazer tudo que eu penso, tudo que eu quero fazer. Mas às vezes, sim. Depende do meu humor. Depende de como está meu dia.

Esse semestre eu achei que não ia conseguir terminar e tô terminando. Tô reprovada em uma matéria por falta. Porque eu não estava dando conta. Eu não ia mesmo. Eu não conseguia levantar e não ia. Era um dia que eu tinha aula só pela manhã. As outras matérias eu tenho muita falta também, só que tem professor que já me conhece. Dois professores que estão comigo desde o início e sabem da minha luta. Eles me mandam mensagens perguntando se eu vou pra aula. Tudo que eu falo é não vai dar. Vim pra UNIR todo dia é uma batalha. Nem todo dia, dizer que é todo dia eu vou tá mentindo, mas muitos dias, sim. Tem dia que eu venho pra cá e eu tô feliz, tô disposta. Venho arrumada, eu penteio meu cabelo. Hoje, eu não penteie, só lavei. Quando eu durmo bem, que é raro, eu venho com vontade pra cá. O problema é quando eu não durmo. Se eu não dormir, eu não consigo comer direito, eu não consigo levantar da cama, eu não tenho ânimo. Porque meu cérebro não se fortificou, não trabalhou. Também quando acontece alguma coisa e eu fico muito abalada. Então, eu sei que não venho.

Ano passado eu arrisquei a vir, morreu uma colega minha e eu vim pra cá. Mas eu não consegui ficar, o tempo todo aquele desânimo, aquela vontade de chorar. Hoje, eu prefiro não chorar em público. Não chorar na frente de ninguém. E eu tava com uma vontade de chorar e aí eu fui chorar em casa. Sozinha, aonde ninguém ia me ver, ninguém ia me julgar. As pessoas sempre me julgaram como sendo muito fraca. E eu não gostava. Eu me sinto fraca por chorar por causa dessa percepção das pessoas. Eu choro hoje e eu fico: – Eu vou ficar bem, eu tô bem, eu sou forte. Até eu parar de chorar. Eu brinco às vezes que eu sou louca, mas eu sei que não sou louca. É um jeito de eu tentar me reanimar. As pessoas negam muito a tristeza, como se o ser humano não pudesse ter sentimentos. Não poder expressar o que tá sentindo

Eu chorei em sala esse semestre. Eu passei a semana inteira sem ir pra aula depois. Fiquei me sentindo muito mal, me sentindo ridícula. Fui apresentar um trabalho e eu tava muito nervosa, não tinha dormido e tal. Eu comecei a gaguejar. E falei que não ia falar mais. Eu passei a fala para outra pessoa e a professora interrompeu. Essa é uma das professoras que é de boa. E ela começou a dar um discurso motivacional, falou que acreditava muito em mim, que eu tinha que enfrentar os meus dragões. E aquilo foi me tocando muito. E eu: – Meu deus, eu vou chorar, eu não quero chorar. Eu fechei meus olhos, virei de costas e comecei a chorar. Virei de

costas, apresentando um trabalho e comecei a chorar. De costas para a turma não me ver chorando. A gente não pode se expressar realmente.

E o meu trabalho era sobre a síndrome de Burnout. Porque as enfermeiras têm muito isso, por estar todo dia lidando com a dor do outro. E eles ensinam que a gente deve ter todo o cuidado, se colocar no lugar do outro, ter empatia, mas a gente não pode demonstrar essas coisas para o usuário. E a gente é visto como um profissional muito frio, mas é como uma imposição também. Tu não pode se apegar ao usuário porque também vão ter vários que vão passar pela tua mão.

### Entrevista mediada por objeto

“Eu acho que as cores representam bem uma coisa que eu gosto que é a liberdade”  
Elizabeth





Na entrevista mediada a participante escolheu a caixa de lápis de cor e uma pulseira como objetos simbólicos para representar sua subjetividade naquele momento:

“Eu acho que as cores representam bem uma coisa que eu gosto que é a liberdade, liberdade de expressão, liberdade de ser quem você é e as cores representam isso pra mim.

O cinza, o cinza me lembra tristeza que me lembra chuva e eu não gosto de chuva [risos, no dia estava chovendo]. É um dia chuvoso, não é um dia legal. O vermelho representa as coisas alegres, eu gosto muito de vermelho, é minha cor favorita. O azul pra mim, ele representa a morte do meu avô, a cor preferida do meu avô era azul. O amarelo, nascimento do meu irmão, ele gosta muito de amarelo; e amarelo é alegria também. Acho que é isso, acho que cada cor me lembra alguma coisa.

Pintar, eu gostava muito de pintar, desenhar, eu meio que parei, ando sem vontade, perspectiva para isso. Mas na minha casa eu tenho os desenhos que eu trouxe de Ivaí, que eu fazia, aí tem umas fotos, eu falei - ah, vou levar o lápis de cor. É uma coisa que eu fiz por anos e depois que eu entrei na faculdade eu interrompi. Mas eu vou tentar voltar porque é uma coisa que eu gosto de fazer. Acho tão bonito!

Eu desenhava e gostava muito de desenhar a natureza assim: árvores, rio... Eu fazia, algumas vezes, a caricatura dos meus amigos, mas aí eu fazia porque eles pediam para eu fazer... Mas eu gosto muito de natureza, coisas bem coloridas, é isso, coisas que tem de tudo um pouco.” Elizabeth

A pulseira na imagem representa a relação de Elizabeth com a comunidade de Ivaí:

“Ela não veio de Ivaí essa pulseira, a minha amiga trouxe de Manaus, mas foi eu que pedi. Lembro que essa sementinha, a perolazinha, a gente costumava fazer em Ivaí: furava e fazia pulseirinhas. [...] Ficava muito legal! Aí eu lembrei... Lembro das coisas que eu fazia quando era criança.” Elizabeth

### 3.2 CAMILA

Eu não nasci em Ivaí, de nascer, de ser parida, mas minha mãe me teve aqui em Porto Velho, e ela me levou de volta. Ela morava lá, mas ela é nordestina. Então, vou contextualizar. Toda minha família é nordestina, do Ceará, e meu tio foi pra Ivaí por conta de um concurso e aí minha mãe acabou indo pra lá sozinha também. Depois ela foi e levou meu pai. Eles ficaram lá e estão até hoje sendo professores lá. Eles são professores da comunidade e todo mundo conhece eles. Tipo todo mundo sabe quem eles são. Entendeu né? E, então, eu sempre fui a filha da professora e do professor. Eu já tenho uma ideia de como é, mais ou menos, porque é diferente. Tanto o tratamento quanto o estar no local e seus pais estão lá, é diferente. E se você é a filha da professora, você não pode fazer nada. E se você fizer, vão contar pra ela.

Ela me teve aqui e me levou pra lá. Eu estudei a minha vida toda lá até... Eu fiz até o primeiro ano. E no primeiro ano eu vim para Porto Velho. Eu acho que eu tô indo lá na frente e voltando [em minha história]. Eu fiz o primeiro ano lá do ensino médio e aí eu vim para Porto Velho para fazer o IFRO. Então, eu refiz o primeiro ano. Eu repeti para poder ingressar lá. E desde então eu tô aqui. Desde os meus quinze anos. Foram quatorze anos morando em Ivaí fixamente. Esses quatorze anos lá foram muito bons. Eu gosto muito de lá. Deixa eu pensar.

Ser filha da professora é muito doido porque desde pequena eu sempre fui muito influenciada a ler, muito influenciada a tudo e eu era a filha da professora. Todo mundo se conhece lá né. É uma comunidade. Todo mundo sabe quem eu sou, eu conheço todo mundo e tal. Desde pequenininha minha mãe me colocava para estudar na escola de lá, que antes tinha uma crechezinha, não era creche, era uma escolinha que depois foi rompida, abandonada. E aí ela me levava pra lá mesmo sem eu poder ingressar, eu tinha uns 3 anos eu acho. Ela sempre foi muito firme nessa coisa de estudo, com 4 anos eu comecei a ler. Eu lia em sala e a professora... Olha, pra tu ver como é comunidade. Era 2003, 2002, algo assim, e a professora é a professora Joana. Ela era muito conhecida de lá, acho que a professora mais conhecida. E ela já é velha, já idosa, e ela usava cipó. Se você errasse levava umas cipózadas [punição usando galhos de árvores] na perna, na canela. O quadro ela indicava com o cipó na mão. E quando eu cheguei lá eu ia ficar na sala com a outra professora, que é uma professora

amorosa, sabe? Ela é legal. E eu chorei a semana inteira porque eu não queria estudar com ela. Não sei por quê. Eu lembro que eu chorava, chorava, até que minha mãe me colocou na Dona Joana e eu amei e gostei dela. A do cipó!

E como eu aprendi a ler muito cedo. A professora: – Ah, turma, qual é o B e o A, ba, e tal. Só que ela pedia pra alguém e as pessoas demoravam muito e eu ficava muito irritada e lia. E ela me dava uma cipózada toda vez que eu lia. Até que chamaram o diretor Cleuber, que era filho dela, e só sei que eles fizeram um teste durante a aula para eu ler porque eu gostava muito de ler, então eles aproveitaram. Foram e me passaram para o primeiro ano. Nisso eu tinha 4 anos, me passaram para a primeira série, para a alfabetização. Eu fiquei lá com eles e tive que repetir esse primeiro ano. Então, esse período todo de criança era sempre muito: – Ah, a professora me dá mais atenção porque eu sou a filha da outra professora. Sabe?

Nessa época não eram os coleguinhas porque eles não tinham muita noção. Começa mais por parte da gestão, dos funcionários. Já começa aí. Depois de um tempo a gente foi crescendo e os coleguinhas foram entendendo quem eu era e eu entendendo quem eu era também. Porque eu era a filha da professora. E eu sempre tive muito presente na escola. Às vezes, minha mãe não podia me deixar com alguém e eu tinha que ir de tarde e de noite. Então, eu conhecia todo o pessoal, o pessoal que fazia EJA [Educação de Jovens e Adultos], o pessoal do ensino médio eu conhecia, eu ia pra dentro da sala. Então, já era mais presente ainda como a filha da professora que está lá sentada junto com ela dentro de sala de aula. Passou um tempo e na quarta série meu tio me dava aula. Eu tive aulas com tios também. Que eles eram do Nordeste e foram pra lá. E a quarta série todinha foi com ele. E eu não conseguia chamar de professor. Em nenhum momento eu chamava meu pai, minha mãe e meus tios de professora. Para mim, era tio e mãe.

E eu acho que no contexto mais urbano isso seria meio inaceitável. Lá não, todo mundo sabe que é por que eu vou chamar de professora? Lá ninguém se importava também e também nunca brigaram por causa disso. E aí fomos para o sexto ano. Lá era assim, de manhã são as crianças, de tarde são os adolescentes e de noite são os adultos (EJA). O ensino fundamental II todo era a tarde. Eu fui pra lá e as pessoas entendem mais e eu mesma entendia mais sobre esse lance de ser a filha da professora. Eu não podia fazer nada. Eu não podia andar com as meninas porque

se elas fofocassem que estão ficando com algum menino, alguém podia ver e falar pra minha mãe. Ah, e também quando eu era criança, minha mãe era muito controladora. Tanto que eu odiava ela.

Quando eu era criança minha mãe não me deixava brincar na rua e nem brincar na varanda. Porque se eu tivesse na varanda brincando, a varanda é bem grande e se eu tivesse lá fora as minhas amigas iriam ver e iam querer brincar comigo. Ela não gostava que eu me relacionasse com as pessoas. Então, eu sempre fui muito presa em casa. E quando chegou o sexto ano, o período da adolescência, eu não me importava muito com namoro e essas coisas, sabe? Mas claro que eu tinha aquelas paixões platônicas. Eu não queria ficar, mas era: – Aaah lindo! Eu tinha um medo enorme porque todo mundo me conhecia pelo fato de ser filha da professora.

Teve um fato que eu não me orgulho, mas aconteceu. Na época quando eu era criança eu era mais gordinha e eu sofria muito bullying. As pessoas me chamavam de baleia assassina, baleia enalhada. Os meninos ficavam puxando a saia, sabe? Não sei se tu passou por isso, mas era um saco. Eu sofri muito bullying quando era pequena. E hoje, eu vejo as fotos, e eu nem era gorda. Eu só era um pouco mais cheinha que a magrela. Tem muito isso de a magrela e cheinha. Crianças! Quando chegou a sétima série, não, no sétimo ano porque teve essa troca. Uma menina estava sentada atrás de mim e ela estava enchendo o meu saco me chamando de gorda e um monte de coisa. E teve um momento que, e isso dentro da sala com a professora explicando, que eu não aguentei e virei pra ela, eu estava com um lápis e aí eu rasguei o braço dela. Assim, com muita força, com raiva né. Que ela estava enchendo o meu saco, fazendo bullying. E eu não era assim, então foi um episódio muito estressante na minha cabeça. Minha mãe me botava muito medo falando: – Você não pode brigar! Porque lá é muito comum. Acho que em todo lugar, essa briga de adolescente de puxar o cabelo. E a gente sempre via aquilo. Ah, tá tendo briga e todo mundo corria pra ver. Ela sempre me botou muito medo de não andar com as pessoas, não brigar. Era pra eu ser muito reclusa né. E nesse dia eu fiz isso e fiquei: – Meu deus, minha mãe vai me bater e vou ser espancada pelo meu pai porque olha o que eu fiz. Enfim, foi uma coisa muito... E foi muito sem pensar também. E a professora era até de artes. E ela me levou na direção. Lá na sala porque ela era alguma coisa da gestão.

Essa professora me levou lá na sala dela e falou: – Olha, eu gosto muito de você e eu entendi o que aconteceu e eu sei que não vai ser muito bom contar para sua mãe, então eu não vou falar pra ela, mas saiba que não é para fazer mais isso e etc.

Então, eu tive esse tipo de privilégio. Teve essas coisas que: – Eu sei que tu é filha da professora. Sabe? Esse tipo de coisa. Até hoje, eu sou a filha da professora e do professor. Que eles também são.

E aí nessa adolescência eu tive aula com minha mãe, com meu pai, com minha tia de biologia que ela estudou aqui na UNIR, inclusive. Com meu outro tio e o meu outro tio também. Cinco tios. E lá só tem duas escolas, a infantil e a geral. Mas ao todo na escola ainda tinha mais dois tios que foram o vice e o diretor. Ao todo da minha família eram sete. Sete educadores. Minha família toda é composta, tem um ou dois que não é, mas todos são de licenciatura, todos são da escola. É muito presente isso.

Quando eu era pequena sempre fui muito privilegiada, tenho que falar isso aqui. Porque eu sempre fui muito privilegiada. Minha mãe sempre teve dinheiro, sempre foi bem de vida, sempre fomos e nunca faltou nada. Tudo que quero, eu consigo. Tudo que eu precisava, minha mãe me dava do bom e do melhor. E quando eu era pequena tinha lá minha bolsinha de rodinha. Toda menininha. E aí tinha muitas crianças que iam com o material escolar dentro de um saco, numa sacola. Eu lembro que, não sei quando foi o momento, mas um dia eu parei pra prestar atenção em por que eles usam uma sacola? Eu não lembro se eu perguntei da minha mãe ou se eu mesmo entendi, não sei. Mas depois de um tempo eu entendi que eles não tinham condições e que a vida deles era muito diferente da minha. Eu fui começando a entender o contexto que eu estava. Porque até meus amigos que eu estudava junto eles tinham dinheiro, eles tinham bolsa e tal, mas tinham alguns alunos que não tinham. Ou levavam só um lápis pequenininho e um caderno ou levava dentro do saco. Aí teve até um período, não sei se você teve isso na sua época, que eles deram bolsa, farda e materiais. Teve uma época que deram uma bolsa azul, eu lembro muito bem que fiquei muito feliz porque eles deram essa bolsa. Porque eles deram para todas as crianças. E eu lembro que fiquei muito: – Ah, eles vão ter uma mochila, uma bolsinha. E eu lembro que nossa

fiquei muito feliz. Mas eu não sei dizer se foi com a interferência de um adulto ou fui eu que entendi. Eu era muito criança, não tenho lembrança.

Eu fui começando a entender e aí passou um tempo... Como eu era adiantada eu era um ano mais nova que todos da minha turma e teve o sétimo ano que só passaram 4 alunos de uma turma de trinta, algo assim. Eu passei. Se eu não passasse, menina do céu. O tanto que eu ia apanhar lá em casa. Era assim no sexto ano chegavam as crianças da escola infantil. Chegavam elas mais a da escola que eu estudava. Juntava todo mundo. Toda a comunidade ia para o sexto ano. E chegava muita gente sem saber mais e menos, sem saber ler direito, sem saber escrever. Chegava muita gente assim porque ia sendo passada. Sabe? E quando chega ao sexto ano é um rompimento muito grande lá em Ivaí. Agora não sei se ainda tem porque a General não tem mais infantil, é só fundamental II e médio, até o EJA acabou. Ou já voltou? Não sei. Tanto que tinha até o sexto ano E, por exemplo, porque ia ficando. Porque a pessoa não conseguia passar. O sexto ano ia sempre aumentando. Chegou uma vez que ficou o F. Só ia aumentando. Eu tenho meus questionamentos a fazer sobre a gestão escolar, mas isso não vem ao caso. Mas ia ficando. Eu cheguei com minha turma que eu estudei desde a alfabetização até o sétimo ano. Nesse período ficava mais puxado, ok? E matemática era com meu pai. Ele não pegava o sexto ano. Porque se o sexto ano já reprovava, com meu pai eles não iam nem ter chance. Porque ele era muito, muito puxado. Quando chegou o sétimo ano, eu lembro que eu tirei 8 no primeiro bimestre e 3 no segundo bimestre. Minha mãe quase me bateu: – Você tirou três! Três! Como é que você tira três? E aí ela me botou na aula de reforço e eu consegui reparar a nota que eu tinha perdido.

E dessa época, os meus colegas que também tinham um pouco de dinheiro faziam reforço no mesmo lugar que eu, que era numa casa de um cara que sabia matemática. Nada muito assim. De tudo isso só duas pessoas passaram por média e as outras duas passaram no exame final. Isso com meu pai. Eu, provavelmente, não sei se eu ouvi, mas devem ter falado: – Ah, é a filha do professor. Com certeza, isso eu tenho certeza. Mas minha notinha tá lá e o dinheiro que eu paguei no reforço... Meu pai não me passaria, ele não. Ele não tá nem aí: – Não estudou, por que não estudou? Mas agora meu pai mudou muito.

E aí passaram 4 pessoas. Então, todas as minhas amizades ficaram pra trás. E eu fui para uma nova turma de novas pessoas, era totalmente diferente. Tinha o sétimo A e o sétimo B, e aí o sétimo B também fazia com meu pai só que todo mundo passou. Ficou tipo um ou dois que reprovou, mas todo mundo passou. Então, eu fui estudar com o sétimo B no oitavo ano. E o contexto econômico deles era muito diferente do que eu tinha. E eles eram mais velhos porque eles eram os reprovados. Não sei se tu tem uma noção de escola, mas assim... Eles são muito... Ah, odeio escola. Os novinhos e os que são mais inteligentes ficam sempre na turma A. E os reprovados e os que são muito danados vão para a turma B. E foi o sétimo B que passou, mas meu pai fazia igual para os dois. E eles passaram. Eles eram reprovados. Tinhas alguns que já tinham feito 3, 4 vezes. E eu fui pra essa sala. Se eu já era nova antes, imagina agora. Tanto que minha melhor amiga eu conheci nessa turma, ela é 4 anos mais velha que eu. Na época ela tinha 4 anos a mais que eu. Eu tinha doze anos quando fui para o oitavo. Ela era quase uma mulher, sabe? Mudou muito o contexto em que eu estava e as relações que eu tinha. A maioria ali não tinha uma casa de alvenaria, por exemplo.

Os meus outros amigos que eu estudei a vida toda tinham casa de alvenaria. Alguns tinham, outros não, mas tinham uma condição melhor. Já esses, não tinham nenhuma casa de alvenaria, era de madeira. Sabe? Eu não sei como é que chama. Isso, Palafita. Então, o contexto econômico era muito diferente. As mães eram muito diferentes. Porque elas não tinham emprego fixo. Umas eram donas de casa ou elas trabalhavam como empregadas. Nas minhas outras amizades não. Então, teve um rompimento ali e um entender onde eu estou. Eu acho que foi ali que eu comecei a prestar atenção em quem eu era, onde eu tava, e o que era aquilo, quem era aquela comunidade.

Porque eu morava, mais ou menos, no centro. Então, ali no centro a maioria é alvenaria, lá é bem pequeno. É bem pequeno mesmo, nem carro tem. Ali no centro a maioria é alvenaria, a maioria tem uma condição melhor e tal. Na parte periférica, que fica mais pra dentro do mato, a maioria é casa de madeira. Eu lembro até hoje que foi um choque, eu tenho certeza que foi aquele dia. Eu queria muito fazer xixi e eu não gostava de fazer xixi na escola. Aí essa minha amiga, que é 4 anos mais velha, ela mora perto da escola. Eu falei: – Vou na tua casa que é mais perto. Cheguei lá correndo porque eu tava quase me mijando. Mas antes disso, ela falou: – Mas tu tem

certeza que quer ir lá em casa? Eu falei: – Sim, oxe, por que? Ela: – Não sei se tu vai conseguir fazer xixi. E eu falei: – Ué, não, vamos lá! Eu cheguei lá e era uma privada, sabe aquele que fica pra fora da casa? Eu cheguei lá e fiquei sem entender. Eu já conhecia a privada porque tem muito em Ivaí, mas eu não esperava que a casa dela fosse com uma privada. Porque das minhas amigas eram casa de alvenaria e tudo mais. Eu pensei que eram 1, 2, 3 casas que tinham privada. Chegou lá e eu não consegui fazer xixi porque, até hoje eu não consigo me agachar direito. É muito complicado e eu vou me sujar toda. E também eu fiquei tipo impactada, né, e fui pra casa. Passou esse tempo e eu tenho até hoje duas amigas que são desse contexto. A outra não queria que eu fosse a casa dela. Não queria. Eu vou nomear elas. Tem a Ana que é a de 4 anos mais velha e a Bruna que é 2 anos mais velha. Bruna não queria que eu fosse a casa dela. Nunca deixava. E eu falava: – Mas o que é que tem? Porque eu queria brincar, eu tinha doze anos, eu queria muito brincar.

E ela não queria. Ela já tinha quatorze. E a Ana ia a casa dela às vezes. E eu ficava – por que vocês vão e eu não posso ir? E ela falava: – Ah não, tenho vergonha, vergonha da minha mãe, vergonha de não sei o quê. Certo dia, eu nem sei por que, eu fui. Era também como a da Renata, uma casa de madeira pequena, mora umas seis pessoas na casa dela. Hoje, não mais, mas na época sim. E era privada também. Depois ela me explicou: – Ah, eu não queria porque é assim. E ela ia a minha casa, sabe? Ela: – Ah é assim, não é alvenaria, não é igual a tua, não tem nem banheiro.

Eu acho que esse ano foi o ano do rompimento de me entender como privilegiada, não com essas palavras porque eu tinha doze anos, mas de entender que o contexto em que eu estava era muito diferente. A minha vivência era muito diferente da dos outros. Por isso, eu tenho que salientar aqui que eu sou uma ribeirinha privilegiada.

Quando eu vi as pessoas não entendendo isso. Porque tinha as outras amigas. E chegou num tempo que eu não era mais amiga delas porque passei a achar elas tão fúteis, tão: – Ah ,vocês só falam de namorados e não sei o que. Enquanto, a Sara e a Renata, mesmo a Renata já namorando e fazendo tudo, ela brincava. E eu gostava de brincar, eu tinha doze anos só, não queria saber de namorado. E chegou num ponto que eu via que as outras não entendiam e elas falavam: – Tu só quer andar com essas duas aí e não sei o que.



Passou um tempo, do oitavo ano só passaram nove pessoas. Meu pai, ele era muito puxado. Passaram nove pessoas e foi melhor ainda. Não que eu diga... Foi horrível eles não terem passado, mas pra mim foi bom ter essa convivência de nove alunos. Era uma sala muito boa, era menor. Nossa, qualquer projeto ali dava certo. E a gente era muito unido. Era perfeito! Por mim, a gente estudava numa sala de nove pessoas pra sempre. E... Só tinha eu de privilegiada ali. Eu e meu outro amigo. Só nós dois. Ah não, era três. Teve uma que também é privilegiada que conseguiu passar naquela de quatro e na outra de nove. Ela sempre esteve ali, mas meio que ela não se unia muito. Ela era a mais distante. Por isso, que eu digo que eles não conseguiam se relacionar. Esses meus outros, que eram meus ex-amigos, que não conseguiam se relacionar com o pessoal. O pessoal de fora do centro.

Nessa de nove alunos tinham duas meninas que eram de demarcação [terras demarcadas para indígenas]. Não sei se tu já ouviu falar disso na comunidade. Todo dia elas pegavam voadeira, iam pra escola e ficavam esperando a voadeira. E voltavam de noite pra casa. Eu fiquei muito amiga delas. A gente era muito amiga, a gente era muito unida. Elas eram irmãs. E tinha outro menino que morava no São Francisco, e vamos dizer urbanamente que é periferia também. Ele é muito tímido, mas a gente conseguiu fazê-lo se unir. Ele foi se liberando depois e aí a gente também o conheceu, e viu que ele ia todo dia pescar. Porque ele tinha que pescar pra vender, pra casa.

Essa minha amiga de quatro anos mais velha começou a trabalhar na casa desse meu outro amigo, que também é privilegiado, ele é filho de professora também. Que estuda comigo desde que eu era da alfabetização. Ela começou a trabalhar como empregada na casa dele. Todos na mesma turma. Aí eram esses, será que falei tudo? Acho que não esqueci de ninguém. A gente começou a se relacionar muito e eu fui entendendo mais ainda esse trabalhar pra viver, essa sobrevivência deles. E assim, era um sofrimento você ter que pegar uma voadeira todo dia para ir pra aula. Eu ficava: – Como é que vocês conseguem? Era transporte escolar. E quando não tinha o transporte escolar, eles não vinham. Que dizer que eles perdiam aula.

Às vezes, não tinha, tanto que eu não sei se tu ficou sabendo que em algumas comunidades as aulas começaram um dia desses. Tudo por causa da Prefeitura. Não

tinha transporte estudantil, não tinha gasolina pra ligar o motor, ou não pagava o funcionário, a empresa né.

Isso era muito frequente. Tanto que ela chegava na sala e já falava: – Me empresta o caderno. E elas copiavam o que perderam e a gente explicava o que aconteceu e tal. Era muito comum isso acontecer. Acho que agora até mais lá. Tá muito ruim de transporte, muito ruim. Isso prejudica muito porque Ivaí pega muito de comunidades vizinhas. Aí todas que são assim ao redor vão tudo pra lá. Passa mais uma hora dentro de uma voadeira pra chegar em casa e tem gente que eu conheci que andava ainda uns três quilômetros pra chegar na beira do rio e pegar a voadeira. Então, não é só pegar a voadeira. E essas coisas me deixavam muito sensibilizada.

Quando eu era criança eu assistia muito documentário por causa da minha mãe, então eu acho que conseguia ter uma consciência de classe muito nova. Porque eu odeio gente que não têm, me dá uma raiva. Porque querendo ou não, mesmo a gente estando aqui numa Universidade pública, a maioria não tem consciência.

Deixa eu ver... Eu fui entendendo e tal. Só que até certo período, chegou um ponto que eu não gostava mais de Ivaí. Não que eu não gostasse das pessoas, eu não gostava de Ivaí. Porque aqui tem internet, as pessoas são diferentes, aqui tem shopping, aqui é diferente. Aqui em Porto Velho. E em Ivaí, tem o quê? Só tem a escola. E tipo eu já não podia sair de casa, então era ruim pra mim. Porque eu sempre fui presa. Graças a Deus apareceu Bruna e Ana, porque minha mãe gostava muito delas. Como era ela a professora, acho que por isso ela não me deixava andar com as pessoas porque ela sabia quem era quem, porque ela dava aula pra todo mundo. E com essas duas ela gostava muito. Elas viviam lá em casa. Foi Deus na minha vida me juntando com essas duas meninas – vão ser amigas.

A gente passou para o primeiro ano. No primeiro ano teve um acréscimo de pessoas reprovadas e eu saí da parte daquela amizade, daquela união de sala e teve muitas mais pessoas mais velhas. Tinha gente já com vinte e cinco na sala. Eles já eram reprovados da sala, já eram reprovados do primeiro ano. Só eram nove pessoas, e a gente foi para o primeiro e foram as nove. Ninguém reprovou dessa vez. Porque lá é muito comum parar o estudo, por conta da roça, por conta da pesca, por conta do transporte. É muito comum. Também tem que salientar que a maioria vai porque a

escola dá alimento. A maioria vai por causa da merenda. Quando era criança, principalmente. Muito aluno vai por causa da merenda. Porque ou ele come na escola ou ele não come. Ou ele só vai comer de noite o peixe. Ah, tinha muita gente mais velha que eram a maioria eram de comunidades vizinhas. Porque eles terminaram o nono ano e pararam. Eles não foram. Parou por causa da roça, etc. Foram trabalhar. Alguns deles voltaram este ano em que eu estava. E eram bem mais velhos e eu tinha treze anos. Eu tinha treze anos e tinha gente de 25.

Eu sempre tive muito relacionada com algo que é que não era... Eu sempre tive muito a frente, vamos dizer assim, do que era pra eu tá. Tanto que muitas vezes na minha vida eu sinto falta da minha adolescência porque parece que eu nunca a tive. Parece que sempre falta alguma coisa.

Aí eu virei amiga das pessoas. Não amiga, mas eu falava com todo mundo. Todo mundo era legal, a gente fazia festa de aniversário. Lá tinha muito disso: – Ah, eu dou o leite condensado, eu dou o ovo. E a gente fazia as festas. E aí chegou a chance de mudar para Porto Velho. Nessa época, eu não gostava de Ivaí mais. Porque eu ficava: – Ah, não tem nada pra fazer aqui. O que eu vou fazer aqui? Eu só vou estudar? E ainda estudar mal? Porque o ensino é muito ruim. É muito ruim o ensino! É péssimo. Claro, que têm professores que se salvam. Só que, por exemplo, eu tenho muitas ressalvas ao fato de meu pai ter reprovado aquele tanto de gente. É bom ser exigente? É bom. Só que o contexto que a gente tá ali não condiz. É tipo o ENEM. O ENEM não condiz com a realidade. Então, por que tu vai puxar tanto pra alguém que não vai conseguir? Não vai conseguir, não vai alcançar. Tem que saber o contexto em que você tá, as condições. Tanto que passou 4 pessoas! 4 de trinta. E tinham pessoas que estudavam muito que reprovaram. Tinha pessoas que faziam o reforço comigo. Elas estudavam, mas não conseguiram. Ah, eu odeio meu pai. Tipo faltava dois pontos, sabe? Na média. Só que depois disso meu pai não fez mais isso não. Só no oitavo que passou nove, mas a maioria do oitavo realmente não estudava muito. Porque realmente tem isso: – Pra quê que eu vou estudar se eu vou pra roça? Lá não tem incentivo. Não tem incentivo de você poder melhorar. Você pode sair daqui, sabe? Não tem muito isso. É muito acomodado. Mas eu não digo que isso é ruim porque é a realidade. São poucos que saem. Tanto que quando tem alguns que sai, lá vira a celebridade, sabe? Tem um que ele fazia, na época que eu estudava, o IFAM. Ele se formou e aí ele voltou lá em Ivaí e todo mundo ficava: – Ah, ele voltou. E minha mãe

ficava falando dele: – Ah, ele é muito estudioso. Sabe? Virava a celebridade de Ivaí. Era valorizado. Mas também tinha umas pessoas que, não por isso, mas que vinham embora e quando voltavam as pessoas ficavam: – Ah, virou metida! Ah, agora é da cidade, agora tá se maquiando. Tem muito disso lá. Saiu de Ivaí tá diferente: – Você não é mais daqui não, você é de lá agora. Tipo tá muito metida. Porque quando morava aqui não andava arrumada. Tem muito disso. Eu mesma falava quando era pequena: – Essa menina aí nem era assim, por que tá toda assim? Aí queria namorar e não sei o quê, mas essa menina não era assim! Aí, essa cidade! A gente ficava falando essas coisas.

Só que agora eu vejo que mudou mais isso porque saiu muita gente. Eu vejo que teve essa mudança. 2014, 2015 e 2016. Acho que a partir de 2014 teve um aumento de pessoas que terminaram lá [em Ivaí] o ensino e vieram pra cá [Porto Velho]. Porque antigamente não acontecia isso, eram poucos. Vieram estudar! Teve muita gente. Quase minha turma toda daqueles que eu estudava e ficaram pra trás veio estudar pra cá. Essas minhas duas amigas se você conversasse com elas naquela época, elas falavam: – Eu não vou sair daqui, como é que eu vou conseguir? Hoje, elas fazem faculdade. A outra tá se formando. Uma tem casa aqui, ela construiu a casa dela. Elas conseguiram. Elas conseguiram. E muitas outras pessoas. Eu acho que é mais... Eu já pensei muito nisso. Já refleti bastante, mas é complicado. Mas eu acho que é o incentivo. Mudou muito. Eu não tava lá, eu estava no IFRO. Mas a minha mãe sempre falava que tinha corujão, sabe? Tinha aulão pro ENEM. Teve a preparação. Não, uma preparação... Mas teve um incentivo que antes não tinha. Antes não tinha.

Eu acho que foi a partir de 2013, eu acho, que começou quando tem o ENEM eles pegam uma ou duas voadeiras e levam todos os alunos que vão prestar o ENEM e vão para Humaitá. Eles fazem o ENEM e voltam. Eles não fazem em Porto Velho. Só faz em Porto Velho quem tem família aqui e vem sozinho. Mas a escola pega o transporte público e leva pro Humaitá. Eles ficam lá, fazem o ENEM e voltam. Tanto que são os professores que fazem a inscrição. Eu já fiz a inscrição de um monte de aluno de lá. Que minha mãe pedia né porque era um monte de aluno e ela me pedia ajuda! Eu ia lá e fazia. Ela botava pra Humaitá e eles iam pra lá. E eu acho que isso teve essa maior possibilidade. Você não precisava pagar, porque dinheiro é uma coisa muito complicada. No baixo madeira, é muito complicada. Então, a escola tava

levando: – Vamos, vamos, vocês conseguem, vocês podem sair e vocês podem voltar, não tem problema, mas vão buscar uma coisa além que vocês podem.

Eu acho que teve muito isso. Nossa, teve muita gente que veio. Tem uma menina da enfermagem que ela é mais nova que eu, eu acho. E ela entrou ano passado, eu acho, na UNIR. Eu fiquei muito feliz que ela entrou porque eu não esperava que ela entrasse. E eu fiquei muito feliz que ela passou porque eu não esperava que ela entrasse em um curso da saúde, entendeu? Não tem ninguém em Ivaí que faz graduação em saúde. A que tem, ela faz em particular, ela paga. Não na UNIR. Eu fiquei muito feliz porque as pessoas conseguem. Ela, com certeza, é uma das meninas de Ivaí que todo mundo valoriza. Olha, ela é um exemplo. Acho que tem muito isso, tem muito do exemplo, tem muito do incentivo. Isso é muito bom.

Por isso eu acho que acabou isso de tá indo pra cidade e voltou diferente, porque tão indo muito pra cidade ou vindo muito pra cá. Só que todas as férias eles vão pra lá. A gente vai pra lá. Não tem esse distanciamento da comunidade. E eu acredito que a maioria, uma boa parte dessas pessoas vão se concretizar aqui sim, só que algumas eu acho que voltam. Eu acho que pensam muito em lá, sabe? Por exemplo, eu faço artes visuais e meu sonho é levar um projeto pra lá. Mas é muito difícil aqui por causa da academia, dos superiores, sabe? Difícilmente, eu consigo. Cuidado com o que tu vai anotar, mas o departamento é muito difícil. O departamento vê a gente como... A gente eu falo no contexto amazônico. Porque eles são do Sudeste, são do sul e eles vêm pra cá. Não tem nenhum daqui, já começa aí. Então, eles não entendem essa nossa necessidade. Eles não ensinam pra cá. Eles ensinam pra lá.

Eu sou representante estudantil, aí eu participo da reunião que tem todo mês do departamento. E um dia era sobre apresentar mais conteúdos amazônicos nas aulas e a professora pediu minha opinião e eu falei assim: – Meu sonho é levar pra Ivaí, mas o que eu aprendo aqui nunca vai se encaixar lá. Essa é a verdade, nunca vai se encaixar lá o que eu aprendo aqui. Não tem sentido. Não tem sentido pro contexto de lá. Por que eu vou ensinar autores europeus? Por que eu vou falar de arte contemporânea, burguesa, para as crianças de lá? Não faz sentido. A professora virou pra mim e falou: – Tu que tem que ir atrás, a gente não vai te ensinar não, tem que pesquisar. Eu entendo que tem que pesquisar, mas por que dentro de uma Universidade amazônica eu tenho que aprender para dar aula pra sudeste? Por que

eu tenho que dar aula tipo colonial para as crianças daqui? Por que eu vou lá na Zona Leste falar só do Leonardo da Vinci, por que eu não posso falar do contexto deles? Entendeu? Por que eu não posso falar da Amazônia? Da nossa Amazônia! Porque um negócio é nossa Amazônia, outro negócio é a Amazônia deles. É muito diferente. Como a gente vê.

Por exemplo, eu tô muito puta, heim. Esses dias porque a gente tem uma matéria que é arte contemporânea e tinha que fazer uma obra no final, e a minha vai ser sobre Ivaí. Teve uma menina que ela é branca do cabelo pintado de loiro. E a tataravô dela é índia. Era indígena, lá do Acre. Ela chegou falando assim: – Ah, nesse trabalho... São duas matérias diferentes. Em uma ela falou: – Ah, eu tirei uma foto. Que é uma foto de perfil dela. E a gente tem esse aluno que ele é karitiana que tá no primeiro período. Ela falou: – Ah, eu vou pedir para o Izael pra ele me pintar em cima da foto. Como se ela fosse uma índia karitiana. Entendeu ou não? Porque ela tem ascendência, mas eu também tenho, mas nem por isso eu vou me pintar. Por que eu vou pegar uma foto minha branquela que eu sou e vou me pintar de índia? Eu tenho minha bisavó indígena, mas nem por isso eu sou índia. Ela não é índia. Ela quer que uma indígena faça alterações na foto dela pra ela virar uma índia karitiana. E o que fala o professor: – Eu amei sua ideia. Professor de Vitória! De Vitória! Ele: – Amei, é muito bom, é muito bom falar dos índios e não sei o quê. E eu falei não! Isso é apropriação cultural. Você não é índia. Tá, você tem ascendência, e eu tenho, mas eu não vou me pintar, eu não sou índia e você não é índia. Teve outra mulher lá da sala... Eu tô até hoje com raiva. Ontem eu acordei com uma raiva disso. Vai avançando essa coisa. E a outra mulher falou: – Isso é apropriação cultural, eu concordo com a Camila. E a gente ficou discutindo isso. E o professor: – Ah, mas ela tem ascendência. E eu tenho ascendência de negra, eu sou negra? Eu vou me pintar pra ser negra? Eu me identifico como ribeirinha. Tanto que nos meus trabalhos eu gosto de falar que eu sou. Porque eu tento trabalhar também nisso. Eu acho que eu tenho problemas com pardos, não sei, mas eu sou parda. Acho que eu tenho problemas, mas eu acho que sou parda. Mas quando eu falo de mim, eu falo branca. Acho que mais por causa do contexto em que a gente tá. Tipo, de privilégios. Acho que é mais para eu enfatizar meu privilégio. Porque eu não vou sofrer na pele... Por isso, eu tenho problemas com a palavra pardo. Eu acho que eu sou parda, se for pra pôr no IBGE. Não sei, não sei. Eu não sei explicar isso, mas eu falo que sou branca. Eu não vou sofrer o racismo. Eu

sei que eu não sou branquela, eu sei que aqui (apontou para baixo) não é rosinha, sabe? Eu sei que não sou branca, branca, estilo europeia, mas eu sei que eu não sou negra e que minha cor não vai interferir em nada na minha vida. Não me prejudica, vai é me ajudar mais ainda, sabe? Por isso, eu tenho esses problemas com branco, pardo para se afirmar. Mas quando eu falo pra outra pessoa sobre meus privilégios, eu falo que sou branca. Eu me considero mulher, gênero. Sexualidade, eu sou hétero. Até hoje. Depois não sei, mas até hoje monogamicamente sou hétero. Monogâmica (risos). Eu acho que só né. Como discutir... É difícil.

Eu tô com problemas também com a palavra raça. Sérios problemas com a palavra raça. Quando falam: – Ah, a raça negra, raça indígena. Eu fiquei meio: – Não é raça, é etnia. Eu acho que é mais etnia. Porque eu acho... Eu não sei. Eu nunca li artigo sobre isso, mas eu acho que tenho problemas com a palavra. Ali gramaticalmente. Porque quando se fala raça humana, por que eu vou falar em raça negra, raça branca? Eu acho que é etnia. Etnia indígena, etnia... Mas aí a etnia é karitiana?

Porque uma vez falaram em raça asiática. E eu fiquei: – Hãh? Como assim? A raça amarela. E eu fiquei só prestando atenção na forma que as pessoas falaram, porque eu acho que às vezes ela é usada de forma errada, geralmente por brancos. É, não sei. Mas eu posso estar sendo racista agora e não sei.

E o que mais tem que falar? Ah, lembra que eu falei que sinto muito falta da minha adolescência? Que eu vim pra Porto Velho e alguns amigos também se inscreveram no IFRO e só 3 passaram. Desses três, dois são filhos de professor, que era eu e o outro menino. Que era até meu crush quando éramos pequenos. Era, era. E outro menino que tava num contexto socioeconômico bem abaixo. E eu lembro que fiquei muito feliz que ele passou. Muito feliz, ele conseguiu! Outras pessoas também se inscreveram, mas não conseguiram. Só que esses dois meninos não terminaram o IFRO. Eles saíram antes. Só eu fiquei. Aí eu vim morar... Eu morei com minha tia no primeiro ano. Depois a gente teve algumas coisas e ela foi embora. Eu fiquei dos meus quinze anos até hoje morando sozinha. Eu tive muita responsabilidade desde muito cedo. E eu acho que isso interferiu muito na minha concepção de adolescência. Eu sinto muita falta dessa coisa. Eu lembro muito bem que antes de eu vim pra Porto Velho pra fazer o IFRO, um ano antes, algo assim... Eu escrevi um poema e era sobre

a beira do rio lá de Ivaí. Não tenho ele! Eu já procurei muito, muito. Mas eu lembro muito bem que tava numa folha rosa. Eu não lembro o poema, mas eu lembro que era de madrugada e eu tava pensando... Eu não lembro se já era o período que eu tinha me inscrito no IFRO ou se eu já pensava em sair porque eu sempre ficava: – Por que eu não posso estudar num lugar melhor? Porque meus primos que moravam lá vieram pra cá e a educação deles melhorou muito. E eu sempre fui muito ligada no estudo. Eu ficava com essa coisa e de madrugada eu escrevi um poema. E nessa época eu já não odiava mais Ivaí. Já tinha passado. Eu escrevi um poema sobre a beira do rio, como eu gostava do rio ali e como eu ia sentir falta se um dia eu fosse embora, porque eu nunca ia embora porque ele ia estar sempre em mim. E essas coisas assim. É meu sonho achar esse poema, eu não lembro pra onde ele... Eu não achei, eu acho que meu pai queimou.

Sobre eu odiar Ivaí e que tinha a Sara que não queria que eu frequentasse a casa dela. E nós duas odiávamos Ivaí e a igreja. Eram dois pontos que a gente sempre falava. A igreja, porque a gente tinha estudado sobre o catolicismo e eles mataram um monte, e a gente odiava a igreja. Odiávamos! Tudo a gente falava disso. Só que ela lia a bíblia e tudo, mas ela odiava a igreja: – Eu gosto de Deus, mas eu odeio a igreja. A gente falava... Fazia uma piadinha muito ruim, eu não me orgulho, mas doze anos né. A gente ficava: – É Ivaí, terra da lama! Era tipo isso. Porque a gente ficava falando que não tinha nada ali. Só tinha lama e a gente não ia pra lugar nenhum. Só afundar nessa lama. E é muito bom crescer porque a gente vê que não é assim. Mas na época quando a gente não gostava de lá, era assim. Eu acho que a gente não gostava muito também porque a gente não podia sair de casa. A gente não podia. A mãe dela também era muito controladora, então a gente sempre viveu... Quando a gente se encontrou foi perfeito, porque a mãe dela gostava de mim, que eu era a filha da professora, e minha mãe gostava dela porque ela era estudiosa. Encaixou lá. E a gente brincava e a gente começou a ter uma relação melhor com o lugar. Que eu conheci essa parte de Ivaí que eu nunca tinha ido. Porque a casa dela é atrás da escola e fica pra dentro do mato. Não é matagal, só é mais afastado. Todas as casas ao redor dela não tem nenhuma de alvenaria. Na época era muito impressionante pra mim. Porque na beira é tudo alvenaria. É tudo bonito. Essa relação foi muito boa. Eu sempre digo pra ela que ela me mudou muito. Mudou a minha visão de mundo, ela



mudou. Eu amo aquela menina. Aí a terra da lama e tal, e depois eu lembro que escrevi esse poema e aí eu vim embora.

E eu sentia muito falta de lá. Lá na época não tinha internet. Tinha só na escola. Só lá e não era *wi-fi*, era cabo. Eu lembro que eu amava ir pra Ivaí, porque eu ia pra lá e ponto. Não existia mais nada, era só Ivaí, eu, minha família e pronto. E até hoje eu não sinto que Porto Velho é minha casa. E eu moro em um apartamento, é minha casa e eu moro lá desde sempre, mas não é minha casa. Ivaí é minha casa. Tanto que meu sonho é pegar minha casa de Ivaí, copiar ela e pregar aqui em Porto Velho. Porque aquela é minha casa! Lá é onde eu morei, lá tem um igarapé atrás: – Ah, meu igarapé. Amo meu igarapé. Tem um igarapé atrás da minha casa! E uma árvore gigantesca, centenária. É lindo. Daqui a pouco te mostro uma foto, eu não tenho aqui, mas da próxima vez eu trago. Eu amo aquele igarapé. Eu sempre gosto desse retorno. Tanto que agora eu tô doida, já quero ir pra minha casa, não aguento mais. Esse semestre tá me acabando, eu preciso me isolar na minha casa.

Quando foi em 2015 chegou a internet e ano passado chegou a internet que você pode pagar. Que antes tinha chegado num órgão público, que eles liberavam pra comunidade. E agora, chegou pra pagar. Então, agora a comunicação está bem maior lá. E eu acho que isso ajuda também as pessoas a se locomoverem, sabe? Saírem, voltarem. Acessível. E aí, que horas são gente? Quinze minutos então, porque eu sou geminiana e eu gosto de falar. Eu adoro falar. Adoro falar de Ivaí.

Sempre tem o retorno. Sempre tem essa coisa da minha casa. E eu realmente sinto muito falta de lá. Eu queria muito morar lá, só que eu ainda fico meio... Eu quero morar lá por um período, mas eu não quero morar lá pra sempre. Porque eu acho que não vou ter emprego lá. Um emprego em que eu me sinta mais realizada. Eu quero fazer um projeto, eu quero passar um tempo lá, eu quero trabalhar com o pessoal de lá. Mas eu não quero me fincar lá, sabe? Porque ela já tá fincada em mim. Então, para aonde eu for, ela vai tá. Mas eu quero retornar com meu saber. Eu quero entregar. E eu também não quero sair daqui. Esse é um problema muito grande. De Porto Velho e da UNIR. Não, de Porto Velho. Eu não consigo me ver fora... Não consigo me ver fora daqui, da UNIR. Não sei. Não consigo.

Tá, vou fazer mestrado em Minas Gerais. Será que em Minas Gerais tem cupuaçu? Tem açaí? Será que o pessoal fala diferente? Como é que vou me instalar nesse local? Sabe? Eu sou muito presa a esse lugar, tanto que me dá um pouquinho de raiva quando as pessoas falam: – Ah, porque Porto Velho não presta, aqui não tem nada. Eu fico – argh. Faz alguma coisa pra mudar, vamos mudar. Porque eu quero mudar. Eu quero fazer com aqui se desenvolva pra melhor. Pra lá em Ivaí, sim. Porque eu acho que eu sou muito conectada com meu lugar. É, deixa eu ver. Eu ia falar alguma coisa, mas eu esqueci.

Como eu não tô morando em Ivaí, é um pouco complicado pra saber como é que tá agora. Mesmo que minha mãe mora lá, meu pai mora lá. Mas mesmo assim não é a mesma coisa que você estar vivendo né. Mas eu sinto muito que a escola está desvalorizada. Não por parte da comunidade, mas sim por parte da gestão. A escola não faz nada, sabe? Porque a escola em Ivaí é o ponto, é o point. É a escola. A escola é a base de Ivaí. Todo mundo vai pra escola! Você se encontra na escola, você sai da escola e vai brincar. Mas você vai pra escola. E eu acho que antes tinha evento cultural, tinha gincana, sabe essas coisas assim de escola? Foi se perdendo e parece que os professores estão ali só pra: – Ah, passar isso aqui no quadro. Eu sinto muito que a escola tem que mudar muito.

Entrou agora uma nova diretora daqui que foi pra lá. E ela tá melhorando um pouco. Ela tá fazendo vários aulões. Um dia desses teve um evento cultural muito bacana. Lá também tinha a tradição do Sete de Setembro. Eu tenho algumas coisas contra o Sete de Setembro, mas pela tradição eu gosto muito. Porque minha infância toda até a adolescência eu marchei no Sete de Setembro. Agora, vendo o que é o Sete de setembro eu não gosto muito. Mas move a comunidade. A comunidade toda vai para o Sete de Setembro, é o evento, sabe? E já tem uns três anos que não tem Sete de setembro. Então, as meninas fazem os vestidos, as meninas fazem as roupinhas que vão usar. E você vai à costureira. Você faz o Sete de Setembro e vai a comunidade toda ver você marchar. É o evento, é uma tradição. E eu gosto muito, apesar de ser militar. Mas eu gosto muito. E eu acho que falta a identidade. Vem se perdendo muito a identidade do lugar, da comunidade. Tanto que eu morro de inveja de outras comunidades, que tem projeto e outros eventos culturais. E essas comunidades recebem mais pessoas daqui de Porto Velho, acabam sendo o foco. Se tu for olhar a maioria dos projetos são para essas comunidades. A maioria: – Ah vamos

fazer numa comunidade? Vamos em Mapinguari! Até Santa Maria é esquecido. Eu sinto que Santa Maria é mais esquecido ainda que Ivaí.

Eu sinto que se perdeu essa identidade comunitária. Acabou esse olhar pro lugar do de fora. O máximo que chega lá é o pessoal do sul que vem fazer projeto lá. O daqui não. É muito engraçado quando eles vão. Eles ficam: – Ah, é assim? Pensei que tinha cobra, pensei que tinha onça. Eles se surpreendem. Eles chegam todo “encapadão”, sabe? Tipo, uma aventura. E a gente lá de sandália havaiana e outros descalços olhando assim. Eu acho é pouco. Os turistas.

Ivaí é uma ilha. É tipo uma ilha. Que quando alaga, alaga tudo! Todos os lados. Chega vai subindo. E as pessoas realmente não olham pra lá. E eu sinto muita falta disso. Até quando eu morava lá eram poucas coisas. Eram poucos eventos de fora. Teve uma vez que foi o cine Amazônia lá, acho, algo assim. Eles sempre iam. E aí acabou. Nunca mais foi. Nunca mais teve isso. Sabe, esses detalhes. Nunca mais olharam. Faz falta isso. Faz falta pra lá né. Não pra gente, não para os de fora. Faz falta pra gente de lá. Faz falta o olhar. Faz falta o olhar e vai se esquecendo, e aí vai se acabando e as pessoas vão tipo... Eu acho que falta muito... Acho que falta. Tá faltando coisas. E é isso que eu vou trabalhar na obra que eu vou fazer. Sobre esse vazio. Porque eu acho... Eu sinto um vazio pessoal, mas eu também acho que tem um vazio comunitário aí. Falta. É isso.

Então, tem um termo que um artista indiano... Eu não sei te explicar agora, mas ele falou sobre o entre lugar. Não sei se tu já ouviu falar. Eu vi esse termo. Primeiramente, eu fiquei só nossa: – Olha ele. Mas depois ele foi entrando em mim, foi entrando em mim e eu sinto muito que estou nesse entre lugar. Eu sinto muito que eu tô entre Ivaí e Porto Velho. Eu sinto que em Ivaí, eu sou a menina da cidade. Em Porto Velho, eu sou a ribeirinha. Mas será que eu sou a ribeirinha pros outros? Ou só pra mim? Eu sinto que eu fico entre: – Eu sou ribeirinha, mas eu não ia pra roça. Então, eu tô nesse entre lugar do ser e não ser. E eu fico muito com essa ânsia lá dentro, sabe? Tipo parece que eu me questiono sobre minha própria identidade. E eu acho, assim, muito chato. Muito chato. Porque isso é um pouco de mim e é um pouco do externo. Porque esse tipo eu sou ribeirinha, pra mim eu sou ribeirinha, mas será que pro outro eu sou? Por que eu tenho que me provar pro outro se eu já sei quem eu sou. Mas eu fiquei nesse, sabe? Eu fico rodando do entre lugar em ser ribeirinha, em

ser de Porto Velho. O que é ser ribeirinha? Eu acho que ser ribeirinha é você estar na comunidade. Você ser a comunidade. Eu me sinto da comunidade Ivaí. Eu sou da comunidade Ivaí, mas eu não tô lá. Mas eu me sinto... eu sou Ivaíense. Eu não sou Portovelhense, eu sou Ivaíense. E eu acho que é muito essa relação... Não é uma relação só física, é uma relação só de sobrevivência. É uma relação espiritual entre você e o lugar.

Eu tenho uma relação muito forte com o rio. Muito forte. Pra mim o rio é uma coisa muito... O rio é muito... Ah, não sei explicar. O rio é muito importante. E eu acho que ele me passa, passa por mim e volta, e fica um reboiço como a correnteza. E eu acho que eu... Minha relação com o rio é muito forte. E minha relação com o barranco do rio é muito forte. Minha relação com a beirada do rio. Minha relação com as partes de Ivaí que foram destruídas pela enchente [de 2014]. A parte que as pessoas mesmo destruíram. As partes do passado. Por exemplo, lá tinha um casarão do padre. Eu não sou católica, não tenho nada disso, mas aquilo era de Ivaí, que eles derrubaram e fizeram outra coisa, nada a ver. Foi o pessoal da igreja, né.

Então, é uma coisa de eu ser cada pedacinho daquele lugar. Eu acho que isso é ser ribeirinho. Isso é você gostar daquela argila, nem é argila, eu nem lembro o nome que tem, mas é aquela preta que tem lá na beirada do barranco. É você sentir o cheiro... Não sei se tu sabe... Mas tem uma trilha lá em baixo, dentro da UNIR campus, e aí tem o córrego. E eu sentei, tem uma madeirinha lá. Eu sentei ali e botei meu pé, quando eu meti meu pé veio o cheiro da terra que tem em baixo. É diferente, não sei explicar o nome. E aí veio o cheiro de Ivaí, porque é o rio. Aí vem todo o sentimento de eu estar em contato com esse rio, com esse cheiro. Eu acho que ser ribeirinho é ter fincado esse lugar em você, mesmo que esse lugar não seja mais o que era antes. Ou você não esteja lá, mas ele está em você. Você é ribeirinha por isso. Apesar de eu não ter as complicações que a maioria dos ribeirinhos tem. Com certeza para outro ribeirinho é outra coisa. Com certeza. E eu entendo isso. Eu consigo ver. Mas pra mim é mais isso assim. É a dificuldade de só se chegar por rio, é falar que em Ivaí não tem carro: – Só chega de barco? Só chega de barco. – Mas demora quanto tempo? Demora muito.

O tempo de demora depende. Tem o expresso que é tipo uma lancha grandona, esse você sai daqui meio-dia e chega lá cinco. Aí tem o barco normal que você sai

daqui seis horas da tarde e chega lá umas quatro da manhã, sabe? Eu acho que é isso. É ser.

Eu me expesso mais pela parte visual mesmo. Porque eu tenho sérios problemas com poemas. Não gosto de ler poema. Não gosto que as pessoas recitem poemas pra mim. Não sei porque, mas não gosto. Quando o professor começa a falar um poema eu fico – Ah, meu deus. Não sei porque. Não gosto. Mas eu fiz um videoarte semestre passado sobre o rio madeira, se quiser posso te mostrar depois. A professora pediu um texto sobre o processo criativo. Aí lá eu falo sobre essa comunidade ribeirinha. Não falo tão assim, mas lá tem essa parte do ribeirinho vivi pelo rio. Se não fosse o rio, não tinha ribeirinho. E o rio e o ribeirinho, eles têm essa relação. Eles se passam. O rio depende do ribeirinho, e o ribeirinho depende do rio. É do rio que vem a sobrevivência, é do rio que vem a diversão, é do rio que vem a água do banho, a água de tomar. Bebeu a água do [rio] madeira...Então, tem esse negócio que transita no meu texto, mas não é tão assim não. É um texto acadêmico né.

### ***Entrevista mediada por objeto***

“Esse é meu lugar favorito no mundo. Então, acho que isso me representa e ao mesmo tempo em que me representa também representa o meu lugar.” Camila



Fonte: fotografias de Camila

Camila escolheu utilizar uma foto sua tirada na comunidade de Ivaí como representação simbólica de sua subjetividade naquele momento:

“Então, eu tava olhando umas fotos minhas e essa foto é de Ivaí, isso é atrás da minha casa. E tipo andando só um pouco e já tá atrás da minha casa. É lindo né. Essa árvore é enorme, enorme. Quando [o rio] fica cheio, fica lindo. E aí quando seca fica só o buracão. É enorme o buraco. E aí fica só um tamanho dessa sala ou menor de água. Sabe? Bem pouquinho e verde. Ele é verde quando tá seco. Mas quando ele enche entra água do Rio Madeira. Eu acho que o que mais me representa é isso. Porque eu

me sinto muito bem lá. E quando eu tô, geralmente, acordo ou não durmo e sempre vejo o nascer do sol. É muito lindo. Eu tenho um milhão de imagens do nascer do sol de lá. E eu me sinto muito... Eu nem sei definir a sensação. Mas acho que é o pertencimento, sabe? Eu acho que me sinto eu quando eu tô ali vendo. Não sei. Adoro fazer piquenique aí. Faço vários piqueniques [risos].

Esse é meu lugar favorito no mundo. Então, acho que isso me representa e ao mesmo tempo em que me representa também representa o meu lugar. Porque pra mim é muito difícil falar de mim. Mesmo que eu esteja falando é muito complicado, eu não sei. Eu acho que é isso. É algo que eu me sinto muito bem. Acho que qualquer coisa que tem água, tem rio. Não é água, eu não gosto de piscina, eu gosto do rio. Acho que é muito eu.” Camila.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O presente capítulo, em seguimento ao objetivo desta pesquisa de analisar a trajetória de estudantes ribeirinhas na entrada e permanência na universidade, está dividido em duas seções de análises que se relacionam e complementam. Esta primeira busca falar sobre as “Narrativas sobre o povo ribeirinho” e está dividida em duas subseções. A primeira que tem como título “Povos que reexistem nas terras amazônicas”, onde discuto sobre os determinantes históricos e culturais que atravessam a vida desses povos. E a segunda subseção chamada de “Subjetividades e vivências: o ‘ser ribeirinha’ para Elizabeth e Camila” apresenta a análise das cenas narradas sobre suas relações com a comunidade ribeirinha.

### **4.1. NARRATIVAS SOBRE O POVO RIBEIRINHO**

#### **4.1.1 Povos que reexistem nas terras amazônicas**

Entendo que a vivência de nascer e viver numa comunidade ribeirinha apresenta especificidades quanto ao acesso ao ensino superior, diante disso é relevante entender mais sobre o contexto mais amplo das populações ribeirinhas.

As populações ribeirinhas têm relação histórica com os rios. Portanto, quero iniciar comentando um pouco sobre o Rio Madeira por sua importância para a história desses povos, assim como ser parte essencial da floresta amazônica. “Seu nome faz alusão à recorrente inundação das margens nos períodos de chuva” (MOUTINHO; ROBRAHN-GONZÁLEZ, 2010, p.12). Nesse período de inundação das terras florestais a consequência é que muitas árvores e madeiras adentram no rio, por isso o nome de Rio Madeira. Moutinho e Robrahn-González (2010) descrevem a importância desse rio com base em registros arqueológicos que mostram que há pelo menos 14 mil anos grupos humanos diversos viveram às suas margens ricas de recursos naturais e possibilidades de transporte fluvial para inúmeras localidades.

Os povos amazônidas nas suas relações com os rios e as florestas foram organizando modos e formas de viver e sobreviver nas terras e águas da Amazônia. Sobre essas organizações da vida (FRAXE; PEREIRA; WITKOSKI, 2007), entende que todas essas práticas culturais da relação entre estes grupos sociais com o território, que foram ressignificadas, misturas, negadas e valorizadas dependendo dos



determinantes atuantes, é de base fundamentalmente **indígena**, e com a imigração e o crescimento da exploração dos recursos naturais na Amazônia esses saberes foram sendo modificados.

Com a legitimação das populações tradicionais por meio do decreto nº 6040 de 07 de fevereiro de 2007 que efetivou o reconhecimento da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, os ribeirinhos passaram a fazer parte dessa política e tiveram mais reconhecimento de sua cultura, principalmente, no que se percebe de suas relações sociais e econômicas com a natureza.

Sobre os termos de populações, povos ou comunidades tradicionais, o autor Henyo Barretos (2006) entende que o uso dessas nomenclaturas ganhou força e visibilidade no âmbito jurídico e institucional como uma forma de criar estratégias ao lidar com os diversos grupos que existem na Amazônia. Sobre isso é relevante apontar que é positivo essa legitimação da existência plural de povos da Amazônia com suas práticas culturais e a relação intrínseca com a natureza. Barretos também enfatiza que o termo é muito utilizado nas políticas voltadas ao meio ambiente:

A noção de “população tradicional” expressa um conjunto de valores culturais coletivos relativos ao meio ambiente – percepções, valores e estruturas de significação que orientam e estão na origem de certas políticas ambientais (BARRETOS, 2006, p. 2).

O reconhecimento e efetivação de Políticas Públicas voltadas a estes grupos sociais é muito importante, pois se concretiza avanços no olhar sobre a Amazônia, não apenas como um território de exploração de recursos naturais, mas também como o espaço social e simbólico vividos por pessoas amazônidas.

Pode-se afirmar que o homem amazônico é resultado dos intercâmbios históricos entre diferentes povos e etnias. Tal intercâmbio possibilitou uma herança que se revela nas mais diferentes manifestações socioculturais expressas pelo homem amazônico na vida cotidiana, quais sejam: as relações de trabalho, a educação, a religião, as lendas, os hábitos alimentares e familiares. (LIRA; CHAVES, 2016, p. 72).

As terras amazônicas desde a década de 70 vêm sendo vista como uma terra sem povo, por meio das políticas propostas pelo Governo militar daquele período, por ser uma terra sem pessoas para viver ali deveria então ser incorporada ao Brasil,

processo que se iniciou a partir imigração de pessoas que vieram em buscas de terras e oportunidades de uma vida melhor (BRONDIZIO; SIQUEIRA, 1992).

Os olhares para as populações da Amazônia foram, com mais predominância, para as populações indígenas, e para os grupos de colonizadores que organizam, inclusive que ainda hoje de forma atualizada, as contínuas explorações dos recursos destes territórios. Por este histórico de ser “considerada um ‘vazio demográfico’, pouca atenção tem sido dada às populações locais existentes” (BRONDIZIO; SIQUEIRA, 1992, p. 187). Nesse sentido, estes autores apontam a importância do grupo social amplo e pouco visibilizado que são os caboclos (também chamados de ribeirinhos) que tem origem miscigenada de indígenas, portugueses e nordestinos de origem africana.

Os ribeirinhos-caboclos são os povos que se constituem nesse contexto histórico de exploração e ocupação das terras amazônicas. São as misturas que foram acontecendo, com mais ênfase, a partir da década de 70 com a busca pela ocupação dessas terras “sem dono”, e é muito importante entender essas origens para se entender mais sobre as histórias apresentadas por Elizabeth e Camila, história que é singular e universal num eterno movimento dialético. Devo dizer que ribeirinho hoje está mais relacionado com o viver nas beiras dos rios, mas isso não é tudo. Pois, quando penso nas histórias narradas nesta pesquisa, entendo que existem várias formas de ser ribeirinho.

Antes de entrar na parte mais cotidiana e organizacional das populações ribeirinhas, devo falar sobre a história de Rondônia para deixar mais descritivo a formação das populações na região. Rondônia em seu processo de construção ocasionado principalmente pela economia gerada na extração de matéria-prima. Dessa economia extrativista, quero destacar dois que são muito importantes para entender a formação das populações de Rondônia: o primeiro ciclo da borracha (1877-1910), o segundo ciclo da borracha (1940-1960). Nesse sentido, “o desenvolvimento da economia da borracha provocou profundas transformações socioambientais na região amazônica” (TRUBILIANO, 2017, p.56), essas mudanças foram causadas, em partes, pelo grande nível de imigrantes que vieram para a região em busca de trabalhos no setor da borracha, mas Trubiliano (2017) aponta que mesmo esse contingente de nordestinos não foi suficiente para suprir a demanda necessária na exploração gomífera:

Diante disso, as companhias passaram a pressionar os governos locais para mobilizar e utilizar força de trabalho indígena, provocando o deslocamento de aldeias e mesmo de nações indígenas inteiras para atender à demanda dos seringais. Em Rondônia, como exemplo, podemos citar a migração forçada dos Kanoê, Arikapú e Djeoromitxí (TRUBILIANO, 2017, p. 56).

Esse contato forçado das populações indígenas foi o responsável pelo genocídio de inúmeros indígenas que se viram forçados a trabalhar na extração da borracha para sobreviver (TRUBILIANO, 2017). O outro acontecimento histórico decorrente da economia gomífera e que é essencial para se compreender o desenvolvimento da sociedade em Rondônia hoje, assim como em toda região norte, foram as construções das ferrovias que visavam melhorias na exportação da borracha. Segundo Valdir Souza (2011), a Estrada de Ferro Madeira Mamoré, construídas entre 1907 e 1912, quando estava sob o comando do Tenente Aluizio Ferreira no governo Vargas, teve também como objetivo o aumento do controle sobre a região amazônica, ou seja, maior defesa sobre as defesas das fronteiras.

Esse objetivo foi cumprido, nesse primeiro momento, por meio da criação de três unidades militares junto às colônias criando uma estratégia de proteção. Todas essas ações cumpriram a função de ocupação da região, algo que no início pareceu pequeno, mas com o tempo se mostrou muito efetivo.

Iniciou-se o processo de distribuição de sementes e animais nas regiões de colônia para estimular a criação de unidades agrícolas em lugares significativos de proteção das fronteiras e dos recursos naturais (SOUZA, 2011). Todos esses movimentos econômicos e históricos (ciclos da borracha e a construções das estradas de ferro) foram responsáveis pela criação de comunidades nas beiras dos rios formadas por origens indígenas e nordestinas, majoritariamente.

Voltando sobre o cotidiano de uma comunidade ribeirinha, Souza, Souza e Veras (2019) apresentam de forma muito coerente a organização social e econômica desta população. Estes autores descrevem que os principais meios de subsistência são a partir do trabalho na roça, na pesca e também com a extração e comercialização de matérias primas naturais; como sementes de açaí, cupuaçu e outras.

Pensando no trabalho no contexto ribeirinho é muito descritivo o cenário de desigualdade e exploração nas vivências narradas por Elizabeth sobre seu avô e

também por seu pai, como sustentadores da família. Eles que trabalhavam numa fazenda em troca de alimentos e não tinham a remuneração justa por seu trabalho.

Entendo aqui o trabalho como a ação transformadora da humanidade perante a natureza, processo histórico e dialético. Para Guzzo (2016), o trabalho em seu caráter alienante é a busca por “lucro pela exploração da força de trabalho dos mais pobres” (GUZZO, 2016, p. 151). Saliento também que a pobreza aqui é entendida como a concreticidade de relações desiguais de acesso aos direitos básicos. Esta autora entende a pobreza numa dialética com a riqueza, o primeiro só existe por causa do segundo e ela afirma “a pobreza está em todo lugar” (GUZZO, 2016, p.155).

Sobre essa situação de trabalho análogo ao escravo, penso nas reflexões teóricas de Cecília Toledo (2017) ao falar das diferenças entre a família proletária e a família burguesa, a primeira caracterizada por situações de humilhações e insegurança que perpassam várias gerações. E quando retomo a história do avô de Elizabeth e que se repetiu a mesma forma de exploração com o pai de Elizabeth vejo nitidamente como ataques históricos de cunho capitalista, ou seja, o lucro acima de qualquer relação humanitária. São essas situações que mostram a engrenagem da história se repetindo numa mesma forma de exploração para os mesmos grupos de pessoas: negros, indígenas, mulheres, ribeirinhos, quilombolas, pobres.

[...] Pelos permanentes ataques do capitalismo, a família operária não pode garantir um modo de vida seguro para seus membros, não pode protegê-los contra o mundo exterior, contra a superexploração e a violência impostas pelo modo de produção capitalista (TOLEDO, 2017, p. 108).

Toledo (2017) explica que a falta de emprego no contexto das famílias de trabalhadores leva justamente ao processo de imigração em busca de novas oportunidades. E isso também fica evidente nas falas de Camila quando explica que de uns tempos para cá houve aumento nas pessoas que saíram da comunidade em busca de novas possibilidades educacionais e de emprego. Penso que a história se repete de pai para filho, de mãe para filha, e imagino que sair da comunidade se apresenta como uma alternativa em busca de trabalhos com mais direitos assegurados.

Ao falar da exploração no trabalho braçal e fora do contexto familiar não posso deixar de olhar também para o trabalho das mulheres ribeirinhas em casa, que pode ser entendido como invisível e não remunerado. Segundo a OXFAM (2020), grupos

de organizações que buscam soluções para a desigualdade social no mundo, este trabalho de cuidado doméstico deve ser analisado por meio dos aspectos econômicos, pois sem as mulheres, que são a maioria, exercendo essa função de cuidado da casa e da família haveria prejuízos sérios na organização da vida em grupos e comunidades.

O relatório da OXFAM (2020), sobre a relação entre o trabalho de cuidado e a economia, apresenta que:

[...] Na base da pirâmide econômica, mulheres e meninas, principalmente as que vivem em situação de pobreza e pertencem a grupos marginalizados, dedicam gratuitamente 12,5 bilhões de horas todos os dias ao trabalho de cuidado e outras incontáveis horas recebendo uma baixíssima remuneração por essa atividade. Seu trabalho é essencial para nossas comunidades. Ele sustenta famílias prósperas e uma força de trabalho saudável e produtiva. A Oxfam calculou que esse trabalho agrega pelo menos US\$ 10,8 trilhões à economia. Mas essa cifra, ainda que enorme, é subestimada, e o número efetivo tende a ser ainda maior. No entanto, a maioria desses benefícios financeiros reverte para os mais ricos, que em grande parte são homens. Esse sistema injusto explora e marginaliza as mulheres e meninas mais afetadas pela pobreza, ao mesmo tempo em que aumenta a riqueza e o poder de uma elite rica (OXFAM, 2020, p.5-6).

Concluo que as formas de trabalho na comunidade ribeirinha, narrado por Elizabeth e Camila, é algo que bastante descritivo da exploração capitalista por meio do trabalho e a precariedade no acesso a serviços básicos de saúde, educação e cultura que tem como norte o apagamento e enfraquecimento dos povos que resistem e buscam vidas mais dignas. O que demonstra que quando se fala em exploração da Amazônia não se pode resumir aos recursos naturais, visto que a desigualdade social e econômica entre uns poucos donos do dinheiro do mundo e a grande maioria é cada vez mais gritante. Pensar isso no contexto das populações tradicionais é acrescentar várias camadas sobre a desigualdade, por conta de questões de gênero, raça e etnia.

#### **4.1.2 Subjetividades e vivências: o “ser ribeirinha” para Elizabeth e Camila**

A partir do questionamento: o que se pode dialogar sobre o ser ribeirinho a partir das cenas apresentadas pelas participantes? Busco agora fazer aproximações por meio de cenas narradas que permitam entender mais o olhar subjetivo e afetivo sobre o “ser ribeirinha”.

Para guiar os olhares para a narrativa sobre o “ser ribeirinha” nas falas de Elizabeth e Camila, é importante inicialmente criar sustentações teóricas em conceitos da Psicologia Sócio-Histórica. De maneira geral, construo aqui a base norteadora da análise em dois caminhos teóricos que se complementam: primeiro, a **subjetividade** em seu movimento dialético com a objetividade; segundo, **vivência** no entendimento do psicólogo Lev S. Vygotsky.

A teoria que sustenta minhas análises exige e possibilita afirmações sobre a noção de mundo e a noção de ser humano como duas construções situadas dentro de uma perspectiva histórica, ou seja, a ideia de mundo ou sociedade e de ser humano mudam conforme as variadas determinações sociais, históricas e econômicas. Essa visão de cunho materialista histórico-dialético é contrária ao sujeito racional e individualista vendida pelas ideias liberais, pois sustenta que o tornar-se humano “só se constitui indivíduo porque é social e histórico” (GONÇALVES, 2007, p. 44).

O alicerce do processo analítico da Psicologia Sócio-Histórica está pautado nas transformações históricas das experiências dos seres humanos. Assim como, os conteúdos gerados no elo entre o pensar humano com suas experiências (GONÇALVES, 2007).

[...] Entende-se como experiência humana toda atividade realizada socialmente pelos homens, como forma de atender a suas necessidades, produzindo, dessa forma, sua própria existência. As experiências concretas, de atividade dos homens, implicam necessariamente a produção de idéias e representações sobre elas, as quais refletem sua vida real: ações e relações (GONÇALVES, 2007, p. 38).

Pensar a categoria da subjetividade em contextos de desigualdade social, que é a marca histórica das populações tradicionais, é buscar maneiras de ver estes processos de forma “que o social e o individual sejam compreendidos a partir da totalidade” (SAWAIA; SILVA, 2019, p. 23). Isto posto, busco analisar as falas de Elizabeth e Camila entendendo que suas subjetividades foram e são construídas diante de todo contexto de exploração e também de resistência de suas comunidades, como abordado na primeira parte dessa seção de análise.

González-Rey (2007) define a subjetividade como um processo construtivo humano, indo além da mera internalização das experiências externas. Ele entende que o subjetivo não pode ser analisado de forma causa-efeito, porque a qualidade da subjetividade não é apenas o resultado do meio, e sim como a habilidade de criação

do novo. Nas palavras dele o ponto chave da subjetividade é a “capacidade para subverter a ordem institucional que caracteriza a organização hegemônica de qualquer ordem social” (GONZÁLEZ-REY, 2007, p. 173-174).

Iniciando a apresentação das falas de Elizabeth e Camila e as relações possíveis com esses conceitos teóricos de construção de subjetividade e vivência, resgato aqui a fala de Camila sobre as contradições entre sair da comunidade para trabalhar e/ou estudar e ser visto pelas pessoas da comunidade como alguém que agora é de fora da comunidade ribeirinha. Sair da comunidade é deixar ou ser menos ribeirinho? É certo que ser ou não ribeirinho não pode ser definido por estado geográfico-espacial. Ser ribeirinha deve ser definido por um conjunto de experiências universais e singulares que estão conectadas com aspectos culturais, sociais, geográficos e econômicos.

De fato, existem algumas reflexões mais comumente usadas para ribeirinho/caboclo que enfatizam a questão geográfica e cultural. Maria Lima (2010) ilustra que os ribeirinhos são grandes nas suas experiências com as florestas e rios, enquanto que em relação a cidade estes saberes são vistos como menos valorosos. Para Rente Neto e Furtado (2015) o ser ribeirinho é estabelecido como o desenho social, cultural e histórico dos povos que se fixaram nas margens de rios.

Nessa continuidade, para Camila e Elizabeth suas trajetórias ribeirinhas são mais marcadas por sua relação com os rios e a natureza, mas também se relacionam com outras fronteiras, como o meio urbano. O que me faz visualizar a singularidade na universalidade do ser ribeirinho. Suas relações com o rio e a beira do rio e também com a busca por outras experiências além da comunidade de origem.

As falas de Elizabeth e Camila sobre suas relações com a natureza perpassam de maneira central com a concretude e simbolismo do rio. Camila fala do poema que escreveu quando começou a entender que sairia da comunidade, entendeu que sentiria falta da beira do rio e conclui que "nunca ia embora porque ele ia estar sempre em mim" (CAMILA).

Essa fala de Camila sobre sua relação com o rio e a sua comunidade é um bom exemplo para iniciar a explanação sobre o conceito de vivência em Vigotski, visto que vivência é, de maneira simplista, o elo entre as práticas da realidade externa e o jeito singular de cada pessoa apreender e atribuir sentidos/significados sobre tudo que é experimentando e pensado.

Toassa (2009) explana que o conceito de vivência em Vigotski representa a relação do sujeito com os dois mundos: externo ao experimentar as inúmeras situações; e interno, na sua forma única de tecer relações entre a experiência externa e a interna com a tomada de consciência.

Vygotski (2010) compreende a vivência como a conexão entre os aspectos do meio e da subjetividade. Ele destaca, inclusive, que isso torna essa conexão algo importante no estudo da ação do meio atuante no desenvolvimento infantil:

A vivência pode ser um exemplo dessas unidades. A vivência é uma unidade na qual, por um lado, de modo indivisível, o meio, aquilo que se vivencia está representado – a vivência sempre se liga àquilo que está localizado fora da pessoa e, por outro lado, está representado como eu vivencio isso, ou seja, todas as particularidades da personalidade e todas as particularidades do meio são apresentadas na vivência, tanto aquilo que é retirado do meio, todos os elementos que possuem relação com dada personalidade, como aquilo que é retirado da personalidade, todos os traços de seu caráter, traços constitutivos que possuem relação com dado acontecimento. Dessa forma, na vivência, nós sempre lidamos com a união indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação representada na vivência (VYGOTSKI, 2010, p. 686).

A imagem simbólica apresentada por Camila ao falar que mesmo longe a comunidade sempre estará nela demonstra que o “ser ribeirinha” e a forma como ela constrói sua narrativa é sua vivência. As falas de Elizabeth e Camila são suas objetivações dessas vivências, naquele determinado momento, sobre o que elas são, de onde vieram, seus sonhos, seus medos e muito mais; pois na transformação do pensamento para a fala existem algumas limitações.

Elizabeth, assim como Camila, também expressa a saudade do contato com a natureza ao se mudar para a cidade. Esse novo lugar que não tem o acesso tão fácil aos rios e árvores, por mais que seja uma cidade construída na beira do rio Madeira, ainda sim é possível ver na fala delas que em Porto Velho viver a relação com o rio é mais difícil. Além disso, tratam-se de ritmos e encontros outros impostos nessa vida na cidade, frenética, agressiva, isolada, que para Elizabeth intensificaram a ansiedade e depressão que sentia.

E a expressão mais singela da saudade de Elizabeth aparece em suas falas de sensação de calma e bem-estar quando está em contato com o rio. O que me remete ao sentido subjetivo, termo cunhado por González-Rey (2007), para explicar a relação entre o simbólico e o emocional. O autor aponta que a principal função do



sentido subjetivo é “expressar em forma de produção simbólica emocional a multiplicidade de registros objetivos que afetam ao homem em sua integridade vital” (GONZÁLEZ-REY, 2007, p. 171). Ele constata que a subjetividade deve ser interpretada como uma criação humana, muito maior que a simples ideia de internalizar ideias externas. E não somente uma criação, mas a subversão das ordens preestabelecidas.

Essas cenas expressam, com mais detalhes, que a relação com a comunidade está muito além de apenas uma distância e/ou proximidade espacial. A relação que elas narram é de duas mulheres que precisaram sair em busca de novas oportunidades de continuidade dos estudos, e que estando no espaço urbano não se esqueceram de onde vieram.

O sentido subjetivo de Elizabeth é muito expressivo quando ela associa a chuva com a tristeza. Seus afetos estão simbolizados nos eventos da natureza, o rio com seus movimentos traz calma e a chuva traz a tristeza. González-Rey (2012) explica que o ser humano, em sua totalidade, é pintor de sua própria existência. Nesse sentido, vejo Elizabeth criando sentidos em sua relação com o externo que faz parte de sua vida e de sua família, ou seja, o rio e tudo que está relacionado com ele.

Voltando às falas de Camila, penso na raiva que ela demonstra da comunidade em que nasceu e cresceu, mas a raiva não é sobre a comunidade em si, e sim sobre as faltas do lugar. A falta de mais oportunidades de acesso à educação e cultura, falta de espaços de lazer, falta de internet, de contato com pessoas de outros locais, e pensando na sua relação com a escola e por meio da escola com as pessoas da comunidade, é possível refletir sobre essa raiva como a subversão que fala González Rey.

A subversão em manifestação emocional sobre a desigualdade que se apresenta justamente nos serviços que não existem na sua comunidade. O que se percebe é que o ódio estava relacionado com a falta de oportunidades educacionais e culturais naquela comunidade. É interessante que a raiva aparece nos momentos em que ela começa a planejar o futuro e escolher caminhos que sejam significativos para ela. Sobre o possível retorno à Ivaí, sobre trabalhar em algum projeto por um período para sua contribuir com sua comunidade, mas também sobre seus desejos de ter experiências de vida em outros lugares. Foi nesse contexto social, que o poema como sentido subjetivo foi escrito, não digo numa questão cronológica, mas num processo de expressão da sua subjetividade. Existe um sentimento de revolta, mas

ela também sabe que sentirá saudades quando estiver num novo lugar, numa nova casa.

É também a partir dessas ausências na localidade que emanam os motivos para a escolha dos cursos universitários das duas participantes. Elizabeth a partir da dor pela perda e da quase perda de entes queridos, causada pelo precário atendimento à saúde na comunidade, escolhe cursar a graduação em enfermagem. Mobilizada pelas restritas oportunidades educacionais e artístico/culturais, Camila opta pelas artes.

Esses sentimentos de Camila sobre a comunidade continuam aparecendo quando ela explica que percebe a perda da identidade coletiva de sua comunidade. Inclusive, fazendo comparações com outras comunidades ribeirinhas de Rondônia no quesito projetos e eventos culturais. Para Calegare e Higuchi (2017), a identidade coletiva é a expressão do sentimento de pertencimento, algo que não pode ser vivido sem que os participantes de determinado grupo tenham interações e negociações sobre as demandas coletivas. Ou seja, quando Camila nomeia a sensação de vazio pessoal e comunitário está falando sobre essa falta de trabalho coletivo sobre as potencialidades da comunidade, sem essas experiências a noção de pertencer fica prejudicada.

Outro questionamento de Camila segue também essa linha de busca por sentidos de pertencimento quando ela fala sobre o conceito de entre-lugar. Na cidade, ela é a garota ribeirinha e na comunidade a garota que foi para fora estudar. Esse conceito apresentado por ela, e que ilustra bem suas dúvidas de pertencimento, é de um filósofo indo-britânico chamado Homi K. Bhabha, em suas palavras:

O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses "entre-lugares" fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação - singular ou coletiva - que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 1998, p.20).

Acredito que as construções subjetivas expressas por Camila e que também podem ser vistas na narrativa de Elizabeth demonstram que os seus sentidos subjetivos estão nesse entre-lugar entre as experiências na comunidade e depois na cidade. E são por elas narrados e questionados ao contarem suas próprias histórias, que são dialéticas entre o individual e o social. São essas fronteiras de território

simbólico e cultural que dão o material para que elas possam criar novas vivências e como duas ribeirinhas em contexto de desigualdade social e educacional, elas criam novos caminhos que são trilhados e possibilitam novas oportunidades também para suas comunidades.

## 4.2 TRAJETÓRIAS DA ESCOLA À UNIVERSIDADE

### 4.2.1 A escola é o point da comunidade ribeirinha

O nome desta subseção foi retomado das falas de Camila ao explicar que a vida social e comunitária de Ivaí é movimentada, principalmente, pelas ações e práticas da e na escola. Nas falas é possível ver a importância da escola na vida de Camila e Elizabeth, assim como a relevância social e histórica da escola para a comunidade ribeirinha de Ivaí. As participantes demonstram isso em suas narrativas, partindo de olhares diferentes, tecem histórias que mostram um pouco sobre o processo educativo num contexto rural-ribeirinho com todas suas especificidades territoriais, geográficas, sociais e culturais. Assim, nesta subseção busco trazer um olhar crítico e social sobre esses processos educativos apresentados nas narrativas.

Camila e sua família de educadores apresenta um olhar tanto institucional como, posteriormente, de críticas sobre a instituição, conforme vai se percebendo ribeirinha numa comunidade que apresenta diferentes acessos à educação, uns com mais facilidades e outros enfrentando mais adversidades em suas experiências escolares. Elizabeth traz nas suas falas tanto a importância da escola e de alguns professores na sua trajetória educacional, mas também mostra situações em que sofreu preconceitos de cunho étnico-racial.

A trajetória escolar de Camila por conta de sua família trabalhar diretamente com a escola em Ivaí, mostra que desde muito nova ela conviveu com frequência no dia a dia escolar. Elizabeth também relata várias situações na escola que foram marcantes na sua história, inclusive foi na relação com a professora de geografia que ela foi se percebendo como alguém que podia continuar os estudos. Diante disso, para seguir no entendimento das vivências das duas jovens na universidade é imprescindível discorrer sobre o papel da escola nas suas vidas.

A escola é antes de tudo constituída por relações entre pessoas e conhecimentos com base num projeto político pedagógico que guiará as ações e

objetivos da instituição. Quaresma, Pantoja e Cordeiro (2020), ao estudarem como ocorrem as relações entre a escola e a comunidade ribeirinha entendem que nesse caso específico é imprescindível olhar para o espaço territorial, social e simbólico que margeia esse processo de ensino e aprendizagem. Os autores destacam também que o papel da escola para as comunidades ribeirinhas está pautado nas ampliações de possibilidades de organização e atuação coletiva frente às problemáticas sociais com ênfase na territorialidade própria dos sujeitos ribeirinhos.

Para Márcia Barbosa (2004), o papel da escola é de manter a ordem social vigente, sem questionar as ideologias e relações construídas e ensinadas por meio da educação. Nesse ponto, temos o ensino para a vida em comunidade, porém de forma individualista e meritocrática. Mesmo que no bojo de várias teorias educacionais estão pautadas ideias mais coletivas e humanizadoras de se pensar a educação, Barbosa alerta que no cotidiano escolar ainda vemos práticas competitivas e opressoras.

Elizabeth e Camila nas suas narrativas sobre a escola em Ivaí constroem também várias críticas sobre a instituição escolar, os quais apresentarei aqui por tópicos de conteúdo para ser mais didática: primeiro, críticas quanto ao deslocamento para a escola; segundo, críticas quanto à organização das turmas; terceiro, críticas quanto às relações étnicos-raciais; e por último, críticas quanto ao processo educativo.

Importante antes de iniciar a discussão sobre essas críticas das participantes é falar um pouco sobre as Políticas Públicas educacionais com o foco na Amazônia. Carmo e Prazeres (2015) entendem que estas políticas voltadas à educação exercem a incumbência de amenizar a desigualdade social, para tal é preciso que as políticas educacionais sejam pensadas e discutidas de forma coletiva, ou seja, com a participação social de diferentes segmentos. Acredito que os relatos das participantes são bons indicativos de como esse diálogo democrático traria bons resultados se aplicados na gestão da escola em Ivaí, digo isso no nível local.

Colares (2011) ao dialogar sobre a história da educação na Amazônia sistematiza três pontos para auxiliar na construção desse diálogo. Primeiro, é preciso compreender que o processo da educação na Amazônia é histórico e situado dentro de um tempo e espaço. Segundo a discussão desse objeto - educação na Amazônia - é complexo e precisa ser considerada como tal, visto que há grande diversidade social e cultural no grande território amazônico. E por último, falar do movimento

histórico da educação dos povos amazônicos é ampliar as vozes que se somam a essa conversa.

Penso que o caminho possível para a construção e implementação de Políticas educacionais qualitativas e quantitativamente adequadas para o contexto amazônico é a participação social. E também as pesquisas sobre esses temas que ajudam na produção de discursos que fortalecem e dão elementos para estruturar essa ação participativa da sociedade.

Diante disso, é pertinente ter a visão sobre a escola ribeirinha como dotada de particularidades por conta, principalmente, da sua territorialidade formada por diversos povos e comunidades em florestas nas beiras de rios. Um exemplo de como as políticas de educação precisam ter a noção de território como central é o transporte escolar das comunidades ribeirinhas. Esse deslocamento é feito por via fluvial, utilizando barcos e voadeiras, e há histórico de muita precariedade no cumprimento desse serviço básico de acesso à educação.

O caso mais recente que chamou muita atenção da mídia ocorreu devido a operação “Ciranda” feita pela Polícia Federal que descobriu um esquema de corrupção entre agentes públicos e empresários por irregularidades na contratação da empresa de transporte escolar. Por conta desse fato houve paralisação das aulas por mais de nove meses, prejudicando inúmeros estudantes no acesso à educação. Essa situação evidencia a complexa precarização da educação pública nas comunidades ribeirinhas.

Outro aspecto narrado por Camila que chama muita atenção sobre o processo escolar em Ivaí e suas relações com os estudantes é sobre a separação de turmas segundo a visão entre os melhores alunos e os alunos reprovados ou entendidos como não bons o suficiente.

Penso que quando ocorre essa divisão entre a sala com os aptos ou menos aptos está se falando de queixa escolar como eixo central. Segundo Caldas (2005), a queixa escolar pode ser definida como algo visto como negativo por parte da instituição-escolar, esse algo gira em torno de duas temáticas: resultados e o comportamento dos estudantes, além do mais está relacionada com a noção de aprender ou não aprender. “é aí que se localiza a insatisfação da escola e de sua professora” (CALDAS, 2005, p. 22).

Elizabeth trouxe uma cena da escola que confesso me chocou, principalmente, por se tratar de uma escola que está localizada numa comunidade ribeirinha. Ela relata

que uma professora falou de forma pejorativa de seus traços indígenas, como se isso fosse algo ruim. Importante entender que a escola não é um campo neutro e que dentro dela surgem tensões que mostram preconceitos, algo que me faz pensar que a escola é o melhor espaço para debater esses discursos, indo além e tentando ver o processo em que tais discursos foram se constituindo.

As críticas sobre o processo educativo feito por Camila são apresentadas em várias cenas do cotidiano escolar: a reprovação da maioria dos estudantes de uma turma, foi a primeira crítica de Camila. Outro questionamento de Camila foi sobre os alunos que chegam no sexto ano sem saber ler nem escrever.

Sobre o processo educativo Camila também apresenta a sua análise da experiência numa turma com poucos alunos como positiva. Segundo ela, a turma menor possibilitou maior dinamicidade em relação ao conteúdo e os projetos que ali foram construídos foram feitos com sucesso.

UNIR me liberta de ser quem sou  
sem ser julgada ou pressionada, aqui estou  
algumas vezes estou solta pelo ar  
como uma borboleta,  
que não vê a beleza de suas asas  
e segue a voar.  
outras, me sinto presa  
como uma máquina de pensar.  
Buscando apenas o melhor desempenho alcançar.  
Vivo dias felizes e dias sombrios.  
Tenho pessoas para amar  
e outras que me fazem desacreditar.  
Com todo esse misto de sensações  
que mais eu poderia chamar a UNIR  
a não ser de LAR.

Poema da Elizabeth

2020 novembro.

“O lado ruim é justamente a questão de não haver união, comunidade e até mesmo sororidade/empatia, sempre ouço que estamos sendo preparados para o amargo da vida adulta, por isso sofremos toda pressão lá dentro. O lado bom seria a liberdade de ser o que quiser, sem julgamentos ou falatórios, assim como as pessoas que encontramos pelo caminho, gente aberta a amar, não de maneira romântica, mas como família, parceria, amigos de verdade. Eu sinto a UNIR como diferente do meio em que fui criada. Não sei explicar direito, mas eu não preciso impor e dizer sou isso, eu só preciso ser eu e pronto” (Elizabeth sobre sua poesia).



Desenho da Camila

Novembro 2020

“Eu tenho muitos sentimentos em relação ao universo acadêmico, pois sempre estive muito submersa nele. O ambiente de estudo sempre foi minha segunda casa, as vezes mais primeira que segunda. Pensei primeiramente em externar os sentimentos de silenciamento que ocorre dentro desse ambiente. Mas esse sentimento é muito menor que o de amor. Me veio na cabeça então que para mim a UNIR é meu lar sem mãe. É meu lar onde cresço, onde me redescubro, onde me conheço e aprendo sobre os sentidos e mundos. Mas como é uma casa vazia de afeto "materno", o lar pode ser igualmente hostil. No desenho eu quis retratar esse sentimento de amor e florescer que tenho pelo estudo e lugar, mas que esse amor também tem consequências em que você é sugada.” (Camila sobre seu desenho).

#### 4.2.2 Acesso e permanência na Universidade



Com imensa alegria dou início à essa última parte da análise com o poema da Elizabeth e o desenho de Camila como expressões por meio da arte de suas relações com a universidade, mais especificamente com a UNIR. Acredito que usar as histórias para falar sobre algo é único do ser humano, e falar sobre algo por meio da arte é libertador. Eu também nesse percurso utilizei da poesia, e alguns vezes também do desenho, para expressar afetos, dúvidas e conhecimentos sobre minha relação com as histórias de Elizabeth e Camila.

Por meio dessas narrativas conheci o percurso de vida de duas estudantes que saíram de suas comunidades de origem para conseguir acessar o ensino superior numa universidade pública existente numa cidade urbana muito diferente de suas vivências à beira dos rios. Esta trajetória foi marcada por algumas especificidades próprias de estudantes ribeirinhos: deslocamento para um novo lugar, aprendizagens e práticas culturais com diferenças e semelhanças da vivência escolar numa escola ribeirinha, o susto inicial de entrar na universidade. Além disso, a cidade é sentida como agitada demais e tem com natureza de menos.

Lembro bem de uma frase que ouvi muito durante a graduação: entrar na universidade é fácil, difícil é sair formado. Entrar na universidade não é fácil, mas é certo que sair com o esperado diploma é muito mais difícil. Diante deste contexto, com base nas cenas relatadas por Elizabeth e Camila em articulação com conteúdo teórico que permitam analisar histórica e dialeticamente, irei nesta seção dialogar sobre a entrada das duas estudantes ribeirinhas na UNIR.

Para começar, informo que não há dados sistematizados pela Universidade Federal de Rondônia específico para a população ribeirinha que está ou já esteve estudando nesta Instituição Pública de Ensino Superior. Após buscas nos sites e documentos oficiais da UNIR e por conversas informais com funcionários que atuam diretamente com os estudantes (PROCEA - Pró-Reitoria de Cultura, Extensão e Assuntos Estudantis) ficou perceptível que há poucas informações oficiais da instituição que mostrem mais detalhes sobre a quantidade de estudantes que são de origens ribeirinhas e outras informações que poderiam ser relevantes para este estudo.

Relevante também é o entendimento de que pensar na trajetória de estudantes ribeirinhas na universidade é significar também ampliar o olhar sobre o processo histórico da desigualdade educacional existente no Brasil, que se acentua ainda mais quando se trata do acesso e permanência no Ensino Superior. Nesse sentido, ainda

é recente na história do país a efetivação de políticas públicas que visam à ampliação da democratização de acesso e permanência no Ensino Superior, considerando as desigualdades que fundamentam essas exclusões para grupos específicos como: pessoas negras, indígenas, ribeirinhos, do campo, etc.

Diante desse contexto, de histórica desigualdade, os autores Hage, Pereira e Brito (2013) entendem que as políticas públicas afirmativas devem ser analisadas por meio da ideia de compensação, como forma de afirmar que houve processo de exclusão histórico de segmentos sociais que foram colocados à margem de seus direitos básicos. Assim, pesquisas voltadas para as trajetórias de vida com foco na educação são importantes para a ampliação das políticas afirmativas na educação superior e básica.

O diálogo sobre a entrada na universidade é atravessado, centralmente, por esta trajetória histórica da desigualdade educacional no contexto brasileiro. Sobre isso, os autores Sampaio e Oliveira (2015), identificam três dimensões da desigualdade no âmbito educacional: acesso, tratamento e de conhecimentos. A dimensão do acesso, nessa concepção, é entendida como relacionada com “a concepção de igualdade que pode ser associada a essa dimensão é a de oportunidades [...]” (OLIVEIRA; SAMPAIO, 2015, p. 513), no sentido que a entrada e presença nas instituições educacionais devem ser garantidas por meio de ações concretas que garantam essa amplitude de acesso.

A discussão sobre ensino superior está em constante ascensão na agenda pública, inclusive houve aumento de reportagens e discussões públicas sobre este nível terciário da educação. Devo enfatizar, inclusive, que “[...] o sistema de ensino superior tornou-se, mais que o “Destino” de uns poucos privilegiados, uma escolha possível para muitos cidadãos [...]” (BARBOSA, 2015, p. 257). Maria Lígia Barbosa (2015) apresenta essa relação essencial entre o processo educacional e a ideia de garantia da cidadania.

Diante destes apontamentos breves do contexto mais amplo que envolve todas as instituições de ensino superior, quais articulações podem ser feitas com as histórias de Elizabeth e Camila? Primeiro, é relevante olhar para o deslocamento necessário para estudar. A mudança para uma nova cidade, em todo seu espaço social, que difere das vivências cotidianas que elas tinham quando moravam na comunidade ribeirinha. Entendo que esse deslocamento não é uma simples viagem, não é como passar uns dias de férias e voltar para casa. É preciso ir, de forma concreta, ir para

um novo lugar e tentar passar por uma transição que não é apenas entrar na universidade, como foi comigo e com a grande maioria das pessoas que cursam o ensino superior, é também entrar numa cidade ainda pouco conhecida. Ou seja, sair do território de relações comunitárias de proximidade e vir para uma capital estudar foi o primeiro grande desafio da vida adulta dessas estudantes.

Outro fator importante para o processo de transição para a universidade é a própria carga horária do curso. No caso de Elizabeth, o curso é em horário integral, o que representa mais uma situação complicada por impedir que tenha trabalho. No caso de Camila, o curso é meio período, porém ainda sabemos que a vida acadêmica é formada por uma tríade: pesquisa, ensino e extensão. Por isso, não se pode medir apenas pela hora-aula, mas entender que a universidade demanda muito tempo e as pessoas que precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo acabam por ter mais dificuldade no acesso às atividades que vão além do ensino.

Sobre a relação entre a escola e a entrada na universidade, as falas de Elizabeth demonstram que existe pressões por parte de docentes baseados no pressuposto da bagagem anterior que não receberam. Ou seja, que as experiências na escolarização básica são insuficientes para o aprendizado na universidade.

Na relação professor-aluno apresentada por Elizabeth está caracterizada pela falta de humanização. Mas essa desumanização não se limite a casos específicos apenas, nas falas de Camila e Elizabeth é possível ver a instituição universitária como um espaço competitivo, individualista e com excesso de trabalhos, situações que agravam a saúde mental dos estudantes.

Outros pontos que são perceptíveis nas falas das estudantes ribeirinhas são seus descontentamentos sobre a relação entre a teoria e a prática, algo que entendo que diz muito sobre a forma que políticas públicas são implementadas no Brasil. Situação que não ocorre apenas nas políticas educacionais, mas sim em vários outros âmbitos. Os professores ensinam, mas a preparação para a vida pós-formada deve ser a partir da tríade: ensino, pesquisa e extensão. Outro ponto que aparece de forma muito nítida é a falta de relação entre os conteúdos da universidade com o contexto amazônico ao seu entorno, dando margem aos questionamentos sobre origens, cores e culturas dos professores que compõem esse quadro. Acredito que diante da história de desigualdade educacional e regional no Brasil, com a exploração da região norte e baixo investimento na educação dessa região específica, é importante se questionar como mudar essa situação? Como deixar a universidade daqui mais coerente?

Entendo que há mudança na diversidade de cor, gênero, sexualidade e território das pessoas que frequentam a universidade pública no Brasil. Diante disso, e a partir das falas apresentadas nessa dissertação, é preciso repensar caminhos e possibilidades para garantir o acolhimento e permanência desses estudantes. É preciso garantir que a instituição pública se atualize e se fortalece diante desses novos tempos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nas narrativas que guiaram essa pesquisa tive como norteador o objetivo de analisar a trajetória de estudantes ribeirinhas no acesso e permanência na universidade. Engraçado que o objetivo inicial de quando comecei a escrever era de analisar os sentidos e significados da identidade para as estudantes. Mas pesquisar é isso: entender que o curso do rio muda e deságua em outras e novas direções. Penso no objetivo atual e entendo que a pesquisa foi além dele, falo de histórias de

vida em todas suas complexidades. Trago afetos das participantes, e meus também, eu fui afetada por essa pesquisa. Reconheci nas histórias ouvidas partes de minha própria história.

Penso nas aberturas que a história da Camila e Elizabeth trouxeram sobre o acesso dessas populações na universidade. Penso que a UNIR está na Amazônia e mesmo assim pouco se sabe sobre as condições desses estudantes no cotidiano universitário. Olho através desses relatos sobre meu próprio acesso à universidade e entendo que somente através de discussões e a real participação coletiva nas políticas públicas de educação é possível melhorar e aumentar esse acesso ao ensino superior. É preciso ouvir os estudantes ribeirinhos, negros, mulheres, indígenas, LGBTQI+, sobre suas experiências antes e durante a universidade.

As histórias de Elizabeth e Camila possibilitam esses indicadores para as políticas de educação. Mostram caminhos possíveis que são em primeiro lugar garantir que os estudantes de comunidades rurais-ribeirinhas tenham total acesso à educação básica de qualidade e construídas pensando nas várias oportunidades a seguir. Mas para isso é primordial que essa educação faça sentido para essas pessoas, ou seja, a educação ali na escola ribeirinha precisa ser pensada de forma coletiva visando melhorias a curto, médio e longo prazo. Então, falo aqui de pensar educação dentro de uma perspectiva histórica. De olhar a educação como saúde mental, autoestima, conhecimento, e uma forma de enfrentamento contra o caráter devastador do capitalismo que é desumanizar pessoas e recriar histórias com finais felizes. Não existem finais, a história não tem fim. Os ribeirinhos estão mudando suas demandas e uma delas é a busca por mais educação e a escola da comunidade precisa estar articulada com a universidade para garantir esse acesso.

Falo até de maneira utópica sobre essa garantia no acesso ao ensino superior. Mas existem caminhos e as participantes mostram isso. Elizabeth por meio da relação com uma professora entendeu que podia continuar estudando. Ela viu sentido na educação, viu que ela podia ocupar esse espaço que antes era quase impossível para sua família. Camila viu na escola as diferenças no acesso à escolarização básica e essa consciência da desigualdade a guia na sua trajetória acadêmica e profissional. É preciso ver a desigualdade e só assim buscar formas de superá-la. Como posso falar de acesso à educação superior num contexto em que há precariedade no transporte escolar fluvial para as comunidades ribeirinhas? A sensação que fico é que, e devo confessar isso está mais para uma constatação, é que a educação que deveria

agir como proteção e fortalecimento das populações tradicionais e rurais, age como mais uma forma de humilhação por parte do Estado Capitalista.

Entendo também que a Amazônia é esse território de disputa econômica e política, e que os povos daqui são vistos apenas como mão de obra barata. Fora isso são invisíveis ou tratados apenas como um incômodo que precisa ser eliminado para que “a boiada possa passar”. Para que a boiada continue passando como parte do fenômeno histórico de exploração do território amazônico é ideal que não se invista mesmo em educação, saúde e cultura. Afinal, não é interessante que esses povos da floresta e da água sejam mais fortes e conscientes de suas potencialidades de transformação.

Ainda sim, mesmo em um contexto de acesso precário aos direitos básicos, há pessoas ribeirinhas conseguindo se manter no ensino superior e tendo experiências educacionais que antes eram muito mais difíceis de conseguir.

Reflito também sobre os relatos das participantes sobre a universidade e o que vejo são algumas contradições. A universidade se torna central no relato das duas jovens, mas ao mesmo tempo existe também um processo de adoecimento e exaustão por motivos como: abusos de autoridade na relação docente-discente, o aparecimento de faltas do processo educativo básico, a negação do contexto da Amazônia, o estímulo à competição de forma exagerada.

Quando vou para essa relação entre estudantes e universidade no contexto da pandemia da COVID-19, a situação se torna ainda mais grave. Por exemplo, eu tive dificuldades em fazer conversas por vídeo chamada com uma das participantes. Só foi possível quando ela veio para Porto Velho - RO. E nesse caso, não é apenas um auxílio internet que pode resolver, pois é algo estrutural das comunidades ribeirinhas esse difícil acesso à internet. Mesmo assim, a universidade está utilizando da educação à distância, mas isso precisa ser feito de forma contemplar todos.

Para fechar, a pesquisa desenvolvida contribuiu com as seguintes indicações para as Políticas Educacionais de Ensino Superior Público: fomento à formação dos professores universitários para atuação humanitária, principalmente na relação docente-discente; fomento às ações pedagógicas, projetos de pesquisa e extensão voltadas às populações da Amazônia; Por último, ficou perceptível a necessidade pela ampliação de apoios psicológicos e pedagógicos aos estudantes e professores.

## REFERÊNCIAS

ALVES, C. P. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. **Textos e debates**, Boa Vista, s/v, n.31, p. 33-41, jan./jun. 2017. Disponível em: <<https://revista.ufrb.br/textosedebates/article/view/4255>> Acesso em: 05 nov. 2019.

ASBAHR, F. da S. F. “**Por que aprender isso, professora?**” Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. 2011. 220 f. Tese (Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-24032011.../teseFlaviaAsbahr.pdf> > Acesso em: 06 jun. 2019.

BARBOSA, M. L. de O. Destinos, Escolhas e a Democratização do Ensino Superior. **Política & Sociedade**, Florianópolis, vol. 14, Nº 31, p. 256-282 - Set./Dez. 2015.

Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2015v14n31p256>. Acesso em: 10 nov. 2020.

BARBOSA, M. S. S. **O papel da escola**: obstáculos e desafio para uma educação transformadora (Dissertação de Mestrado em Educação –Universidade Federal do Rio Grande do Sul). UFRGS, 2004. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/6668/008093.pdf?sequenc>>. Acesso em 13. fev. 2020.

BARRETO FILHO, H. T. (2006). **Populações tradicionais**: introdução a uma crítica ecológica política de uma noção, in ADAMS et al., C. Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade, São Paulo, Annablume, 2006.

BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG. 1998.

BOCK, A. M. B. **A psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em Psicologia. In: BOCK, Ana Maria Bahia.; FURTADO, M. Graça M. Gonçalves Odair (Orgs.) Psicologia sócio-histórica. uma perspectiva crítica em Psicologia, 2007.

BRONDIZIO, E. S.; SIQUEIRA, A. D. **O Habitante Esquecido**: o caboclo no contexto Amazônico. São Paulo em Perspectiva, 1992.

CAIXETA, J. E.; BORGES, F. T. Da Entrevista Narrativa à Entrevista Narrativa Mediada: Definições, Caracterizações E Usos Nas Pesquisas Em Desenvolvimento Humano. Fronteiras: **Journal of Social, Technological and Environmental Science**, v.6, n. 4, p. 67-88, 2017. Disponível em: <https://doi.org/https://doi.org/10.21664/2238-8869.2017v6i4.p67-88>. Acesso em: 15 jan. 2021.

CALDAS, R. F. L.. Fracasso escolar: reflexões sobre uma história antiga, mas atual. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo , v. 7, n. 1, p. 21-33, jun. 2005 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-36872005000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acesso em: 08 jan. 2021.

CALEGARE, M. G. A.; HIGUCHI, M. I. G.; BRUNO, A. C. dos S.. Povos e comunidades tradicionais: das áreas protegidas à visibilidade política de grupos sociais portadores de identidade étnica e coletiva. **Ambient. soc.**, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 115-134, set., 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414753X2014000300008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414753X2014000300008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CARDOSO, Á. A.; COIMBRA, C. M. B.. Banzeirar: fazendo ribeirinho certas práticas ditas de cuidado. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 31, s.n. p. 185-194, Dez. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922019000600185&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922019000600185&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 07 nov. 2020.

CARMO, E. S.; PRAZERES, M. S. C. Políticas educacionais para a Amazônia: teorias, práticas e contradições. **RBPAE**, s/l, v. 31, n. 3, p. 531 - 543 set./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/rbpaee/article/view/60010>. Acesso em: 20 nov. 2020.



COLARES, A. A. História da educação na Amazônia. Questões de Natureza Teórico-metodológicas: Críticas e Proposições. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, SP, v. 11, n. 43, p. 187–202, 2012. DOI: 10.20396/rho.v11i43e.8639960. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639960>. Acesso em: 20 nov. 2020.

FRAXE, T.; PEREIRA, H. dos S.; WITKOSKI, A. C. (Org.) **Comunidades ribeirinhas amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.

FONAPRACE – FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **V Pesquisa do perfil do socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das instituições federais de ensino superior brasileiras**. Brasília: Fonaprace, 2014. Disponível em: <<http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-nacional-de-perfil-socioeconomico-e-cultural-dos-as-graduandos-as-das-ifes-2018/>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

FREITAS, S. M. de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. 2 ed. – São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

BOCK, A. M. B. **A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia** In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. G. O. (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GOMES DO NASCIMENTO, R. *et al.* Rotinas de famílias de idosos ribeirinhos amazônicos e reestruturações de papéis na velhice. **Cienc. Psicol.**, Montevideo, v. 13, n. 1, p. 164-170, jun. 2019. Disponível em: <[http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1688-42212019000100164&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-42212019000100164&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2019.

GONÇALVES, M. da G. M. **A Psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica**. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. da G. M.; FURTADO, O. Gonçalves Odair (Orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GONZÁLEZ-REY, F. L. **Pesquisa Qualitativa em Psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GUZZO, R. S. L. A (des)igualdade social e a Psicologia: Uma perspectiva para o debate sobre a pobreza. In: XIMENES, V. M. et al (Orgs.). **Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

HAGE, S. A.M. ; BRITO, M. M. B. ; PEREIRA, R. A. G. . **Educação Superior e Democratização: O Acesso de populações negras, indígenas e do campo no ensino superior na Amazônia Paraense**. *Temas em Educação (UEPB)*, v. 22, p. 83-102-102,

2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rteo/article/view/17788>  
Acesso em: 23 fev. 2021.

LIMA, A. o F. de.; CIAMPA, A. da C. Sem pedras o arco não existe: o lugar da narrativa no estudo crítico da identidade. Dossiê: Identidade, metamorfose, emancipação. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v29/1807-0310-psoc-29-e171330.pdf> Acesso em: 24 mar. 2019.

LIMA, M. A. R. de; ANDRADE, E. dos R. G. Os ribeirinhos e sua relação com os saberes. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 38, n. 24, p. 58-87, maio/ago. 2010 Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4027>. Acesso em: 20 jan. 2021.

LIRA, T. de M.; CHAVES, M. do P. S. R. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **INTERAÇÕES**, Campo Grande, MS, v. 17, n. 1, p. 66-76, jan./mar. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-70122016000100066&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1518-70122016000100066&script=sci_abstract&lng=pt) > Acesso em: 22 out. 2018.

MARZOCHI, A. S.. Procedimentos metodológicos de pesquisa com jovens infratores: a importância da história oral. **Resgate: Revista Interdisciplinar De Cultura**, v. 21 n. 1, p. 107-112, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645759> Acesso em: 03 mar. 2020.

Moutinho, M.; Robrahn-González, E. M. **Memórias de Rondônia**. São Paulo: Arte Ensaio, 2010. Disponível em: [https://www.esbr.com.br/uploads/document/file/1126/Livro\\_Mem%C3%B3rias\\_de\\_Rond%C3%B4nia.pdf](https://www.esbr.com.br/uploads/document/file/1126/Livro_Mem%C3%B3rias_de_Rond%C3%B4nia.pdf). Acesso em 18 fev. 2021;

MUYLAERT, C. J. et al . Narrative interviews: an important resource in qualitative research. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo , v. 48, n. spe2, p. 184-189, dez. 2014 . Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0080-62342014000800184&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342014000800184&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 fev. 2021. <http://dx.doi.org/10.1590/S0080-62342014000800027>.

NASCIMENTO, R. G. do; *et al.* Housing conditions and the degree of home satisfaction of elderly riverside residents of the Amazon region. **Psico-USF**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 389-399, Dez. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-82712017000300389&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712017000300389&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2020.

SAMPAIO, T. C.; OLIVEIRA, R. P. de. Dimensões da desigualdade educacional no Brasil. **RBPAE**, s/l, v. 31, n. 3, p. 511-530, set./dez. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/60121/37016> Acesso em: 05 out. 2020.

Trabalho de cuidado: uma questão também econômica. **OXFAM Brasil**, s/l, 23 de jan. de 2020. Disponível em: < <https://www.oxfam.org.br/blog/trabalho-de-cuidado-uma-questao-tambem-economica> >. Acesso em: 06 de jun. de 2020.

PINO, A. **As marcas do Humano**: as origens da constituição cultural na criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

QUARESMA, R. de J. C.; PANTOJA, G. F.; CORDEIRO, E. M. Escola, comunidade e educação ribeirinha: relações sócio territoriais e concepções de ensino. **Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales**, s/l, s/v, n. 63, s/p, jan. 2020. Disponível em:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/01/escola-comunidade-educacao.html>  
<http://hdl.handle.net/20.500.11763/cccss2001escola-comunidade-educacao>. Acesso em: 05 jan. 2021.

RENTE NETO, F.; FURTADO, L. G. A ribeiridade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de Campo** (São Paulo - 1991), [S. l.], v. 24, n. 24, p. 158-182, 2016. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v24i24p158-182. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/97408>. Acesso em: 20 abr. 2021. Acesso em: 06 jan. 2021.

SANTOS, J. dos. **Populações ribeirinhas e educação do campo**: análise das diretrizes educacionais do município de Belém-PA, no período de 2005-2012. 2014. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2014. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/5877>> Acesso em: 20 jun. 2019.

SAWAIA, B. B.; SILVA, D. N. H. **A subjetividade revolucionária**: questões psicossociais em contexto de desigualdade social. In: TOASSA, G.; SOUZA, T. M. C.; RODRIGUES, D. de J. da S. (Orgs.) *Psicologia sócio-histórica e desigualdade social: do pensamento à práxis*. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.

SHUARE, M. **La concepción Histórico-Cultural de L.S. Vigotski**. In: \_\_\_\_\_. *La psicología soviética tal como yolaveo*. Editorial Progreso: Moscou, 1990. p. 57-85.

SOUZA, V. A. de. **Rondônia, uma memória em disputa**. 2011. 185 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/103127>>. Acesso em: 06 jan. 2021.

SOUZA, C. M. de. **Memória e Oralidade**: entre o individual e o social. **Textos e Debates** (UFRR), v. 12, p. 10-15, 2007. Disponível em: <<https://revista.ufr.br/textosedebates/article/download/1149/936>>. Acesso em: 15 nov. 2019.

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski**: investigação para uma perspectiva histórico-cultural. 2009. 348 f. Tese (Doutorado), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP. 2009. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-19032009-100357/en.php> Acesso em: 08 mar. 2020.

TOLEDO, C. **Gênero e Classe**. São Paulo: Editora Sundermann, 2017.

BARROS TRUBILIANO, C. A. **EXPLORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO INDÍGENA NA FORMAÇÃO DOS SERINGAIS EM RONDÔNIA**. Diálogos, s/l, v. 21, n. 3, p. 51-63, 1 set. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/39275>. Acesso em: 02 mar. 2021.

UNIR. **Sobre a Universidade Federal de Rondônia**. Sobre a UNIR [s. d.]. Disponível em: <<https://www.unir.br/>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, L. S. **Quarta aula**: a questão do meio na pedologia. Psicologia USP, São Paulo, v. 21, n. 4, jan. 1935/2010, p. 681-701. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0103-65642010000400003>. Acesso em: 02 nov. 2020.

XIMENES, V. M.; CIDADE, E. C.; SILVA, A. M. S. **Pesquisas em Psicologia nos contextos de pobreza**: Para que e para quem? In: In: XIMENES, V. M. et al (Orgs.). Implicações psicossociais da pobreza: diversidades e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016.

ZANATTA, J. A.; COSTA, M. L. Gemido dos excluídos: a construção social do adoecimento. **Rev. Psicol. Saúde**, Campo Grande, v. 8, n. 2, p. 113-128, dez. 2016. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-093X2016000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-093X2016000200009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 10 out. 2020.

## APÊNDICE A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO (TCLE)

O presente documento tem a intenção de solicitar a sua participação voluntária na pesquisa intitulada “**Identidade e cultura de jovens ribeirinhos universitários na Amazônia**”, que tem por objetivo analisar as significações de jovens ribeirinhos universitários sobre sua identidade e suas práticas culturais na Amazônia, visando compreender aspectos da constituição da identidade de jovens a partir das práticas culturais próprias do ser ribeirinho na Amazônia, rural e urbana. Dessa forma, a pesquisa consistirá numa entrevista inicial que tem como foco abordar a história de vida do participante buscando entender os aspectos da história deste que mais são relevantes no seu processo de se perceber como um ser singular em sua identidade. Após, essa entrevista inicial o participante seguirá na pesquisa por meio da produção independente de fotografias que busquem retratar momentos/vivências que foram

importantes na sua história de vida. E por último, será feita uma entrevista com base nas fotografias produzidas pelos sujeitos que concordaram em fazer parte deste estudo.

Todas as informações que forem prestadas serão confidenciais sendo apenas analisadas pela pesquisadora e sua orientadora, sendo resguardado seu nome e a instituição, caso você não queira ser identificada(o). Deixo claro que as informações que você me fornecer poderão ser utilizadas apenas para publicação de trabalhos científicos ou apresentação em encontros de natureza científica.

Entende-se que toda pesquisa com seres humanos envolve riscos. E neste estudo que objetiva estudar identidade é possível que haja lembranças com diferentes afetos como alegria, tristeza, raiva, etc. Diante disso, a presente pesquisadora se propõe a informar sobre serviços gratuitos de psicologia que possam atender os participantes.

Sobre as os benefícios, o presente estudo pretende contribuir com a ampliação da discussão sobre temáticas como identidade individual e coletiva; jovens ribeirinhos no Ensino Superior; cultura amazônica e a ideia de perspectiva de vida de jovens universitários e suas significações sobre a dialética rural-urbano.

A sua participação é inteiramente voluntária e é seu direito retirar-se da pesquisa em qualquer momento que desejar, bem como determinar que sejam excluídas da pesquisa quaisquer informações que já tenham sido dadas, sem que isso implique em qualquer prejuízo a você. Por fim, enfatizo que não haverá nenhuma remuneração pela sua participação no presente estudo e também nenhum tipo de despesa. Importante também pontuar que todos os materiais oriundos da pesquisa serão guardados por cinco anos e depois destruídos. Informo abaixo os contatos para esclarecimentos de dúvidas ou comunicado de qualquer natureza:

<p><b>Pesquisadora Responsável</b>  <b>Jéssica Fabrícia Silva Lima</b>  Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Psicologia (MAPSI) da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR.  <b>Telefone:</b> (69) 99305-4311  <b>E-mail:</b> jessicafabricia003@gmail.com</p>	<p><b>Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Federal de Rondônia</b>  Campus José Ribeiro Filho, BR 364, Km 9,5, Bloco 2C, Sala 214, Porto Velho/RO.  <b>Horário de funcionamento:</b> Segundas, quartas e sextas a tarde  <b>Telefone:</b> (69) 2182-2116  <b>E-mail:</b> cep@unir.br</p>
---	--

Após estes esclarecimentos, solicito o seu consentimento, de modo que permita sua participação nesta pesquisa.

---

Jéssica Fabrícia Silva Lima  
Mestranda

### **CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, após ter lido e discutido com a pesquisadora os aspectos contidos no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e após estar convenientemente esclarecido (a), declaro que concordo em participar voluntariamente da presente pesquisa e não ter recebido nenhuma forma de pressão para tanto. Declaro, também, ter recebido uma cópia do presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Porto Velho, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2018

---

Assinatura do Participante

## APÊNDICE B

### Formulário

**Título do formulário:** Identidade de estudantes ribeirinhos na UNIR

**Conteúdo:**

Pesquisa sobre estudantes de origem ribeirinha na UNIR

SE VOCÊ É OU CONHECE ALGUM ESTUDANTE DE ORIGEM RIBEIRINHA QUE TENHA INGRESSADO EM ALGUM CURSO DE GRADUAÇÃO DA UNIR, POR FAVOR, RESPONDA ESTE FORMULÁRIO OU COMPARTILHE.

Sou Jéssica Lima, mestranda em Psicologia na UNIR e, sob a orientação da Profa. Dra. Lílian Caroline Urnau, pretendo estudar a identidade de estudantes ribeirinhos que acessaram os cursos de graduação da Universidade Federal de Rondônia.

Sua participação nesta pesquisa é de imensa valia para entendermos a história de vida de pessoas ribeirinhas que estão vivenciando o Ensino Superior.

Estou disponível para contato:

E-mail: [jessicafabricia003@gmail.com](mailto:jessicafabricia003@gmail.com)

Whatsapp: XXX

Caso você seja ou conheça esse estudante, clique em "próxima" para preencher o formulário.